

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



**ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS**

**A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR EM JESSIER QUIRINO: UM ESTUDO  
LÉXICO-SEMÂNTICO**

JOÃO PESSOA, PB

FEVEREIRO – 2020

**ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS**

**A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR EM JESSIER QUIRINO: UM ESTUDO  
LÉXICO-SEMÂNTICO**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

**Área de Concentração:** Literatura, Cultura e Tradução.

**Linha de Pesquisa:** Estudos Semióticos

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria do Socorro Silva de Aragão

JOÃO PESSOA, PB

FEVEREIRO – 2020

**Catlogação na publicação Seção de Catlogação e  
Classificação**

S2371 Santos, Ellem Kyara Pessoa dos.

A Linguagem Regional-Popular em Jessier Quirino: Um  
Estudo Léxico-Semântico / Ellem Kyara Pessoa Dos  
Santos. - João Pessoa, 2020.

184 f. : il.

Orientação: Maria do Socorro Silva de Aragão.  
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. Léxico. 2. Linguagem Regional-Popular. 3. Língua. 4.  
Sociedade. 5. Cultura. I. Aragão, Maria do Socorro  
Silva de. II. Título.

UFPB/CCHLA

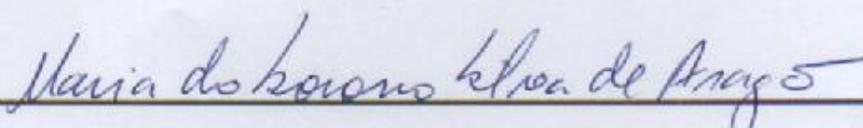
ELLEM KYARA PESSOA DOS SANTOS

A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR EM JESSIER QUIRINO: UM ESTUDO  
LÉXICO-SEMÂNTICO

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Mestra em Letras.

Data da aprovação 14/02/2020

BANCA EXAMINADORA

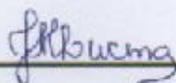


---

Profª Drª Maria do Socorro Silva de Aragão

Universidade Federal da Paraíba

(Orientadora)

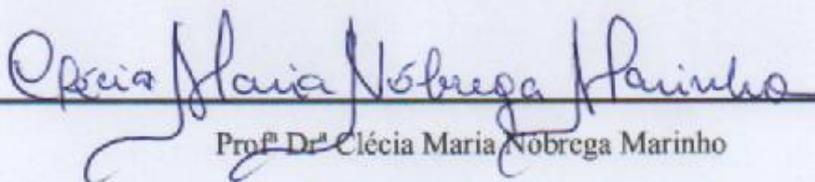


---

Profª Drª Josete Marinho de Lucena

Universidade Federal da Paraíba

(Examinadora)



---

Profª Drª Clécia Maria Nóbrega Marinho

Instituto Federal da Paraíba

(Examinadora)

Os avós são a extensão do amor divino; com os meus aprendi que a verdadeira riqueza consiste em possuir aquilo que o dinheiro não pode comprar.

Saudade é o amor que fica.

*(In Memoriam)*: Horácio, Alzira, Severino e Geralda.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, pelo dom da vida, por sua infinita misericórdia e por toda força, fé, coragem e discernimento que me dá todos os dias, permitindo-me desbravar caminhos e viver sonhos inimagináveis.

Ao poeta **Jessier Quirino**, pela rica contribuição dada à Literatura Regional-Popular Brasileira através de seus escritos.

À minha orientadora e mãe acadêmica, **Professora Dr<sup>a</sup> Socorro Aragão**, pelo conhecimento compartilhado, pelo cuidado, dedicação e paciência ao longo desta pesquisa. Sua coragem, humildade e força de vontade são fontes de inspiração. Agradeço por todas as orientações que me fez evoluir enquanto pesquisadora e por todos os conselhos que me fizeram/fazem evoluir como pessoa. Obrigada, por acreditar em mim e ensinar-me a voar, minha “bichinha”!

Aos **Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba**, pelos sábios ensinamentos transmitidos.

À **Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES**, pelo apoio financeiro, fundamental para a minha permanência no programa.

À professora **Dr<sup>a</sup> Josete Marinho de Lucena**, pelas conversas enriquecedoras, pelas trocas de conhecimentos e pela oportunidade que me deu de participar do Grupo de Pesquisa Estágio, Ensino e Formação Docente - GEEF.

Às Professoras **Dr<sup>a</sup> Marinalva Freire da Silva**, **Dr<sup>a</sup> Josete Marinho de Lucena** e a **Dr<sup>a</sup> Clécia Maria Nóbrega Marinho**, por aceitarem compor a banca e pelas valiosas contribuições que enriqueceram esta pesquisa.

À **minha família**, especialmente à minha mãe, Dona **Edjane Alves** e ao **meu namorado, Bruno**, por todo apoio, cuidado, compreensão e paciência. É por vocês e para vocês que luto diariamente.

Aos **meus amigos**, pelos gestos de solidariedade e incentivo nessa trajetória tão significativa da minha vida.

Enfim, a **todos** que, direta ou indiretamente, contribuíram para a efetivação deste trabalho. De coração, muito obrigada!

*“Nosso trabalho não é [apenas] para a geração atual; daqui a cem anos, os estudiosos encontrarão nele uma fotografia do estado da língua e neste ponto serão mais felizes que nós, que nada encontramos do falar de 1822”*

*(NASCENTES, 1953, p. 24)*

## RESUMO

O presente trabalho apresenta considerações acerca da linguagem regional-popular utilizada pelo escritor paraibano Jessier Quirino, com o propósito de identificar e descrever o léxico regional característico da região do Nordeste brasileiro. É neste viés, que o objetivo central desta pesquisa é inventariar, em um glossário, a linguagem regional-popular do escritor Jessier, possibilitando, assim, que a sociedade atual e as gerações futuras, bem como pesquisadores da área tenham acesso a este acervo linguístico-cultural. Tal objetivo justifica-se pela riqueza de expressões regionais que as obras em estudo apresentam, desta maneira, podemos atestar que uma pesquisa deste teor contribui para a preservação dos falares regionais, como também comprova a riqueza cultural do Nordeste brasileiro e, ainda, enaltece a escrita literária de escritores regionalistas como Quirino. Tornando, desta maneira, esse tipo de linguagem, ainda pouco estudada, reconhecida não somente no meio acadêmico, mas na sociedade em geral. Nesta perspectiva, este estudo se fundamenta nos pressupostos teóricos da Dialectologia, Sociolinguística, Etnolinguística, Lexicologia, Lexicografia e da Semântica, que serão utilizados conforme Aragão (2005), Biderman (2001), Borba (2002), Cardoso (2016), Coseriu (1977), Pottier (1972), entre outros. Quanto ao *corpus* da pesquisa, este é composto por quatro obras quirinianas, a saber: *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013). Tais obras poéticas representam, com propriedade, a linguagem regional utilizada pelo povo nordestino. Diante disso, fica notória a importância de um glossário léxico-semântico, haja vista que este pode exercer, dentre tantas funções, a função de patrimônio histórico de uma dada comunidade linguística, possibilitando, portanto, o conhecimento e a preservação dos falares regionais. Por fim, inferimos que no *corpus* analisado foi possível identificarmos dentro daquilo que depreendemos como linguagem regional/popular: neologismos, arcaísmos e expressões nordestinas de uso corrente na língua.

**Palavras-Chave:** Léxico. Linguagem Regional-Popular. Língua. Sociedade. Cultura.

## ABSTRACT

This work presents considerations about the regional and popular language used by Brazilian writer Jessier Quirino, aiming to identify and describe the specific Northeastern Brazil vocabulary. Thus, the main goal of our research is to list, in a glossary, the regional-popular language of Jessier, this way ensuring that our current society and future generations, as well as researchers in the area, have access to this linguistic and cultural collection. This goal is justified by the wealth of regional expressions presented by the works studied. This way, we can confirm that a research like this one contributes to the preservation of regional speeches and also proves the cultural wealth of Northeastern Brazil, also extolling the literary writing of regionalist authors such as Quirino. Thus, this type of language, which requires further studies, becomes recognized not only in the academic environment, but in society in general. Therefore, our study is based on the theoretical assumptions of Dialectology, Sociolinguistics, Ethnolinguistics, Lexicology, Lexicography and Semantics, which will be used according to Aragão (2005), Biderman (2001), Borba (2002), Cardoso (2016), Coseriu (1977), Pottier (1972), among others. As for the *corpus* of the research, it is composed of four Quirinian works, namely: **Prosa Morena** (2005), **Bandeira Nordestina** (2006), **Berro Novo** (2009) and **Papel de Bodega** (2013). Those poetic works properly represent the regional language used by the Northeastern people in Brazil. Therefore, the importance of a lexical-semantic glossary is noteworthy, given that it can perform, among so many functions, that of historical heritage of a given linguistic community, thus enabling the knowledge and preservation of regional speeches. Finally, we have identified, in our *corpus*, within what we perceive as the regional-popular language, neologisms, archaisms and northeastern expressions of current use in the region.

**Keywords:** Lexicon. Regional-Popular Language. Language. Society. Culture.

## LISTA DE SIGLAS OU ABREVIATURAS

AB – Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira

AH – Dicionário Antônio Houaiss

EB – Dicionário Evanildo Bechara

HA – Dicionário Horácio de Almeida

FJ – Dicionário Antônio Soares da Fonseca Jr.

FN – Dicionário Fred Navarro

BN – Obra literária Berro Novo

BAN – Obra literária Bandeira Nordestina

PM – Obra literária Prosa Morena

PB – Obra literária Papel de Bodega

LSDAE – Lexia Simples Dicionarizada com Acepção Equivalente

LSDAD – Lexia Simples Dicionarizada com Acepção Diferente

LSND – Lexia Simples Não Dicionarizada

LCPDAE – Lexia Composta Dicionarizada com Acepção Equivalente

LCPDAD – Lexia Composta Dicionarizada com Acepção Diferente

LCPND – Lexia Complexa Não Dicionarizada

LCXDAE – Lexia Complexa Dicionarizada com Acepção Equivalente

LCXDAD – Lexia Complexa Dicionarizada com Acepção Diferente

LCXND - Lexia Complexa Não Dicionarizada

LTDAE – Lexia Textual Dicionarizada com Acepção Equivalente

LTDAD – Lexia Textual Dicionarizada com Acepção Diferente

LTND – Lexia Textual Não Dicionarizada

s.f. – Substantivo Feminino

s.m. – Substantivo Masculino

adj. – Adjetivo

prep. – Preposição

v. – Verbo

exp. – Expressão

Var. – Variante

Cf. – Conferir

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>14</b>
<b>1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>18</b>
<b>1.1 Léxico.....</b>	<b>18</b>
1.1.1 As Unidades do Léxico .....	21
1.1.2 O Léxico e suas significações .....	23
1.1.3 Semântica.....	25
<b>1.2 Ciências do Léxico.....</b>	<b>29</b>
1.2.1 Lexicologia .....	30
1.2.2 Lexicografia .....	33
<b>1.3 As variações linguísticas: regional, social e cultural .....</b>	<b>37</b>
1.3.1 Dialectologia.....	42
1.3.2 Sociolinguística.....	51
1.3.3 Etnolinguística .....	58
<b>2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA .....</b>	<b>62</b>
<b>2.1 Pesquisa bibliográfica .....</b>	<b>62</b>
<b>2.2 Universo de pesquisa.....</b>	<b>63</b>
<b>2.3 Sobre o autor e suas obras .....</b>	<b>63</b>
<b>2.4 Seleção do <i>corpus</i>.....</b>	<b>66</b>
<b>2.5 Fichamento do <i>corpus</i> .....</b>	<b>67</b>
<b>2.6 Caracterização do <i>corpus</i> .....</b>	<b>69</b>
<b>2.7 Organização do glossário .....</b>	<b>71</b>
2.7.1 Critérios para a seleção dos itens lexicais do glossário.....	71
2.7.2 Organização interna do glossário .....	71
2.7.2.1 A <i>macroestrutura</i> .....	72
2.7.2.2 A <i>microestrutura</i> .....	74
<b>3. GLOSSÁRIO LÉXICO-SEMÂNTICO DA LINGUAGEM REGIONAL/POPULAR DE JESSIER QUIRINO .....</b>	<b>75</b>

<b>4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>168</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>173</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>175</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>184</b>

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O empenho à realização deste estudo se deve à literatura regional escrita em forma de poesia proseada pelo escritor paraibano Jessier Quirino. Ao nos debruçarmos em suas obras, percebemos que o escritor de literatura regional popular dá ênfase à preservação da realidade linguística local, enaltecendo a rica diversidade linguística da Língua Portuguesa do Brasil.

Nessa direção, é possível afirmar que esta pesquisa ao tratar da linguagem regional, especificamente a nordestina, possibilitou uma maior compreensão sobre o povo nordestino e sua identidade sociocultural, haja vista que, a partir do inventário lexical analisado, é possível evidenciarmos claramente a realidade social e cultural de dada comunidade linguística.

Logo, o estudo do léxico de uma língua é de grande importância, uma vez que nos viabiliza um acompanhamento do processo de evolução e transformação de uma língua e de sua cultura. Isto é possível porque “a língua é um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, num cérebro de um conjunto de indivíduos” (SAUSSURE, 1979, p. 21).

Desse modo, seria um equívoco estudar os fenômenos linguísticos tomando a língua como um fato isolado, tendo em vista que as relações entre língua, sociedade e cultura são deveras estreitas. Logo, todo e qualquer estudo que parta de uma análise linguística deve levar em consideração o contexto extralinguístico, visto que toda língua é produto da cultura de um grupo de indivíduos, sendo, portanto, no léxico que se reflete a diversidade de valores culturais e de visões de mundo de um povo.

Nesta pesquisa, analisamos de forma cuidadosa quatro obras do escritor nordestino Jessier Quirino: *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013). Buscamos identificar o léxico regional-popular, bem como os fatores que contribuem para a ocorrência das variações. Para tal, este estudo está teoricamente embasado pelos pressupostos da Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Dialetoлогия e Etnolinguística. É por meio dessas disciplinas que conseguimos observar, descrever e analisar o conjunto virtual de unidades lexicais, isto é, o léxico de uma língua.

A Lexicologia é a ciência que oferece suportes teórico-metodológicos para o estudo científico do léxico. “A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico” (ABBADE, 2011, p. 1332). A Lexicografia, por outro lado, se ocupa do léxico geral de uma língua na perspectiva de sua dicionarização. Logo, a Lexicografia é uma área que observa e descreve o léxico, ou seja, ocupa-se nas técnicas de elaboração de vocabulários, dicionários e glossários.

Além das ciências do léxico, tecemos considerações acerca da Semântica, esta pode ser entendida como um dos ramos da Linguística responsável pelo estudo do significado das línguas. Portanto, a Semântica é a área encarregada para estudar o sentido das palavras, das frases e dos enunciados. De forma geral, é a disciplina que estuda a significação.

Quanto à Sociolinguística esta é compreendida por estudar a linguagem em relação aos diferentes contextos sociais de que os falantes fazem parte. É, portanto, “uma das subáreas da linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais”. (MOLLICA E BRAGA, 2008, p. 09).

A respeito da Dialetoлогия, sabemos que é uma área que se ocupa em investigar os dialetos e as variações linguísticas que ocorrem nos diversos espaços geográficos. Logo, a Dialetoлогия é “um estudo de uma língua na perspectiva de sua variabilidade no espaço geográfico” (FARACO, 2005, p. 112).

Já a Etnolinguística, podemos compreendê-la como “o estudo do relacionamento entre língua e cultura” (ARAGÃO, 1983, p. 55). Para tanto, a Etnolinguística é um ramo que investiga a heterogeneidade da língua em relação à civilização e à cultura das comunidades linguísticas.

Pretendemos nesta pesquisa identificar os elementos lexicais que caracterizam um grupo de fala, de modo específico, a da região do Nordeste brasileiro. No *corpus* em questão é possível reconhecer um tipo de linguagem predominante, a regional-popular. Através das obras quirinianas que compõem o *corpus* desta pesquisa, fizemos uma análise linguística nos níveis de realização: lexical e semântico. Por meio de pesquisas bibliográficas, pudemos constatar, ainda, a contribuição que este estudo oferece à documentação e preservação dos falares regionais, especialmente, o nordestino. Portanto,

o objetivo central de nossa pesquisa é inventariar, em um glossário, a linguagem regional-popular do escritor Jessier Quirino, assegurando que a sociedade atual e as gerações futuras, bem como pesquisadores da área tenham acesso a este rico patrimônio linguístico-cultural.

Quanto à escolha do tema, esta justifica-se em razão de constatarmos hodiernamente um desprestígio pelos falares regionais, seja pelos meios de comunicação de massa, seja pela sociedade em geral. Cotidianamente, notamos as inúmeras tentativas forçadas de nivelamento da língua, estigmatizam os falares regionais como feio e/ou errado. Frente a esse contexto, levantamos algumas questões pertinentes para esta pesquisa: Por que as obras literárias regionais não são bem aceitas pelo público em geral? Os escritores regionais utilizam uma linguagem própria? A linguagem utilizada por tais escritores apresenta características sociais e culturais de sua região? Qual a importância de registrar o léxico de obras literárias regionais em um glossário?

Por conseguinte, partindo dessas questões inquietadoras, empenhamo-nos nas leituras e análises das obras literárias do escritor regionalista paraibano. Desses questionamentos, formulamos uma **hipótese principal**: Em todos os momentos da literatura, alguns escritores nordestinos utilizaram/utilizam uma linguagem específica que traz marcas da oralidade bem como da identidade dos falantes de sua região; e **hipóteses secundárias**: **1.** O léxico compartilhado entre os falantes é reflexo de seus traços culturais, dialetais, sociais e individuais. Portanto, quando um escritor leva para sua escrita as marcas desse léxico, ele oportuniza à sociedade o contato com um patrimônio não somente linguístico, mas cultural. **2.** A língua é um todo homogêneo repleta de partes heterogêneas, logo, não há possibilidade de todos falarem da mesma maneira, uma vez que a língua é um sistema vivo e instável, constituída por uma infinidade de variações individuais, regionais, culturais e sociais. **3.** A linguagem regional-popular utilizada pelos escritores nordestinos apresentam os costumes, os valores culturais e as formas de pensar de seu povo. Assim, um glossário não é apenas um inventário, mas constitui-se, primordialmente, enquanto um acervo histórico de um povo, haja vista que o léxico pode ser compreendido como o testemunho e a identidade de uma comunidade linguística.

Nesta perspectiva, este trabalho está inserido numa abordagem geo-sócio-etnolinguística a fim de construirmos um glossário, baseado nos princípios lexicográficos, registrando, a partir do *corpus* analisado, o léxico regional-popular do poeta Jessier Quirino.

O trabalho apresenta-se disposto em quatro capítulos: o primeiro conta com os pressupostos teóricos que fundamentam nossa pesquisa, o segundo versa sobre o autor e apresenta os procedimentos metodológicos aplicados, o terceiro comporta a descrição e o levantamento do *corpus*: um glossário; o quarto e último capítulo, traz a análise dos resultados da pesquisa.

É válido ressaltarmos que, o nosso glossário tem como público-alvo a sociedade em geral, bem como aqueles que têm interesse pelos estudos linguísticos. Além do que, o percurso metodológico que escolhemos foi o semasiológico, isto é, que parte do significante para o significado. O universo da pesquisa conta com 400 itens lexicais, organizados em ordem alfabética. A seleção destes se deu mediante sua relevância frente aos estudos realizados.

Diante do exposto, o nosso trabalho intitulado por “*A linguagem regional/popular em Jessier Quirino: um estudo léxico-semântico*” possibilita o conhecimento e a preservação de falares característicos de comunidades do interior do Brasil, especialmente na região do nordeste.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 LÉXICO

Sabemos que é através do léxico que ocorrem os fenômenos linguísticos vinculados à língua. Isso porque o léxico pode ser entendido como o saber acumulado de uma sociedade e de sua cultura através do tempo, da história e da experiência de cada indivíduo. Em razão disso, Biderman (2001, p. 13) afirma que: “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”.

Assim sendo, podemos afirmar que é de competência do léxico se instaurar enquanto repositório dos saberes compartilhados pelos falantes de dada comunidade linguística. Uma vez que, assumindo a posição de patrimônio vocabular, o léxico reflete os costumes, tradições, visões de mundo, sistema de valores, enfim, constitui-se enquanto tesouro cultural abstrato.

A esse respeito, Krieger (2010) argumenta:

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também, assegura a permanência do pilar comum de palavras, condição necessária à comunicação independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas. (KRIEGER, 2010, p. 169-170).

Diante do exposto, é notório o quanto o léxico é próximo dos aspectos geo-sócio-etnolinguísticos de uma comunidade. Isso nos leva a enxergar que o sistema lexical é o principal responsável pela comunicação e interação de uma sociedade. Levando-a, deste modo, a interagir com o mundo bem como a compreendê-lo. Nesta perspectiva, acreditamos que “[...] não há sistema linguístico sem léxico, e, conseqüentemente não há possibilidade de vida em sociedade e tampouco de desenvolvimento humano”. (KRIEGER, 2010, p. 163).

Nessa direção, Vilela (1994) afirma:

[...] o léxico é a parte da língua primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico de uma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem nome, faz parte do

léxico. O léxico que é repositório do saber compartilhado que apenas existe na consciência dos falantes de uma comunidade. (VILELA, 1994, p. 6).

Nesse viés, é possível compreendermos que todo o funcionamento de uma língua nos seus variados estágios estão comportados no léxico. Isto porque o léxico enquanto competência linguística atua de forma representativa não somente em determinada comunidade linguística, mas também e sobretudo na linguagem. Provavelmente, tal fato justifica-se em virtude de “o léxico de qualquer língua constituir um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos”. (BIDERMAN, 2001, p. 139).

É importante ressaltarmos, ainda, que o léxico é um artefato fundamental para o estudo da língua, suas ciências, a Lexicologia e a Lexicografia, contribuem significativamente para o estudo dos seus aspectos linguísticos, bem como para identificá-lo quer pela fonética ou fonologia, quer pela morfologia e sintaxe. Nesta direção, Marcuschi (2005) assevera sobre a dimensão do léxico:

O léxico ao lado da sintaxe e da fonologia, [...] é o terceiro grande pilar da língua. Sem léxico não há língua. Mas o léxico é o nível da realização linguística tido como o mais instável, irregular e até certo ponto incontrolável. Podemos ver que tanto a sintaxe como a fonologia dispõem de um conjunto fechado de possibilidades básicas de realização numa língua, mas o léxico é aberto e todo dia presenciamos o surgimento de novos termos e o desaparecimento de antigos. Esta volatilidade não se dá por mero capricho dos falantes e das línguas e sim porque o léxico recebe usos sempre renovados [...]. (MARCUSCHI, 2005, p. 6)

As explanações do teórico supramencionado evidenciam a instabilidade e a irregularidade do léxico de uma língua, fato que nos leva a perceber que o léxico corresponde ao sistema mais incontrolável de uma língua. Sobre isso, Antunes (2012) afirma:

Se o léxico de uma língua pode ser visto como uma espécie de “memória” representativo das ‘matrizes cognitivas’ construídas, também é verdade que se trata de uma memória dinâmica, em movimento constata, que se vai reformulando passo a passo, assim como as manifestações culturais que ele expressa. (ANTUNES, 2012, p. 28).

Nesse prisma, podemos afirmar que o léxico representa um espaço no qual os sujeitos compartilham seus saberes, é também um espaço onde se encontra a consciência dos falantes de uma língua, os quais utilizam como ferramenta para registrar o

conhecimento de mundo, nomenclaturando objetos e seres. É, pois, neste sentido que Antunes (2012, p. 27) assevera: “se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem”.

Desse modo, depreendemos que não há sociedade sem léxico ou vice-versa. Pois, o léxico é um acervo em que toda a sociedade acumula sua experiência e cultura. É através dele e por ele que um povo manifesta sua identidade. É, portanto, o nível da língua que reflete tudo aquilo que está ao nosso redor. Sobre isso, Antunes (2012) atesta:

Nos grupos que atuamos ou naqueles com que interagimos, somos identificados também pela linguagem que usamos. É a forma de pronunciar palavra; é a curva melódica de nossas entonações; são os tipos de combinações sintáticas que fazemos [...] e outros muitos itens, que indicam nossa procedência, que revelam “a casa” onde fazemos morada. Mas, entre tais itens, o repertório lexical que manejaemos, as escolhas lexicais que fazem nossas preferências constituem ‘pistas’ claras de nosso pertencimento ao grupo onde tecemos nossa identidade. [...] As palavras, têm a cor, o cheiro, o gosto da terra em que circulam, da casa em que habitam. [...]. (ANTUNES, 2012, p. 46-47).

Face ao exposto, compreendemos, portanto, que o léxico de uma língua é a representação do conhecimento de mundo e da cultura que uma comunidade linguística adquire e acumula com o passar do tempo. Logo, podemos afirmar que o léxico pode ser entendido como a codificação de realidade extralinguística interiorizada de um povo. Tendo em vista que o sistema da língua que melhor recorta as realidades do mundo e os fatos da cultura é o léxico. Portanto, estudar o léxico de uma língua é ter a oportunidade de conhecer e reconhecer o dinamismo da língua, bem como de inteirar-se da cultura de uma sociedade, a qual o léxico tem por função inerente retratá-la.

### **1.1.1 AS UNIDADES DO LÉXICO**

Ao estudar o léxico de uma língua, torna-se primordial que façamos algumas distinções acerca dos estudos lexicológicos. É o caso, por exemplo, destes três itens que são entendidos por muitos estudiosos como as unidades do léxico: a palavra, a lexia e o vocábulo. Embora muitas vezes sejam compreendidos, equivocadamente, como sinônimos, nos estudos lexicológicos enxergamos que há sim distinções entre tais termos tão discutidos pela Lexicologia.

De acordo com Abbade (2011):

O vocabulário pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa determinada situação, melhor dizendo, vocabulário é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo. [...] A lexia, diferente da palavra, é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significado social. A palavra é uma unidade significativa, mas a sua significação não é só lexemática, pode também ser morfemática, isto é, gramatical. A lexia, ao contrário, tem significação externa e referencial, ou seja, apenas lexemática. A sua referência pode ser as coisas concretas ou abstratas. (ABBADÉ, 2011, p. 1333-1334).

Diante disso, é possível notarmos, claramente, a diferenciação existente entre tais termos. Cumpre-nos, então, saber que é tarefa da Lexicologia, enquanto ciência do léxico, estudar cientificamente o universo léxico (lexemas, lexias), os conjuntos de vocabulários (vocábulo) e os conjuntos de ocorrências (palavra). Haja vista que a Lexicologia investiga e analisa as diversas relações do léxico de uma língua. Logo, faz-se necessária a distinção desses três unidades de estudo das ciências do léxico.

Nesse sentido, concebemos o termo “lexia” enquanto principal unidade do léxico de uma língua. Pottier (1974) afirma que “[...] lexia: unidade linguística memorizada pelos falantes/ouvintes de uma língua natural”. Por sua vez, estudos morfossintáticos e léxico-semânticos evidenciam que as lexias podem ser formadas de um único lexema ou de vários lexemas, a primeira seria uma monolexemática, a última polilexemática. Pottier define as lexias como simples, compostas, complexas e textuais da seguinte maneira:

Lexia simples: árvore, saiu, entre, agora; lexia composta; primeiro-minuto, guarda-florestal, olho-de-sogra; lexia complexa: estado de sítio, cesta básica, uma estação espacial, cidade universitária; lexia textual: “quem tudo quer, tudo perde”. (POTTIER, 1972, p. 16)

Em outras palavras, se por um lado, uma lexia é formada por um só radical esta é classificada como simples, por outro, se uma lexia simples fizer combinação, por aglutinação ou justaposição, com outra lexia simples passará, assim, a ser uma lexia composta. Já a lexia complexa é formada de duas ou mais lexias, tanto simples quanto composta, vale salientar, ainda, que a lexia complexa, na maioria das vezes, apresenta-se separada por espaços em branco, a diferença entre lexias compostas e lexias complexas torna-se mais evidente no nível semântico. Por fim, a lexia textual é aquela que se

apresenta em forma de texto ou enunciado, regularmente são ditados, provérbios, preces, enfim, são textos que apresentam três ou mais lexemas em sua composição.

Vejam, a título de ilustração, o resumo no quadro abaixo:

Tabela 1: classificação das lexias

<b>CLASSIFICAÇÃO DAS LEXIAS</b>					
<b>MONOLEXEMÁTICA</b>				<b>POLILEXEMÁTICA</b>	
<i>Lexia simples</i>		<i>Lexia composta</i>		<i>Lexia complexa</i>	<i>Lexia textual</i>
<u><i>Simple</i></u>	<u><i>Derivada</i></u>	<u><i>Aglutinação</i></u>	<u><i>Justaposição</i></u>	Pegar o beco	Missa e maré só se esperam de pé
Zabumba	Zabumbeiro	mandachuva	Pé-de-meia		

Fonte: elaborada pela autora

Nessa vertente, Biderman (1996) comenta:

O termo *lexia*, proposto por Pottier, é bastante útil, sobretudo por ser um termo técnico, e não correr o risco de ser maculado com as conotações discursivas, que podem gerar a ambiguidade encontrada em palavra e/ou vocábulo. Assim, no plano da língua, o termo *lexema* refere a unidade abstrata do léxico. As manifestações discursivas dos *lexemas* devem ser referidas tecnicamente como *lexias*. (BIDERMAN, 1996, p. 33)

Mediante as conceituações elucidativas acerca dos tipos de *lexias*, reconhecemos que o léxico, bem como o mundo em que vivemos, está em constante expansão. Diante disso, é notório que a *lexia*, definição criada por Pottier, nada mais é que um rotulador de referente, indicando, nesse viés, a unidade lexical memorizada. Nessa direção, podemos considerar a *lexia* como uma manifestação discursiva do *lexema*.

Nesse prisma, Henriques (2010) nos evidencia o dinamismo lexical inerente ao léxico, por este ser um sistema aberto, trazendo, ainda, uma definição de *lexia*:

[...] As *lexias* são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedece a certas combinações. Embora possa parecer um conjunto finito, o léxico de cada uma das línguas é tão rico e dinâmico que mesmo o melhor dos lexicólogos não seria capaz de enumerá-lo. Isto ocorre porque dele faz parte a totalidade das palavras,

desde as preposições, conjunções ou interjeições até os neologismo, regionalismo, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavras. (HENRIQUES, 2010, p. 101-102).

Face ao exposto, é imperativo observar que essa ampliação no universo lexical só é possível porque é no léxico que uma sociedade conserva todas as suas manifestações culturais, linguísticas e literárias. O léxico, assim, representa e testemunha a história de um povo. Logo, língua, cultura e sociedade, constituem uma relação que se exterioriza no léxico, através das escolhas lexicais realizadas pelos falantes. Nessa perspectiva, podemos afirmar que o léxico está à disposição dos falantes de uma língua pela memória coletiva. Tais falantes, por sua vez, apropriam-se de modo parcial, adequando, portanto aos seus atos de fala, como bem pontuou Coseriu (1977), seja pela idade, região, classe social etc. É por isso que constatamos que “o léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual o povo vê o mundo”. (VILELA, 1994, p. 6).

Nessa ótica, quando analisamos lexias referentes a um povo, a uma região, a um contexto social, histórico, entre outros, admitimos o efeito da linguagem em retratar fielmente sobre aquele e/ou aquilo que fala. Pois,

Uma pessoa, quando fala, quando diz alguma coisa, não está dizendo apenas alguma coisa – na verdade, está se dizendo a si mesma. Até quando diz ou fala sobre assuntos que não se referem a ela, até nesses momentos está se dizendo, pois a sua fala não é sobre um fato desligado de si, mas sobre como se relaciona, como se posta diante desse fato, o que ocorre na maioria das vezes inconscientemente. O homem é linguagem e linguagem só é no homem. O homem, quando fala, fala-se. (COELHO, 2006, p. 24).

### **1.1.2 O LÉXICO E SUAS SIGNIFICAÇÕES**

É sabido que o léxico é o conjunto de unidades linguísticas, e que este representa o grupo que o fala. Logo, não existe léxico sem sociedade ou sem cultura. Dado que, todo e qualquer falante tem sua competência lexical, que quando misturada com competências de outrem, ocorre o que entendemos por comunicação. Entendemos, desta forma, que o léxico mostra-se dinâmico, pois, além de revelar as experiências de mundo de uma determinada comunidade linguística, através do léxico, fatos culturais também são

definidos. Mostrando-se, desse modo, como um elo estreito da tríade: língua-cultura-sociedade.

Ao definir o léxico, Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9) discutem:

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura. (OLIVEIRA ISQUERDO, 2001, p. 9).

Face ao exposto, podemos depreender que o léxico é uma espécie de tradução da realidade extralinguística. Posto que, por ele e através dele as relações sociais são representadas. Aragão (2005, p. 1) chama atenção para essa relação íntima: “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa”.

Nesse mesma direção, Biderman (2001, p. 139) afirma:

Léxico é um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceitual dessa língua. O sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através do tempo. (BIDERMAN, 2001, p. 139).

Assim sendo, podemos inferir que o léxico reflete toda experiência humana que ocorre a todo momento em sociedade. Por isso, os falantes de uma dada língua são os principais criadores do léxico, pois a dinamicidade deste propicia aos seus usuários os processos de criação e recriação.

Até o momento discutimos acerca do léxico, das suas unidades e suas significações, além do mais, apresentamos a teoria que vamos utilizar na classificação das lexias, a teoria de Pottier (1972). No próximo tópico, apresentaremos os pressupostos teóricos da Semântica, a relevância da discussão desta área se dá em virtude do glossário léxico-semântico que construímos, o qual é resultado desta pesquisa.

### 1.1.3 SEMÂNTICA

Partindo do pressuposto que este trabalho é de natureza léxico-semântica, faz-se necessária a discussão acerca da Semântica enquanto ramo da Linguística, que se ocupa em investigar a significação. Contudo, é pertinente destacar que, do ponto de vista teórico, esta definição é muito genérica, tendo em vista que muitas pesquisas evidenciam que a Semântica contribui para o conhecimento da língua, com vieses e abordagens diferentes.

O termo “Semântica” foi empregado no final do século XIX por Michel Bréal, como explicam Rector e Yunes (1998):

A semântica propriamente dita começou no séc. XIX com Michel Bréal. Semântica (Semantiké,téchné) é a “ciências da significação”; provém do verbo sêmainô “significar” que, por sua vez, é derivado de “sêma” (sinal), em oposição à fonética, “ciências dos sons da fala” (Bréal, 8). Segundo Bréal, a semântica consiste no estudo da causa e da estrutura dos processos de mudança nas significações das palavras. Portanto, o enfoque de Bréal é diacrônico. (RECTOR E YUNES, 1980, p. 12).

Posto isso, é válido salientar que muitos estudiosos assumiram de imediato a definição determinada por Bréal. Entretanto, alguns divergiram. Na ótica de Ilari e Geraldi (1985) dizer que a “semântica é a ciência que estuda a significação” é uma constatação genérica, até porque não existe apenas uma semântica, mas sim variadas semânticas.

Sobre isso, Cançado (2013, p. 17) afirma que “Semântica é o estudo do significado das línguas”. Enquanto Castilho (2014, p. 2) explica que a semântica “investiga os sentidos expressos nas línguas naturais, ocupando-se dos processos de sua construção, e dos produtos que daí resultam”. Como podemos observar, a primeira autora versa sobre o significado, e o segundo fala de sentido. Acreditamos que, nesse prisma, “sentido” e “significado” nem sempre serão termos equivalentes. O modo pelo qual iremos apreender as veredas da Semântica dependerá do tipo de objeto que está sendo investigado. Pois, assim como existem vários tipos de sentidos, existem também vários tipos de significados.

Castilho (2014) apresenta quatro campos de estudos na área da Semântica, o teórico reconhece, ainda, a difícil tarefa de delimitar tais campos. Vejamos:

Para organizar as reflexões sobre a semântica proporei quatro campos de estudos, mesmo reconhecendo sua difícil delimitação: (i) Semântica

léxica, que trata dos sentidos das palavras, (ii) Semântica gramatical, que trata dos significados das construções, (iii) Semântica discursiva ou pragmática, que trata das significações geradas no intervalo que medeia entre os locutores e os signos linguísticos, (iv) Semântica cognitiva, que trata da criação de sentidos. Acrescento algumas observações ainda muito preliminares sobre a (v) Semântica diacrônica, que trata da mudança dos sentidos. (CASTILHO, 2014, p. 5)

Como é possível percebermos, a Semântica constitui objetos distintos, cada um com suas especificidades, demandando princípios e abordagens diferentes. Contudo, como nesta pesquisa tencionamos em investigar o léxico regional/popular, proseado em forma de poesia por Jessier Quirino, concentramos nossa discussão nos pressupostos teóricos da Semântica Lexical.

Nessa direção, é sabido que a Semântica Lexical é um campo da Lexicologia. A Lexicologia por sua vez mantém uma estreita relação com a Semântica, uma vez que a Lexicologia se ocupa em estudar os sentidos tanto do léxico quanto da palavra. Desse modo, podemos afirmar que ambas, tanto a Lexicologia quanto a Semântica, ocupam-se em estudar os sentidos. Contudo, é importante destacar que a Lexicologia é mais ampla e inclui em seus estudos a Semântica.

Castilho (2014) discute sobre o objeto empírico da Semântica Lexical. O autor evidencia que o sentido está para o léxico e o significado para a língua, e complementa:

A Semântica Lexical, em suma, trata dos traços semânticos inerente/intencionais, que são explicados nas diferentes categorias léxicas, tais como verbo, substantivos, adjetivos, advérbio, preposições. Diferentes combinações dos traços inerentes, permitem postular as seguintes categorias, que configuram o campo da Semântica Lexical: (1) referência e designação, (2) paráfrase e sinonímia, (3) contradição e antonímia, (4) polissemia, (5) hiperonímia, (6) meronímia. (CASTILHO, 2014, p. 18).

Tendo em vista que a proposta deste trabalho é fazer uma análise léxico-semântica do *corpus* aqui apresentado, é válido enfatizar que o glossário léxico-semântico resultante de tal análise é estruturado nas seguintes categorias da Semântica Lexical: Sinonímia e Polissemia. Por um lado, podemos afirmar que a Sinonímia é decorrente de relações semânticas entre palavras nas quais há uma aproximação dos semas. Por outro lado, a Polissemia refere-se ao fato de vários significados estarem associados a uma só palavra. Todavia, é pertinente salientar que tais definições são muito amplas.

Castilho (2014) afirma:

São sinônimas as palavras que parafraseiam outras, dispondo de um sentido aproximadamente idêntico, como ocorre em sair/cair fora/dar no pé/escafeder-se/puxar o carro, etc., ou então em falecer/morrer/bater as botas/ir desta para melhor/comer grama pela raiz/mudar-se para chácara dos quietinhos, viver no bairro dos pés juntos, etc. (CASTILHO, 2014, p. 8).

Como podemos observar, seria um equívoco afirmar que para duas expressões serem sinônimas bastaria ter a mesma referência no mundo. Polguère (2018) atenta para o fato da existência de dois tipos de sinonímias: exatas e aproximativas. Mas assevera sobre a sinonímia exata ser raríssima. Na ótica de Polguère (2018):

A sinonímia lexical é, acima de tudo, uma sinonímia aproximativa. [...] os sinônimos não são, portanto, automaticamente, intercambiáveis em todos os contextos. Basta, porém, encontrar contextos em que a substituição parafrástica seja possível para que a relação de sinonímia seja estabelecida. (POLGUÈRE, 2018, p. 162-163).

Podemos, então, compreender que quando duas palavras são empregadas sem que haja prejuízo naquilo que se pretende comunicar, referiremos que há sinonímia entre elas, isto é, uma equivalência semântica. Nessa direção, Ilari (2002, p. 169) afirma que o emprego da sinonímia depende das “características regionais da fala, das diferenças de sentidos, das diferenças entre os objetos de que se fala, do grau de formalismo da fala e de certos aspectos de forma ou função”.

Realizada esta breve explanação acerca da Sinonímia, discutiremos, agora, sobre a Polissemia. Vários estudos nos evidenciam que ocorre Polissemia quando os possíveis sentidos da palavra ambígua têm alguma relação entre si. Na ótica de Henriques (2010, p. 110), “Polissemia é a propriedade semântica de uma única palavra recobrir mais de uma significação, como “anjo”: ser espiritual ou pessoa”.

Na definição de Castilho (2014):

Denomina-se Polissemia o fato de uma mesma palavra ter sentidos diferentes, como em cabo, “acidente geográfico”, “extremidade de uma ferramenta”, “prolongamento posterior de certos animais”, “fio metálico para transmissão de energia”, ponto na hierarquia militar”, manga “fruta”, “parte do vestuário”, “chuva forte”, etc. O contexto vai especificar de que cabo, de que manga se trata. São diversas as origens das palavras polissêmicas: (1) Algumas derivam de uma mesma etimologia [...]. (2) outras derivam de mais de uma etimologia, caso em que tais palavras convergiram para uma só forma, por razões fonológicas [...]. (3) A polissemia pode assentar numa metonímia [...]. (CASTILHO, 2014, p. 9).

De modo sumário, podemos depreender que a Polissemia é a definição dada aos itens lexicais que apresentam uma variedade de significações diferentes. Além do mais, trata-se de uma categoria semântica responsável pela criação de novas palavras, isto é, os neologismos. Henriques (2018) ao reconhecer que a Polissemia serve também como um fator de economia e de flexibilidade para o léxico, evoca Ilari (2002, p. 151) o qual afirma que a Polissemia “afeta a maioria das contribuições gramaticais”.

Para Cançado (2013) a distinção homonímia/polissemia é de fundamental relevância na descrição do léxico de uma língua:

Palavras polissêmicas serão listadas como tendo uma mesma entrada lexical, com algumas características diferentes; as palavras homônimas terão duas (ou mais) entradas lexicais. Em muitos casos, a mesma palavra pode ser considerada uma homonímia em relação a determinado sentido e ser polissêmica em relação a outros. (CANÇADO, 2013, p. 72).

Nesse prisma, Ilari (2002) reforça a explanação de Cançado, dizendo:

Fala-se em “Polissemia” a propósito dos diferentes sentidos de uma mesma palavra que são percebidos como extensões de um sentido básico. A polissemia se opõe à homonímia: para que haja polissemia, é preciso que haja uma só palavra; para que haja homonímia, é preciso que haja mais de uma palavra. Há continuidade entre os vários sentidos que assume uma palavra ou construção polissêmica entre os sentidos próprios de palavras homônimas, há descontinuidade. (ILARI, 2002, p. 151).

Diante do que discutimos, até aqui, é importante ressaltarmos que as considerações que foram apresentadas justificam a escolha do tipo de Semântica que fundamenta nossa pesquisa. Com base nas explicações expostas nesta seção é que concordamos com as afirmações de Bernard Pottier (1992) quando evocado por Henriques (2010) afirma:

A semântica preocupa-se com “mecanismos e operações relativos ao sentido, através do funcionamento das línguas naturais [...]”, tentando “explicitar os elos que existem entre os comportamentos discursivos num dado envolvimento, constantemente renovado, e as representações mentais que parecem ser partilhadas pelos usuários das línguas naturais”. Essa reflexão traça um “percurso entre o individual e o universal, através da cultural” e procura conciliar “a extensão e a variedade das manifestações linguísticas e a necessidade de uma

apresentação relativamente simples dos funcionamentos profundos da língua”. (POTTIER, (1992) APUD HENRIQUES, 2010, p. 99)

Posto isso, é possível compreender que “a semântica não pode ser estudada somente como a interpretação de um sistema abstrato, mas também tem que ser estudada como um sistema que interage com outros sistemas no processo da comunicação e expressão dos pensamentos humanos”. (CANÇADO, 2013, p. 21). Logo, uma teoria semântica tem como função atribuir significado(s) a cada palavra e a cada sentença de uma língua. Levando em consideração, inclusive, os fatores extralinguísticos e principalmente os contextuais.

Por fim, consideramos pertinente adotar uma definição objetiva, escrita por Gennaro Chierchia (2003, p.vii) quando diz: “Semântica é o estudo do significado das expressões das línguas naturais”. Desse modo, é assertivo falar que utilizamos a Semântica no nosso dia a dia. Pois, estamos constantemente à procura dos significados das palavras e frases, seja em uma bula de remédio, em uma manchete de jornal, seja uma conversação na qual sejam pronunciadas palavras ou gírias que não façam parte do novo vocabulário ativo.

## 1.2 AS CIÊNCIAS DO LÉXICO: CONSIDERAÇÕES GERAIS

As ciências que se direcionam para o estudo do léxico com a finalidade de descrevê-lo e analisá-lo são: a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia. Embora sejam integrantes entre si, essas áreas possuem objetos de estudo, pressupostos teóricos e metodologias distintas. Nossa pesquisa, por sua vez, está ancorada nas duas primeiras ciências, tendo em vista que nos orientamos pela primeira pelo fato de buscarmos analisar o conjunto aberto que é o léxico geral, centramos este estudo na linguagem regional/popular apresentada pelo escritor nordestino Jessier Quirino. Fixamos este trabalho, ainda, na segunda ciência supramencionada, pois propomos construir um glossário léxico-semântico, no qual registraremos itens lexicais regionais/populares encontrados nas obras literárias “*Prosa Morena*” (2005), “*Bandeira Nordestina*” (2006), “*Berro Novo*” (2009) e “*Papel de Bodega*” (2013), todas de autoria de Jessier Quirino.

### 1.2.1 LEXICOLOGIA

Sabemos que uma das coisas que mais representa um povo, sua cultura e sua identidade é a língua falada por ele. Cada palavra utilizada por uma comunidade linguística carrega em si traços culturais, sociais, econômicos, históricos, geográficos, entre outros. Deste modo, podemos afirmar que o repertório lexical de um povo nos permite conhecê-lo. Para Barbosa (1993, p. 1), o léxico é “o espaço privilegiado de um processo de produção, acumulação, transformação e diferenciação de sistema de valores”. Logo, isso implica dizer que o léxico, enquanto conjunto de vocabulário, simboliza a herança sociocultural de uma sociedade. Nesse viés, compete à Lexicologia, ciência do léxico, investigar as múltiplas relações do léxico com outros sistemas linguísticos.

Andrade (2001) menciona que a Lexicologia, enquanto ciências do léxico de uma língua,

[...] é o estudo científico do léxico, isto é, propõe-se a estudar o universo de todas as palavras de uma língua, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança, cabendo-lhe, entre outras tarefas: definir conjuntos e subconjuntos lexicais; examinar as relações do léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural; conceituar e delimitar a unidade lexical de base –a lexia –, bem como elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações, abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores, como geradora e reflexo de sistemas culturais; analisar e descrever as relações entre a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes. (ANDRADE, 2001, p. 191)

Na concepção dessa pesquisadora, a Lexicologia tem por finalidade, de modo geral, elaborar os constructos teóricos. Tratando, pois, da palavra e do seu conteúdo conceitual. Dessa forma, podemos afirmar que essa ciência trata de unidades expressivamente significativas de uma língua, e tem relação próxima com: a Semântica, a Etimologia e a Morfologia. Esse fato, provavelmente, justifica-se em virtude da Lexicologia voltar seu estudo para o campo da significação, assim como as outras unidades anteriormente citadas.

Sobre a relação estreita entre a Semântica e a Lexicologia, Biderman (2001, p. 16) afirma: “[...] a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Dessa forma, entendemos que a análise da lexia, sua categorização lexical, bem como a estruturação lexical são objetos de estudo da Lexicologia.

Nessa mesma direção, Ullmann (1964, p. 64) explana: “A lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado [...]”. Diante da explanação de Ullmann (1964) conseguimos constatar o quanto a Lexicologia é ampla, pois se ocupa em examinar o léxico em todos os seus aspectos, observando-o e descrevendo-o. Neste sentido, Andrade (2001, p. 194) ressalta que: “[...] a lexicologia tem por meta definir um vocábulo, caracterizando-o funcional e semanticamente, ou seja, tem por função decodificar (...). Deduz-se, portanto, que a lexicologia é descritiva (...)”.

Face ao exposto, depreendemos que é de competência da Lexicologia investigar e explicar cientificamente aquilo que é manifestado pelo léxico de uma língua. Porém, é válido salientarmos que, a Lexicologia dedica-se ao estudo do léxico geral e não do especializado, a este último compete à Terminologia investigar. Vilela (1979) nos apresenta as seguintes considerações:

A lexicologia não tem como função inventariar todo o material armazenado ou incluído no léxico; mas sim fornecer os pressupostos teóricos e traçar as grandes linhas que coordenam o léxico de uma língua: A sua função é apresentar as informações acerca das unidades lexicais necessárias a produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto da forma. (VILELA, 1979, p. 10).

Nesse viés, acreditamos que a Lexicologia tem contribuído substancialmente para o avanço de pesquisas que buscam estudar o léxico e seus desdobramentos. Cremos, ainda, que as bases teóricas e metodológicas oferecidas pela Lexicologia auxiliam o trabalho de lexicólogos, lexicógrafos e, sobretudo, de estudiosos e pesquisadores da área. Concordamos com Krieger (2010, p. 168) quando afirma: “Dar conta desse componente fundamental da organização do dizer e do pensamento consiste sempre em desafios maiores”. A pesquisadora atesta o desafio que é estudar o léxico de uma língua de forma que tais estudos não percam o caráter de cientificidade. Concordamos com o ponto de vista de Krieger (2010), até porque o objeto de estudo da Lexicologia, o léxico, é multifacetado, aberto e, portanto, inesgotável.

Krieger (2010) faz, ainda, as seguintes considerações:

Em síntese, a constituição multifacetada da palavra; seu papel na articulação do discurso e na interligação com o mundo exterior, junto à expressão linguística das subjetividades e ideologias, confirmam não

apenas a relevância, como as muitas possibilidades de estudo a seu respeito. (KRIEGER, 2010, p. 168)

Desse modo, entendemos que o léxico de uma língua enquanto competência lexical evidencia um sistema de possibilidades, isto é, não somente as unidades lexicais de uma comunidade linguística, mas, sobretudo, suas experiências acumuladas, suas crenças e culturas e, portanto, seus saberes. Nessa perspectiva, podemos constatar que:

O léxico retrata-se como um componente que, ao cumprir o papel maior de denominação e designação do mundo humano, torna-se expressão de identidade pessoal e coletiva, manifestada ao longo da história já que é um sistema aberto e dinâmico. E, como tal, renova-se, funcionando como o pulmão das línguas, mas também assegura a permanência do pilar comum de palavras, condições necessárias à comunicação, independente de tempos, regiões e de outras peculiaridades do uso das línguas. (KRIEGER, 2010, p. 169-170).

Vale ressaltarmos, ainda, que o estudo lexicológico pode ser direcionado por diferentes aspectos, a saber: morfossintático, léxico-semântico e sintático-semântico. Outra característica que merece destaque é a análise do signo linguístico que pode ser realizada em diferentes ângulos, conforme o tempo e o espaço: ponto de vista sincrônico, diacrônico ou pancrônico, sinóptico ou diatópico. E, como bem explana Henriques (2010, p. 102):

Lexicologia é uma disciplina que estuda o léxico e sua organização a partir dos pontos de vista diversos. Cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico ou à região geográfica em que ocorre a sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e a cultural, político e institucional. (HENRIQUES, 2010, p. 102).

Podemos, então, dizer que a disciplina linguística que melhor estuda, investiga e compreende os desdobramentos do léxico é a Lexicologia. Podemos, inclusive, afirmar que através das pesquisas lexicológicas tornou-se possível entender melhor as variações linguísticas do Brasil. Sobre isso, Krieger (2010) assevera:

[...] Os estudos de Lexicologia, ao se ocuparem de vocabulários específicos, topônimos e neologismo, contribuem, de modo particular para o conhecimento da variação linguística do português do Brasil. À variação associam-se importantes aspectos da cultura nacional, bem como das regionais, da história da língua e, conseqüentemente, de visões de mundo e de valores da nossa sociedade. (KRIEGER, 2010, p. 169)

Diante do exposto, podemos compreender que o léxico não se resume apenas ao repositório das unidades lexicais, mas antes de tudo como um componente da língua que apresenta particularidades e estruturação específicas. Nessa direção, a Lexicologia atua descrevendo e organizando as estruturas particulares das unidades do léxico, tornando-as mais compreensíveis para os pesquisadores e, também, para a sociedade. “Desse modo, cabe à lexicologia dizer cientificamente em seus vários níveis o que diz o léxico, ou seja, a sua significação. Ao lexicólogo, especialista da área, incumbe levar a termo essa tarefa tão complexa sobre uma ou mais línguas.” (HENRIQUES, 2010, p. 102).

### 1.2.2 LEXICOGRAFIA

Com relação à Lexicografia, esta pode ser compreendida como uma das ciências do léxico que tem por finalidade inventariar o léxico de qualquer língua. É conhecida, também, como a ciência dos dicionários. A técnica lexicográfica é antiga, como nos evidencia Lara (1996):

A lexicografia nasceu como necessidade social e informativa muito tempo antes de que a linguística se constituísse como ciência. Suas tradições de método forjaram-se na relação entre o lexicográfico e o seu público, e inclusive seria possível sustentar que a própria ideia de língua, que depois daria origem à linguística, se criou com a ajuda dessa lexicografia. (LARA, 1996, p. 142).

Diante disso, podemos afirmar que a Lexicografia se faz notar desde a antiguidade. Biderman (2001, p. 17) aponta que “a lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna).” Desse modo, podemos afirmar que a Lexicografia além de ser uma atividade antiga, constitui-se, também, como uma atividade tradicional.

Apesar de antiga e tradicional, a Lexicografia brasileira é deveras tardia, como nos esclarece Krieger (2010):

Somente no século XX que se concretiza uma lexicografia nacional, seja porque surgem as primeiras edições de dicionários publicados no país, seja porque as obras pioneiras passam a se preocupar com o registro formal do léxico do português do Brasil. Ao desenho desse quadro lexicográfico inaugural, soma-se o fato de que os dicionários passam a circular no meio cultural e educacional do país, diferentemente de algumas poucas obras ou projetos de obras

lexicográficas que, embora elaboradas antes do século XX, não alcançaram repercussão na sociedade. (KRIEGER, 2010, p. 138).

Como é possível percebermos, o século XX foi marcado por um desenvolvimento crescente de obras lexicográficas. Alguns estudiosos apontam, inclusive, ser o século que a Lexicografia ganha concretamente autonomia, em especial, no território nacional. Farias (2007) explana:

No Brasil, do século XX, muitas obras merecem destaque [...]: *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascente (1961-1967), *o Vocabulário da Língua Portuguesa* (1981), *o Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1975,1986,1999), *o Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), *o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004) e *o Dicionário UNESP o português contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores. (FARIAS, 2007, p. 95).

Diante disso, é notória a relevância do fazer lexicográfico. Uma vez que se trata não somente de um instrumento para arquivar, organizar e/ou de inventariar o léxico de uma língua. A arte de fazer dicionários, glossários e vocabulários é, sobretudo, uma maneira de registrar a história da humanidade. Pois, como nos afirma Krieger (2010):

[...] As obras dicionarísticas, entre outras funções, desempenham o papel de legitimar a língua, e, como tal, convertem-se em importante testemunho da constituição histórica do léxico, bem como da identidade linguístico cultural das sociedades. De forma particular, o dicionário da língua –a mais prototípica das obras lexicográficas –, consiste na instância formal de legitimação/oficialização do léxico de um idioma na medida em que assume a missão de catalogar o conjunto das palavras de uma língua. (KRIEGER, 2010, p. 136).

Nesse viés, podemos sintetizar a definição da Lexicografia, declarando-a como uma ciência intimamente ligada à Lexicologia, mas que é diferente dessa última ao passo que esta se ocupa do estudo do léxico, enquanto a Lexicografia direciona-se em elaborar técnicas para analisar e registrar o léxico, ou seja, ocupa-se nas técnicas de elaboração de vocabulários, dicionários e glossários. Entende-se, dessa forma, por Lexicografia “o estudo da descrição da língua feita pelos dicionários como aplicação dos dados da Lexicologia”. (VILELA, 1994, p. 11)

Barbosa (1990) nos apresenta considerações relevantes acerca da Lexicografia:

A Lexicografia é definida como sendo uma tecnologia que trata da palavra no que concerne à atitude de compilação, classificação e análise

das unidades do léxico e sua organização em dicionários, vocabulários técnicos científicos e vocabulários especializados. Na verdade, a Lexicografia é uma ampliação dos fundamentos teóricos metodológicos da lexicologia. (BARBOSA, 1990, p. 153)

É possível depreendermos que no campo relacional da Lexicologia, “estudar a lexicologia é estudar, ao mesmo tempo, vários outros domínios do estudo das línguas.” (ARAGÃO, 2017). Assim, as pesquisas lexicológica e lexicográfica podem ser feitas em quase todos os níveis de análise linguística: na fonologia, no léxico propriamente dito, na morfologia, na sintaxe, e, principalmente na Semântica.

Compreendemos, assim, que as significações da palavra, do vocábulo e da lexia se constituem como objeto principal do fazer lexicográfico. Além do mais, é de competência da Lexicografia tratar sobre as múltiplas faces do léxico geral, problematizando, portanto, a formação e o tratamento de unidades simples e complexas. Na prática, podemos resumir a definição da Lexicografia dizendo que se trata de uma utilização dos fundamentos teóricos metodológicos da Lexicologia com a finalidade de cobrir diversos aspectos de registros lexicais.

Sobre isso, Borba (2003) discute:

A lexicografia pode ser vista sob duplo aspecto: (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjunto de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes. É neste aspecto que entra a grande contribuição da teoria linguística. (BORBA, 2003, p. 15).

Assim sendo, podemos afirmar que a Lexicografia é onomasiológica, isto é, confere um conceito para uma denominação. Além disso, diante da explanação de Borba (2003) é possível entender que uma obra lexicográfica não é uma simples listagem de palavras, mas, sobretudo, um texto que trata da língua e da cultura de uma sociedade. Logo, para compreender o mundo que a cerca, a própria sociedade requisita o fazer lexicográfico.

Acerca da missão dicionarística, Krieger (2010) pontua:

A missão dicionarística autoriza a compreensão de que se trata de um documento da memória social de todo idioma, permitindo que as sociedades reconheçam-se a si mesmas pelo seu dizer e pelos valores e

ideologia que o léxico circunscreve e determina. Assim, a presença de um dicionário numa determinada cultura pode ser compreendida como: “uma construção histórica, fruto da reflexão sobre a língua e orientada para a conservação da memória de experiências de sentido valiosas para a comunidade linguística inteira”. (CLARA, 1996 apud KRIEGER, 2010, p. 136).

Podemos, desse modo, notar que a Lexicografia se originou enquanto necessidade social informativa, auxiliando aos falantes, de determinada comunidade linguística, o esclarecimento quanto à ortografia, à categorização gramatical, à significação de determinadas palavras, entre outros fatores. Logo, o fazer lexicográfico tem a função de informar e oferecer subsídios aos falantes nativos de uma língua.

Além do mais,

[...] entre outros aspectos, o dicionário contribui para a ampliação do conhecimento do vocabulário, dos múltiplos significados de palavras e expressões, da norma padrão da língua portuguesa, de aspectos históricos bem como gramaticais dos itens léxicos, de usos e variações sociolinguísticas. Por meio do dicionário, os aprendizes também podem ter conhecimento de como a norma culta é registrada, para que possam e saibam utilizá-la na produção textual e nos contextos em que estiverem inseridos. (KRIEGER, 2007, p. 298).

Diante de tudo isso, podemos dizer, de forma sumária, que compete à Lexicografia o estudo de artefatos de ordem cultural e social tais como: o dicionário, o vocabulário e o glossário. Enquanto à Lexicologia cumpre à análise da investigação linguística do léxico geral de quaisquer línguas. Face à importância destas duas ciências do léxico, concordamos com Borba (2002, p. 148) quando defende que “o dicionário é a documentação mais importante que nós temos no léxico da Língua Portuguesa. É o repositório da língua como um todo, que documenta todos os tempos e a forma como o português chega até nós. Reflete a língua tal como ela é”.

Discutimos nesta seção sobre os pressupostos teóricos e metodológicos da Lexicologia e Lexicografia, as denominadas ciências do léxico, além disso, apontamos a importância que tais ciências configuram na nossa pesquisa. No próximo tópico, dedicaremos em apresentar os três principais tipos de variações linguísticas: a regional ou diatópica, a social ou diastrática e a cultural ou diafásica. Faz-se importante a discussão destas, uma vez que, analisamos o léxico de obras literárias regionais.

### 1.3 AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS: REGIONAL, SOCIAL E CULTURAL

Os ramos da Linguística que se interessam por aspectos da relação da tríade: língua, cultura e sociedade são a Dialetoлогия, a Sociolinguística e a Etnolinguística. Tendo em vista que nossa pesquisa objetiva apresentar a diversidade linguística notada em determinada região, presente na obra de escritores regionais através da linguagem regional/popular ora exteriorizada, é que iremos discutir neste tópico sobre os três ramos da linguística anteriormente mencionados, bem como sobre suas relações com as variáveis regionais, sociais e culturais.

Quando é pretendido em uma pesquisa (re)conhecer o caráter imprevisível, dinâmico e ilimitado de uma língua a fim de compreender sua heterogeneidade, é de suma importância levar em consideração o contexto sociocultural no qual ocorrem os atos da fala. Vejamos o que diz Aragão (1990) a este respeito:

Para se entender a língua é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim. Um estudo de língua feito sem apoio nessa realidade não poderá atingir seus objetivos, por ser artificial, imposto e, consequentemente, ineficaz. (ARAGÃO, 1990, p. 19).

Em outras palavras, a pesquisadora supracitada evidencia o quão forte é a relação entre língua, cultura e sociedade. Nessa perspectiva, podemos inferir que a língua de um povo reflete seus costumes, sua cultura, suas tradições, bem como sua visão de mundo.

Nesse prisma, é pertinente entendermos que a relação língua, cultura e sociedade é refletida no acervo lexical de determinada comunidade, de determinada região ou do próprio falante. Uma vez que, o léxico de uma língua sofre interferência de fatores sociais e culturais que fazem parte da realidade vivida pela sociedade e pelo sujeito em particular. É, pois, nessa direção que as variações linguísticas são notadas, diretamente, pelo léxico. Pois este acompanha a mutabilidade social e cultural de um povo. Em virtude disso, é que declaramos ser o léxico o testemunho de um grupo sociocultural.

Vale ressaltarmos, ainda, que há um desprestígio acentuado relacionado à diversidade linguística, notadamente, aos falares regionais. Há uma forte estigmatização associada aos tais falares, que recebem na generalidade a noção de feio e/ou errado. Observamos, com isso, a existência de inúmeras tentativas forçadas de nivelamento da língua, as quais buscam condicioná-la como padrão, culta ou de prestígio. Esta tentativa de nivelamento da língua culmina no preconceito linguístico, que na ótica de Bagno

(2004, p. 43) é decorrente de um preconceito social. Ilari e Basso (2006, p. 2008) reforçam a proposição de Bagno quando atestam: “é inegável que a gramática [normativa] sempre esteve sintonizada com a língua da classe mais privilegiada e mais abastada (não existe, historicamente, uma ‘gramática da língua dos pobres’)”.

É nessa perspectiva que, nosso trabalho pretende valorizar os falares regionais como uma forma de desmistificar a ideia de padronização da Língua Portuguesa do Brasil. Intentamos, ainda, em revelar as nuances que caracterizam os falares típicos do Nordeste. Como suporte para nossos estudos, contamos com o universo literário do poeta paraibano Jessier Quirino. Fazemos uma análise léxico-semântica inspirada em uma abordagem linguística, numa perspectiva geo-sócio-etnolinguística. Por fim, fazemos um glossário, resultado da nossa análise. Para a elaboração do glossário utilizamos os princípios lexicográficos, os quais nos norteiam quanto à organização e o registro das lexias aferidas na linguagem regional/popular e constatadas nas obras selecionadas do escritor.

Partindo desse ponto, tendo em vista que o foco desta pesquisa é analisar a linguagem regional/popular do escritor Jessier Quirino, a qual é repleta de variações linguísticas, é que consideramos pertinente classificar as três variações linguísticas mais abrangentes: variação regional, objeto de estudo da Dialectologia; variação social, objeto de estudo da Sociolinguística, e a variação cultural, objeto de estudo da Etnolinguística.

## **- VARIAÇÃO REGIONAL OU DIATÓPICA**

É sabido que as variações linguísticas trazem características próprias que enriquecem a pluralidade cultural de nosso país, isso ocorre porque não existe um único jeito de falar a língua Portuguesa. Logo, podemos entender por variações linguísticas as variações que uma língua apresenta determinadas por fatores sociais, culturais e regionais. Em razão das diferenças linguísticas encontradas no campo social, cultural e regional, constituídas por elementos influenciadores, como: idade, gênero, grupos sociais, profissão, nível de escolaridade é que ocorre o fenômeno que concebemos por variação linguística.

A respeito da variação regional, geográfica ou diatópica, Coelho e Gorski (2009) tecem as seguintes considerações:

[...] (do grego *dia* = através de, *topos* = lugar), a variação geográfica tem a ver com as diferenças linguísticas observáveis entre falantes oriundos de regiões distintas de um mesmo país oriundo de diferentes países.

Podemos observar diferenças tanto entre o Português de além-mar-falado na Europa (Portugal, Açores, Madeira, na África (Angola, Moçambique, Guiné Bissau) e na Ásia (Goa, Macau) – e o português do Brasil, como entre os falares das várias regiões do Brasil (Sul e Nordeste, por exemplo). (Coelho e Gorski, 2009, p. 76).

As autoras argumentam, ainda, que as variações diatópicas ocorrem em todos os níveis linguísticos, a saber:

[...] (i) no plano fonético-fonológico- as vogais /e/e/o pretônicas, como nas palavras “serrado” e “novela”, são pronunciadas como vogais abertas (é, ó) no nordeste e como vogais fechadas (ê, ô) no sudeste e no sul, (ii) no plano morfológico –o sufixo derivacional- (z) inho agregado à palavra pai ressalta em *painho* na Bahia e *paizinho* nas demais regiões do Brasil; (iii) no plano sintático –a posposição da negação como em *vou não* é típica do nordeste, a dupla negação como em *não vou não* é comum no sudeste (especialmente no Rio de Janeiro) e a anteposição da negação como em *não vou* é preferida no sul; (iv) no plano lexical – as palavras *pandorga*, *papagaio* e *pipa* marcam diferenças regionais entre os falantes; (v) no plano discursivo –facialmente associamos o *bah* ao gaúcho, o *não tem* ao florianopolitano, o *ôrra meu* ao paulista, o *me’rmão* ao carioca, o *pronto* ao nordestino, e assim por diante. (Coelho e Gorski, 2009, p. 77).

Face ao exposto, é possível depreendermos o quão ampla é a variação diatópica. Podemos notá-la no que tange aos diferentes sotaques, falares, assim como nas palavras que designam o mesmo conceito. E tudo isso ocorre porque a língua não é um sistema inerte, muito pelo contrário, é viva, é inovadora, é volátil. Sobre isso, Marinho (2006, p. 26) é bem elucidativo quando diz “as pessoas das diferentes regiões em que se fala a mesma língua apresentam variação no uso dessa língua, variação que pode ser relativa à forma de pronunciar os sons, ao uso característico do vocabulário ou à forma de construir as estruturas sintáticas”.

Assim sendo, “a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”. (Mussalin e Bentes, 2006, p. 34). Como podemos observar, a relação entre língua e sociedade é muito profunda, nenhuma língua apresenta-se homogênea ou uniforme, pelo contrário todas apresentam um conjunto de variedades que são refletidas no ato da fala, seja de ordem regional, social, cultural e/ou de outros fatores intrínsecos/extrínsecos à própria língua.

## - VARIAÇÃO SOCIAL OU DIASTRÁTICA

Entendemos por variação social as diferenças linguísticas que podem ser encontradas na dimensão social, seja por fatores de classe social, sexo, idade, ou por fatores como grau de escolaridade e a profissão do falante. Isso implica dizer que o meio social no qual o falante está inserido influencia decisivamente suas escolhas lexicais, seu sotaque e nos modos de falar sua língua vernácula.

Coelho e Gorski (2009) apontam para o fato das variações regionais e sociais constituírem uma relação íntima, vejamos:

Tanto a variação geográfica como a variação social estão intimamente associadas às forças internas que promovem ou impedem a variação e a mudança e à identidade do falante. É como se o indivíduo, ao manifestar-se oralmente, já revelasse a sua origem regional e social. É como se ele, pela sua forma de falar, se identificasse como pertencente ou não a determinada comunidade e a determinado grupo social. É nesse sentido que se diz que as regras variáveis podem ser motivadas extra-linguisticamente, além de linguisticamente. (COELHO E GORSKI, 2009, p. 77-78).

Como é possível percebermos, a língua fotografa a sociedade em seus aspectos socioculturais e demográficos. Os falantes de uma dada língua refletem na oralidade suas identidades. E, isso só é possível porque o domínio do léxico é vasto e complexo, como bem explana Antunes (2012):

[...] o domínio do léxico é vasto e complexo e inclui uma série de questões, que, por sua vez, têm raízes ou repercussões na morfossintaxe, na semântica, nas orações de textualização e de respostas às exigências pragmáticas da interação. (ANTUNES, 2012, p. 34).

Diante de tudo isso, é possível observarmos que as variações sociais ou diastráticas estão associadas aos estratos socioculturais dos quais o falante faz parte. Logo, constatamos a estratificação da língua. Neste viés, cumpre à Sociolinguística apontar como a língua se modifica de acordo com as diferenças sociais.

## - VARIAÇÃO CULTURAL OU DIAFÁSICA

É sabido que a área da linguística que se propõe a analisar o relacionamento da língua com a cultura é a Etnolinguística, também conhecida como Linguística Antropológica ou Antropologia Linguística.

Ao longo de nossas discussões, vimos que a língua sofre mudanças conforme os locais e os grupos sociais nos quais os falantes estiverem inseridos, além de outros fatores, é claro. E, com relação a cultura não poderia ser diferente. Pois, como bem explica Cascudo (1983):

A cultura é a capacidade que o indivíduo tem de se adaptar ao grupo em que está inserido. É a maneira de expressar valores e crenças que os membros desse grupo partilham. Para tanto, são usados valores que se manifestam por símbolos, como mitos, rituais, histórias, lendas e uma linguagem, ou ainda a forma de pensar, agir e tomar decisões. Assim cultura é algo muito importante inscrito nas estruturas sociais, na história, no inconsciente, na experiência vivida. (CASCUDO, 1983, p. 678).

Como podemos constatar, língua, sociedade e cultura constituem uma relação íntima. E, isso ocorre em virtude de a língua ser um traço cultural entre a comunidade linguística. Reconhecemo-la, portanto, enquanto patrimônio cultural de um povo. Nessa direção, o Inventário Nacional da Diversidade Linguística (INDL) tece as seguintes considerações:

[...] ao tratar cada língua de maneira individual e, conseqüentemente, entender que a diversidade se dá pelo conjunto dessas línguas, permite que as ações de reconhecimento de línguas como patrimônio tenham como critério a auto identificação das comunidades. Ou seja, reconhece-se determinada língua que é indicada por um grupo social como aquela que o representa, que se refere à sua história, ao seu modo de ser e estar no mundo [...] (BRASIL, 2016, p. 17)

Ainda segundo o INDL:

[...] A língua [...] difere dos demais bens culturais por sua natureza transversal e por seu papel de articulação e transmissão da cultura. Nenhuma prática, nenhuma representação, nem conhecimentos ou técnicas são passíveis de serem transmitidos entre as diferentes gerações senão através da mediação exercida pela língua. (BRASIL, 2016, p. 18).

Nesse sentido, observamos uma importante característica em comum entre língua e cultura: ambas são o meio de comunicação da sociedade. Logo, a heterogeneidade linguística observada no meio sociocultural é, a nosso ver, a língua em estado de atualização da cultura.

Portanto, as variações culturais constatadas na língua são como microcosmo da cultura, como bem reflete Câmara Jr (1965):

A língua se apresenta como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural. Quando um etnólogo vai estudar uma cultura, vê com razão na língua um aspecto dessa cultura. Nesse sentido, é o fragmento da cultura de um grupo humano a sua língua. Mas, como ao mesmo tempo a língua integra em si toda a cultura, ela deixa de ser esse fragmento para acender à representação em miniatura de toda a cultura. E ainda mais: como elemento de cultura, a língua apresenta o aspecto muito curioso de não ser em si mesma um coisa natural de per si, à maneira da religião, da organização da família, da arte da pesca etc.; ela apenas serve dentro da cultura como seu meio de representação e comunicação. (MATTOSE CÂMARA, 1965, p. 18)

Logo, cumpre à Etnolinguística estudar a variedade e a variação da linguagem em relação à civilização e à cultura. Buscando, portanto, investigar a diversidade linguística nos dois contextos: social e cultural, pois, como já discutimos, a linguagem é eminentemente social, estando, dessa forma, estreitamente relacionada com a cultura.

Nos próximos tópicos, discutiremos acerca dos campos de estudos que investigam os três tipos de variações apresentadas anteriormente, a saber: a Dialetoлогия, a Sociolinguística e a Etnolinguística.

### 1.3.1 DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия é um dos ramos da linguística cujo objeto de estudo são os dialetos e as variações da língua que ocorrem nos diferentes espaços geográficos. Crystal (1983, p. 81) afirma que a Dialetoлогия “é o estudo sistemático de todas as formas de dialeto, em especial, o dialeto regional, chamado também de dialetoлогия, ‘**geografia linguística**’ ou ‘**geografia dialetal**’.”

Podemos, desse modo, inferir que a Dialectologia é uma disciplina que estuda os dialetos com suas variações geográficas. Nesta direção, a Dialectologia intenta identificar, sistematizar, interpretar, descrever e situar as variações regionais. Neste sentido, Dubois (1978, p. 185) afirma que se trata de uma “[...] disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites”.

Cardoso (2016, p. 13) define a Dialectologia como “ramo da linguística que se ocupa da identificação e descrição dos diferentes usos de uma determinada língua, considerando a distribuição diatópica, os aspectos socioculturais e a cronologia dos dados”. Como é possível observarmos, a Dialectologia investiga a variedade de uma língua peculiar em um determinado quadro geográfico, dentro de tal variedade estão incluídos: o linguajar, o dialeto e o falar. Por isto, asseveramos que, para haver uma melhor compreensão do que é e do que trata a Dialectologia conceitos como os de língua, dialeto e falar são essenciais.

Nessa perspectiva, Cardoso (2016) pontua que:

Os objetivos da Dialectologia visam (i) descrever, nos espaços geográficos recobertos por uma determinada língua ou por um conjunto de línguas, fatos característicos; (ii) qualificar, do ponto de vista social, as ocorrências registradas e, (iii) examiná-las na perspectiva do tempo a que estão submetidas. (CARDOSO, 2016, p. 13).

Nesse contexto, fica evidente que o escopo da Dialectologia está voltado, sobretudo, para os falares regionais com suas delimitações geográficas. Todavia, é pertinente ressaltarmos que a Dialectologia e geografia linguística não são sinônimas. De acordo com Dubois (1978, p. 304), a Geografia Linguística é “a parte da Dialectologia que se ocupa em localizar as variações das línguas em relações a outras”. Neste sentido, Câmara (1879, p. 94) afirma, ainda, que “a Geografia Linguística consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal”. Logo, podemos inferir que a distinção entre ambas as disciplinas está precipuamente nas técnicas desenvolvidas para sistematizar e divulgar os estudos dos dialetos. Neste viés, Câmara Jr (1879, p. 94-95) apresenta duas técnicas para o desenvolvimento da Dialectologia: a da **geografia linguística**, que investiga a distribuição de cada traço linguístico dialetal, será registrado nos atlas linguísticos, e a da **descrição dos falares**, através de pesquisas destinadas a uma dada região, esta última irá compor gramáticas e glossários regionais.

Feita esta explanação sobre as definições da Dialetologia, seu objeto de estudo, sua finalidade enquanto disciplina, bem como suas técnicas, discutiremos, agora, alguns conceitos fundamentais sobre língua, dialeto e falar. Conforme já fizemos referências, para compreendermos melhor as nuances da Dialetologia, a discussão de tais pontos se faz essencial.

Sabemos que a língua compreende um conjunto de signos estreitamente vinculados ao processo das relações sociais, compreendendo, ainda, um conjunto de variedades que resultam de tais relações. Nesta direção, existem disciplinas que analisam, prioritariamente, a relação existente entre língua e cultura, língua e sociedade e língua e espaço geográfico, são elas, respectivamente: Etnolinguística, Sociolinguística e Dialetologia. Neste sentido, podemos afirmar que não há uma língua uniforme. A língua é viva e instável, sofre adaptações de acordo com as exigências comunicativas dos falantes. Podemos dizer, pois, que a língua é concebida por uma infinidade de variações: individuais, regionais, culturais e locais. Isso se justifica porque “Língua, sociedade e cultura são indissociáveis, interagem continuamente, consistem na verdade, um único processo complexo...” (BARBOSA, 1981, p. 156).

Destarte, é imperativo falar que a língua está em constante mutação, como descrevem Ilari e Geraldi (1985):

A língua não é um sistema fechado, pronto, acabado, de que podemos nos apropriar. No próprio ato de falantes, de nos comunicarmos uns com os outros, pela forma como o fazemos, estamos participando, queiramos ou não, do processo de continuação da língua. (ILARI E GERALDI, 1985, p. 32).

Tratando de estabelecer a distinção entre língua (*langue*) e fala (*parole*), Saussure (2010) se expressa:

A língua existe na e para a coletividade. É um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social. [...] A fala é um ato individual de vontade e de inteligência. [...] É o lado executivo [da linguagem] fica, pois, fora da causa, porque a execução não é jamais o fato da massa; ela é individual e o indivíduo é sempre senhor. (Saussure, 2010, p. 38).

No tocante ao que foi discutido, compreendemos que a evolução da língua ocorre no ato da fala, visto que, enquanto a língua é coletiva, a fala é individual. E, por apresentar uma particularidade é que irão ocorrer as variações de todos os tipos: diatópica, diacrônica, diafásica, diastrática, diagenérica e diageracional. “Existe, pois, interdependência da língua e da fala. Aquela é ao mesmo tempo instrumento e produto

desta”. (Saussure, 2010, p. 27). Logo, podemos afirmar que a fala é a prática da língua, isto é, a língua colocada em uso.

A esse respeito, é pertinente, também, distinguir falar regional e dialeto, tendo em vista que ambos se constituem enquanto objetos de investigação da Dialectologia. Nessa perspectiva, elencamos algumas definições para maior elucidação e objetividade:

- (i) A conceituação de dialetos ou falares regionais sempre é melhor entendida a partir da definição de língua. Língua pode ser definida como um sistema de oposições funcionais, serve de instrumento de comunicação, suporte de pensamento e meio de expressão dos indivíduos de um determinado grupo social. A língua é sempre vista como uma unidade, um todo invisível. No entanto, esta unidade é composta de infinitas variações – regionais, grupais ou individuais – que podem ser estudadas através dos níveis de análise fonética – fonológico, morfológico, sintático e semântico. Cada língua, ou sistema linguístico, é constituído de subsistemas que apresentam pontos de interseção e de disjunção. Esse subsistemas são os dialetos. (ARAGÃO, 1983, p. 17).
- (ii) [...] O termo dialeto, enquanto aposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é justamente uma língua histórica –salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior. (COSERIU, 1982, p. 11-12).
- (iii) O dialeto é uma forma de língua que tem o seu próprio sistema léxico, sintático e fonético, e que é usada num ambiente mais restrito que é a própria língua. Empregado correntemente como dialeto regional por oposição a língua dialeto é um sistema de signos e de regras combinatórias da mesma origem que outro sistema considerado como a língua, mas que desenvolveu, apesar de não ter adquirido o status cultural e social dessa língua, independentemente daquela. (DUBOIS, 1978, p. 184).

Nessa linha, selecionamos, ainda, alguns conceitos sobre os falares:

- (i) Línguas de pequenas regiões, através de um território linguístico dado que se distinguem umas das outras por oposições superficiais dentro do sistema geral ou oposições fundamentais que reúne todas numa língua comum. (CÂMARA JR, 1975, p. 151).
- (ii) Por oposição ao dialeto, considerado como relativamente coeso sobre uma área muito extensa e delimitada por meio de critérios linguísticos da dialectologia e da geografia linguística, o falar é um sistema de signos e de regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) e

no qual, de saída, o status social é indeterminado. Uma língua ou dialeto, estudados num ponto preciso, o são, pois, estudados como falares. (DUBOIS, 1978, p. 255-256).

- (iii) A prática dialetológica consiste em denominar dialeto para variedade que defina uma zona maior, reservando-se falar para variedade que ocupa apenas uma localidade, o *localetto*". (CINTRA, 1983, p. 49).

Como podemos observar, as definições que englobam os dialetos e os falares regionais, na maioria das vezes, não trazem homogeneidade. Acreditamos que isso se justifique em virtude dos critérios utilizados para delimitá-los, a saber, o geográfico, o social e o histórico. Em meio a tantos pontos de vista, a distinção entre dialetos e falares não é adotada com regularidade. Há os que aceitam e os que debatem. Nessas circunstâncias, “a tendência geral, atualmente, é usar os termos dialeto e falar como sinônimos ou parassinônimos”. (ARAGÃO, 1983, p. 65).

No entanto, apesar de Aragão (1983) nos apresentar um olhar mais contemporâneo frente aos estudos dialetológicos, a autora nos faz atentar para o fato de apesar de o Brasil ter dimensão territorial continental e exibir uma diversidade linguística gigantesca, o português do Brasil não tem dialetos, mas sim falares, vejamos o que diz a linguista:

Dialeto implica modificações morfossintáticas, na estrutura da língua, chegando a haver incomunicação entre os diferentes dialetos de uma mesma língua. Falar são modificações superficiais: fonéticas e léxicas que não causam incomunicação. A língua portuguesa tem dialetos: o brasileiro, o de países africanos, e dentro de Portugal: o do Minho, do Algarve, etc. etc., mas o português do Brasil não tem dialetos, mas falares. (ARAGÃO, 2009 *apud* ALMEIDA, 2009, p. 26).

Por meio das definições e discussões aqui apresentadas, depreendemos, de modo amplo, portanto, que as variantes regionais de determinada língua são, pois, o que irão definir dialetos e falares regionais. Vale salientar, ainda, que esta definição engloba:

Não só o aspecto social, geográfico ou diatópico, aquele no qual a dialetologia se concentra, mas os aspectos temporal ou diacrônico e social ou diastrático, que trata da relação entre língua e sociedade, também visto como dialeto urbano ou socioleto e que é objeto de estudo da sociolinguística. (ARAGÃO, 1983, p. 64).

Nessa direção, Cardoso (2016) assevera que os estudos dialetais enviesaram por dois caminhos: no plano geográfico ou perspectiva diatópica e pelo enfoque sociolinguístico ou perspectiva social. Vejamos:

No plano geográfico, a Dialetoologia identifica a variedade que uma língua apresenta no plano espacial, mostrando que, diatopicamente, os usos podem representar diferenças regionais que assinalam uma área em relação a outra ou identidades, existentes entre elas, seja num mesmo domínio geopolítico, seja entre países distintos. [...] na perspectiva social, a Dialetoologia atesta, numa mesma área, a existência de variantes que não se explicam nem se justificam do ponto de vista geográfico, mas que se associam a fatores sociais. Esse tipo de variação vem a constituir o conjunto de usos que a Dialetoologia agrupa como fatos da natureza diageracional, diastrática, diassexual. (CARDOSO, 2016, p. 14).

Nesse sentido, percebemos que a Dialetoologia se interessa pelas variáveis sociais por considerar que a variação diastrática não é isolada e/ou distanciada à variação diatópica. Assim sendo, concordamos com Blanch (1978, p. 42) quando afirma: “Se a dialetoologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais, tanto do eixo horizontal como do vertical”.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os estudos dialetológicos ocupam-se das variações de que se reveste toda língua. Isso ocorre porque “não existe uma língua unificada, nenhuma língua é monobloco indivisível”. (CARDOSO, 2016, p. 15).

Nessa direção, ainda, Silva Gorvalán (1988, p. 8) assevera que:

A dialetoologia é uma disciplina com larga tradição, como uma metodologia bem estabelecida e uma literatura rica e valiosa. É indiscutível que a dialetoologia trouxe importante contribuição à linguística geral e a sociolinguística.

Face ao exposto, fica evidente, portanto, que a Dialetoologia não estuda apenas a variação linguística na perspectiva diatópica, mas busca investigar tal variação nas perspectivas espacial, sociocultural e cronológica. Em outras palavras, nos últimos anos, a Dialetoologia vem buscando em suas pesquisas aliar os fatores geográficos aos fatores sociais. O fato é que tanto a Dialetoologia quanto a Sociolinguística reconhecem a heterogeneidade linguística. Seus estudos em muito contribuem para refletir a realidade linguística de determinada sociedade em um determinado momento da história da língua.

Sobre os estudos dialetais, Cardoso (2016) destaca dois aspectos fundamentais:

De um lado, o reconhecimento das diferenças e das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas de outro, o confronto entre a presença e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços fixados, importando, para o seu objetivo precípuo, tanto a atestação de denominações identificadas na área como a ausência de registros,

porque os espaços vazios também informam sobre a língua pesquisada. (CARDOSO, 2016, p. 15).

Como é possível depreendemos, a Dialectologia volta-se para a identificação, descrição, interpretação e análise dos fatos linguísticos notabilizados numa determinada região, sociedade e tempo histórico. Tem, portanto, na modalidade falada da língua o seu objeto de pesquisa.

Realizada essa breve discussão sobre os caminhos dos estudos dialetológicos, julgamos ser pertinente discorrer, embora de forma sumária, sobre a historicidade desse ramo tão importante da Linguística. Tal discussão faz-se necessária para melhor compreensão dos percursos metodológicos dos estudos dialetais. Além do mais, ao apresentarmos a história da Dialectologia tornaremos esta disciplina mais conhecida, evidenciando, desta forma, que “a dialetologia não se resume aos atlas linguísticos” (Rossi, 1967, p. 92).

De acordo com Cardoso (2010), a Dialectologia já com um método específico para o estudo das linguagens tem início no século XIX:

Os estudos dialetológicos propriamente ditos vêm a se iniciar num momento da história, século XIX, em que a individualidade geográfica de cada região estava resguardada seja pelo isolamento decorrente da frágil rede de estradas, seja pela dificuldade de comunicação, seja, ainda, pela inexistência de meios tecnológicos que permitissem a interação à distância entre as dificuldades das áreas, mas resultam, principalmente, da preocupação com o resgate de dados e a documentação dos diferentes estágios da língua. (CARDOSO, 2010, p. 29).

Tratando-se do Brasil, os estudos dialetais vieram à luz com Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, em 1826. Acerca das primeiras manifestações de natureza dialetal no Brasil, Nascentes (1952) elenca duas grandes fases:

Pode-se dividir a história dos estudos dialetológicos no Brasil em duas fases: a primeira, de 1826, ano o qual o brasileiro Borges de Barros publicou um estudo no livro de Adrien Balbi, até 1920, ano da publicação do livro O dialeto Caipira de Amadeu Amaral, a segunda, de 1920 aos nossos dias. (NASCENTE, 1952, p. 181).

Cardoso (2010) faz uma readaptação na periodização proposta por Nascente (1952). Segundo a autora, a história dos estudos dialetais no Brasil passam por três estágios diferentes. “A formulação tripartida apresentada tem como base identificar e

demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas consideradas”. (CARDOSO, 2010, p. 132).

A primeira fase ocorre entre 1826 a 1920, período em que foi publicado O dialeto Caipira de Amadeu Amaral. Nessa fase, segundo Cardoso (2010, p. 132), “Os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português do Brasil. São dicionários, vocabulários e léxicos regionais”. A título de ilustração, podemos citar:

- Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada, de visconde de Beaurepaire – Rohan (1883);
- O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1901);
- Glossário Paraense, de Vicente Chermont de Hirauda (1905);
- Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, de P.CarlosTeschaver (1912).
- Dicionário de brasileirismos, de Rodolfo Garcia (1912).

Ainda, conforme Cardoso (2010), a segunda fase dos estudos dialetais no Brasil inicia-se em 1920 até o início do século XX. Quem inaugurou a segunda fase foi o dialeto Caipira de Amadeu Amaral. Cardoso (2010, p. 134) afirma que esta fase é marcada por produções monográficas, sendo, ainda, o período que tentavam introduzir uma nova metodologia de trabalho. Sobre a segunda fase, a linguista tece as seguintes considerações:

A segunda fase [...] É marcada pela produção de trabalhos de cunho monográficos voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático. Nota-se a existência da preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos. São, assim, produzidos estudos de caráter monográfico, dos quais se destacam os trabalhos de Amaral, Nascentes e Marroquim, obras iniciais do período, que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade linguística brasileira, tentam implantar uma nova metodologia de trabalho e fornecem dados nos diferentes níveis de enfoque da língua. (CARDOSO, 2010, p. 134).

Nessa conjuntura, ainda, Cardoso aponta para o fato de existir nessa segunda fase quatro grupos diferenciados, que segundo ela:

No primeiro grupo, estão os léxicos e glossários regionais [...]. No segundo grupo, encontram-se obras de caráter geral que analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizantes [...]. Integrando um terceiro grupo estão estudos de caráter regional, que abordam, particularmente, aspectos ou uma área geográfica e fenômenos específicos de dada região [...]. Por fim, vêm a constituir uma quarta vertente de interesses dialetais, nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana [...]. (CARDOSO, 2010, p. 137-138).

Como é possível notarmos, a segunda fase foi bem produtiva, marcando o crescimento e o desenvolvimento da Geolinguística no Brasil.

Sobre a terceira fase dos estudos dialetológicos no Brasil, o que inaugurou tal fase foi o decreto nº30.643, de 20 de março de 1952, que instituiu o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, sancionado na época pelo então presidente Getúlio Vargas. Esse decreto tinha como finalidade a elaboração do Atlas linguístico do Brasil. Neste período, alguns nomes mereceram destaque: Antenor Nascente, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

A terceira fase da história da Dialetoлогия no Brasil, na ótica de Suzana Alice Cardoso (2010):

[...] tem como marca identificadora o começo dos estudos sistemáticos no campo da geografia linguística. Não ficam, porém, ausentes, desse período, estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas. (CARDOSO, 2010, p. 141).

Posto tudo isso, é considerável dizer que a Dialetoлогия vem ganhando espaço e força no Brasil. Como discutimos, os primeiros registros dos estudos dialetais datam de 1826 e até os dias atuais as pesquisas de natureza dialetal não param de ser produzidas. Além do mais, ao traçarmos os caminhos históricos dos estudos dialetais, foi possível atestarmos que a Dialetoлогия não se limita aos Atlas Linguísticos, como bem pontuou Rossi (1967). Os papéis da pesquisa geolinguística e dialetológica no Brasil ganham novos desdobramentos, pois ao mesmo tempo em que descrevem de forma sistemática a língua falada de uma região, buscam compreender suas interfaces com outros ramos do conhecimento. Observa-se, assim, que cada vez mais a relação da tríade: língua, cultura e sociedade é intrínseca, sendo, portanto, indissociável.

Desse modo, podemos afirmar que a Dialetoлогия e a Sociolinguística constituem uma relação intercambiável, na qual uma integra e totaliza a outra.

Nas palavras de Cardoso (2010):

A dialetologia e a sociolinguística têm, assim, no momento atual, importante papel, relevante missão de, assumindo uma reflexão sobre a língua Portuguesa, dar o salto da teoria à Práxis[...] (CARDOSO, 2010, p. 187).

Portanto, diante de tudo o que foi explanado, concordamos com Cardoso (2010, p.12) quando esta fala que “a dialetologia no Brasil – e no mundo – vem ganhando terreno, expandindo-se, adquirindo novas dimensões e captando novos e numerosos adeptos”. Podemos, assim, concluir que os caminhos e as trilhas pelas quais a Dialetologia percorre no Brasil não somente a torna viva, mas efetiva e produtiva. Como ratifica Cardoso (2010, P.12): “A dialetologia no Brasil está, de fato, não só viva, mas operante”.

### 1.3.2 SOCIOLINGUÍSTICA

Partindo do pressuposto que esta pesquisa tem como objetivo investigar a diversidade linguística, de determinada região, através da literatura regional/popular é que empenhamo-nos em discutir nesta seção sobre a Sociolinguística, ramo da Linguística que busca analisar a relação: linguagem e contexto social. Logo, faz-se necessária a sua discussão, haja vista que se trata de uma ciência que busca estudar as variedades da língua tanto no plano social quanto no cultural, como bem nos aponta Lyon (1980 *apud* ARAGÃO, 1983, p. 59): “O estudo da língua como parte da cultura e da sociedade é atualmente aceito como sociolinguística”.

Vale salientarmos, que os estudos sociolinguísticos são alicerçados nas variedades da língua, uma vez que, independentemente de qualquer língua que se esteja estudando, na fala ou na escrita ela apresentará variedades, isto porque “a língua é um todo homogêneo, composto de partes heterogêneas, que, reunidas, constitui a estrutura desse todo. O princípio da variedade na unidade é uma realidade que não se pode desconhecer” (ARAGÃO, 2004, p. 1710).

Nessa direção, é pertinente, ainda, que façamos a distinção entre Sociolinguística e Sociologia da Linguagem, uma vez que, ambas apesar de constituírem o mesmo objeto de estudo: a linguagem – apresentam abordagens diferentes. Como nos evidencia Coseriu (1987):

Se o objeto de estudo é a linguagem, se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação a estratificação social, o

que se faz é sociolinguística propriamente dita ou “linguística socióloga”, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar, no sentido de que as categorias desta são apenas utilizadas como base de referência. Se, ao contrário, o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se se comprova quem fala um tipo de linguagem x (que não se estuda como tal) e quando o fala e, portanto, se examina o “status” desse tipo x na comunidade (ou seja, este mesmo tipo como atributo de tal ou qual categoria social), se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar, enquanto identificar os tipos de linguagem a considerar. (COSERIU, 1987, p. 35).

Como é possível observarmos, Coseriu circunscreve a Sociolinguística como uma disciplina linguística e não sociológica, cabendo a esta ciência o estudo das variações linguísticas em relação à estratificação social. Interessa, assim, à Sociolinguística o estudo da linguagem correlacionado às diferentes camadas sociais.

Nesse cerne, Coseriu (1987) apresenta a definição e as principais tarefas da Sociolinguística:

O plano do falar em geral é também o plano no qual se estabelecem os fundamentos racionais da sociolinguística [...]. O objeto da Sociolinguística como disciplina descritiva no plano universal é o grau do conhecimento e utilização das normas gerais do falar em relação com a estrutura sócio-cultural das comunidades. Mas, como o que se fala é sempre uma língua, a correlação só pode estabelecer-se para o mesmo conhecimento da língua considerada. (COSERIU, 1987, p. 29).

Nesse contexto, podemos afirmar que toda e qualquer língua apresenta um dinamismo imanente, tornando-a, deste modo, volátil e heterogênea. Em razão disto, Mollica (2008) tece as seguintes considerações:

[...] a sociolinguística considera a importância social da linguagem, dos pequenos grupos sócio-culturais a comunidades maiores. Se cada grupo apresentasse comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para se ter um olhar sociolinguístico da sociedade. (MOLLICA, 2008, p. 10)

Depreendemos, assim, que a Sociolinguística buscou, desde seus primórdios, investigar o valor social relacionado aos diferentes modos de falar. Isso porque enquanto ciência da linguagem buscava quebrar alguns mitos, como: o de que existe uma forma “certa” de falar. Perante tais discussões, poderíamos indagar sobre como surgiu o interesse de estudar a língua com esse novo olhar, com essa nova concepção. Sobre isso Bagno (2007) esclarece:

A sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados da década de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua sem levar em conta também a sociedade em que ela é falada. O estudo da variação e da mudança na perspectiva sociolinguística foi impulsionado sobretudo por William Labov (nascido em 1927) que se tornou o nome mais conhecido da área. (BAGNO, 2007, p. 28).

Nesse viés, pesquisas evidenciam que foi no século XX que a área de estudos da linguagem voltada para a relação linguagem-sociedade ficou conhecida como Sociolinguística, área que desde seus primórdios mantém estreita relação com a Antropologia, a Sociologia e a Geografia Linguística.

Segundo Coelho et al. (2010), a relação da Sociolinguística com essas três áreas do conhecimento deve-se ao fato de:

A associação com a Antropologia – chamada de etnolinguística ou antropologia linguística – deve-se ao fato de a sociolinguística estender a descrição e análise da língua para incluir aspectos de cultura em que é usada. [...]; a proximidade com a sociolinguística resulta na chamada sociologia da linguagem – área que investiga a interação entre estes dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social do comportamento, ou seja, a organização social do comportamento linguístico, seja em termos de usos, seja em termos de atitudes em relação à língua e aos usuários; A aproximação com a geografia linguística, ou dialetologia, ou ainda a geolinguística, deve-se ao interesse pela elaboração de atlas linguísticos [...] cujo objetivo é descrever a realidade linguística com vistas a traçar a divisão dialetal do país, tornando evidentes as diferenças regionais [...]. (COELHO et al, 2010, p. 17).

Nesse contexto, na década de 60, o linguista William Labov ganha destaque ao propor um novo olhar nos estudos linguísticos. Labov dá ênfase aos fenômenos da variação e da mudança linguísticas. Nesta conjuntura, a variação linguística, em especial, passa a ser investigada como integrante do funcionamento do sistema linguístico.

De modo sumário, a visão Laboviana determina, nas palavras de Coelho et al (2010), que:

Não existe uma comunidade de fala homogênea, nem um falante-ouvinte ideal. Pelo contrário, a existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala é um fato comprovado. Existe variação inerente à comunidade de fala não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação. (COELHO et al, 2010, p. 22).

Como é possível observarmos, à luz da Sociolinguística, a língua é concebida como um objeto de interação social, fato que nos leva a constatar que a relação língua e meio social é muito profunda, afinal de contas a língua acompanha e reflete toda a evolução que ocorre no seio da sociedade. Em virtude deste elo indissociável é que atualmente a Sociolinguística investiga questões relativas à heterogeneidade linguística, mudança linguística, preconceito linguístico, bilinguismo, política e planejamento linguístico, entre outras. Sobre isto, Coelho et al (2010, p. 22) corroboram: “Com efeito, a Sociolinguística se ocupa da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade da fala”.

Nessa direção, podemos inferir que a comunidade de fala é o que mais importa à Sociolinguística, uma vez que é nessa esfera que ocorre a interação entre língua e sociedade. Para Labov (2008, p. 188), “uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todos as mesmas formas, ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”. Ainda conforme o linguista, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real”. (LABOV, 2008, p. 225).

Nesse prisma, Coelho et al (2010) tecem algumas observações sobre o critério de Labov para definir comunidade de fala, vejamos:

O principal critério laboviano para definir comunidade de fala não é o uso linguístico compartilhado pelos falantes, mas suas atitudes semelhantes diante dos fatos linguísticos. Nesse caso, é preciso considerar que a uniformidade das normas compartilhadas pelo grupo ocorre quando a variável linguística possui marcas sociais evidentes aos falantes. Isso significa que eles devem ter consciência desses usos e ser capazes de emitir juízos de valores sobre as formas linguísticas variáveis. (COELHO et al, 2010, p. 37-38).

Os mesmo autores ainda contemplam:

[...] na teoria laboviana, o indivíduo é um ser *estratificado*, isto é, um tipo social caracterizado por um conjunto de fatores: sexo, idade, escolaridade, profissão etc. Assim, interessa menos ao pesquisador sociolinguista se o informante que fornece os dados é João, Maria ou José; o que interessa mais é identificar o tipo social: indivíduo do sexo masculino, situado na faixa etária de 26 a 40 anos, com grau de escolaridade correspondente ao Ensino Médio, nascido e residente na zona urbana da cidade tal; ou indivíduo do sexo feminino, com idade entre 15 e 25 anos, com nível de escolaridade fundamental, nascido e residente na zona rural da cidade tal. Em outras palavras, os indivíduos

são identificados por pertencerem a determinadas **células sociais**. (COELHO et al, 2010, p. 38-39).

Nesse sentido, entendemos que cabe à Sociolinguística, enquanto ciência da linguagem, investigar a atuação linguística dos falantes inseridos em determinado contexto de comunidade de fala. Em outras palavras, o pesquisador sociolinguista terá como objeto de pesquisa o comportamento linguístico de indivíduos referente à estrutura e às relações sociais nas quais estão vinculados. No tocante ao discutido, Coseriu (1987, p. 5) pontua que a Sociolinguística é traduzida como “estudo da variedade e da variação da linguagem em relação à estrutura social das comunidades falantes”.

Seguindo esse mesmo ponto de vista, Mollica (2008) explica:

Cabe à sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático. Assim, compreende-se que a variação e a mudança são contextualizadas, constituindo o conjunto de parâmetros um complexo estruturado de origem e níveis diversos. (MOLLICA, 2008, p. 11).

Assim sendo, podemos afirmar que a Sociolinguística originou-se com caráter interdisciplinar, correlacionando, deste modo, pontos de vista linguísticos e sociais. É, pois, nesse cerne que Coseriu (1987) afirma que a variedade linguística nos estudos sociolinguísticos é investigada pelo viés de três vertentes: a diatópica, a diastrática e a diafásica. Segundo o autor:

No plano histórico a variedade da língua apresenta três grandes tipos de diferenças e, no sentido contrário à diferenciação, três tipos de unidades: diferenças no espaço geográfico ou *diatópicas*, diferenças entre as camadas sócio-culturais ou *diastráticas* e diferenças de modalidade expressiva segundo as circunstâncias permanentes ou ocasionadas do falar, ou diferenças *diafásicas*; e unidades sintópicas (ou “dialetos”), unidades sinstráticas (ou “níveis da língua”) e unidades sinfásicas (ou “estilos de língua”). (COSERIU, 1987, p. 29).

Como é possível constatar, as fronteiras entre a Sociolinguística (ciências que estuda a relação entre língua e sociedade), a Dialetoлогия (disciplina que investiga a relação língua e espaço geográfico) e a Etnolinguística (área que analisa a língua como atualização da cultura) são eminentemente estreitas.

Acreditamos que seja nessa mesma linha de raciocínio que Coseriu (*apud* MONTES, 1995) afirma:

A Sociolinguística [...] ramo da linguística que se preocupa com a língua como fenômeno social e cultural, nasceu, de certa forma, portanto, dentro da Dialectologia. São, assim, dialectologia e sociolinguística duas perspectivas de observação e análise da língua que não se opõem, mas sim se encontram e se complementam. (COSERIU *apud* MONTES, 1995, p. 35).

Nesse contexto, podemos inferir, a partir da explanação de Coseriu, que a Sociolinguística, a Dialectologia e a Etnolinguística são indissociáveis, complementares e interdependentes. Além disso, cada uma dessas ciências apresentam métodos específicos para desenvolver suas pesquisas, todavia, apesar dessas especificidades, elas são compatíveis entre si.

Portanto, estudar a língua isoladamente seria um equívoco, tendo em vista que, em termos do Brasil, especificamente, em toda sua extensão territorial é visível a presença das variedades linguísticas, as quais são repletas de originalidade. É nesta direção, que acreditamos ser de extrema relevância em um estudo linguístico levar em consideração as composições social, cultural, estilística e geográfica nas quais os falantes estiverem inseridos.

Bagno (2008) afirma, ainda, que toda a variedade linguística atende às necessidades das comunidades linguísticas que dela fazem usos, vejamos:

[...] não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente “melhor”, “mais pura”, “mais bonita”, “mais correta”, que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade dos seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares. (BAGNO, 2008, p. 47-48).

Neste sentido, é assertivo dizermos que a diversidade linguística é inerente à própria língua, uma vez que as variações linguísticas além de serem uma manifestação da heterogeneidade e da volatilidade da língua, constituem-se, também, enquanto identidade cultural e dada comunidade linguística, bem como dos sujeitos particulares.

Portanto, ao estudarmos a língua e sua heterogeneidade, investigando aquela em seus diversos contextos socioculturais, não estamos somente dando nossa contribuição aos estudos sociolinguísticos. Mas, muito além disso, estamos, sobretudo, fazendo uma fotografia do estado da língua no hoje e no agora. Registrando não apenas a linguagem

regional/popular de um povo, mas sua cultura, sua identidade, suas concepções de vida e de mundo.

Logo, a construção de um glossário não se restringe a uma mera lista de palavras com significados. É a descrição e análise das relações entre língua, cultura e sociedade. É, também, uma forma de manter viva a língua, de valorizar nossos escritores regionais, de enaltecer a grandiosidade de uma região, bem como o modo de falar do seu povo, sua gente. Contribuindo, assim, para o resgate e preservação do patrimônio cultural brasileiro, posto que a língua é um traço daqueles que dela fazem o uso.

Nesta perspectiva. Antunes (2009) discute:

[...] nossa língua nos deixa ver de onde somos. De certa forma, ela nos apresenta aos outros. Mostra a que grupo pertencemos. É uma espécie de atestado de nossas identidades. Revelamo-nos pela fala. Começamos a dizer-nos por ela. Simplesmente pela forma, pelos sons, pela entonação, pelo jeito que falamos. Antes mesmo que nos revelemos pelas coisas que dizemos. As ideias, se dizem de nós, só vem depois do que disseram nosso sotaque, nossas escolhas lexicais e opções sintáticas. (ANTUNES, 2009, p. 96).

Enfim, acreditamos que para minimizarmos o preconceito linguístico existente em nossa sociedade e, também, nas instituições de ensino, é de suma relevância que haja uma maior valorização da diversidade linguística, de modo que conscientes da pluralidade intrínseca à língua de professores, alunos, estudiosos e a sociedade em geral ao invés de disseminar a noção do feio/errado aos falares regionais, passem a valorizá-los, enxergando-os como parte de suas culturas, histórias e, portanto, de suas identidades. Haja visto que os tabus impostos aos falar e ao escrever, como muitos puristas e conservadores defendem, não se sustentam no uso real da língua, como podemos ver nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Portuguesa:

A variação é constituída das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “língua portuguesa” está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. [...] a imagem de uma língua única, mais próxima da modalidade escrita da linguagem, subjacente às prescrições normativas da gramática escolar, dos manuais e mesmo dos programas de difusão da mídia sobre “o que se deve e o que não pode falar e escrever”, não se sustenta na análise empírica dos usos da língua. (BRASIL, 1998, p. 29).

No tocante a tudo que foi discutido, podemos inferir que, toda e qualquer língua acompanha de perto a evolução da sociedade, cabendo, então, à Sociolinguística, área que investiga mais profundamente o elo entre língua e sociedade, analisar os fenômenos sociais e também os não sociais que se relacionam à língua.

### 1.3.3 ETNOLINGUÍSTICA

Os princípios teóricos da Etnolinguística embasarão, também, nossa pesquisa, haja vista que estudaremos a relação língua-cultura nas obras literárias do poeta paraibano Jessier Quirino.

De acordo com Coseriu (1987), podemos entender a Etnolinguística como:

[...] o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos “saberes” (ideias, crenças, concepções, ideologias) acerca das “coisas”, portanto, também acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato “real”. (COSERIU, 1987, p. 46).

Face ao exposto, é notório que a Etnolinguística analisa a linguagem e seu elo estreito com a cultura e a sociedade, investigando, assim, a variação linguística em relação à cultura, bem como aos aspectos linguísticos que estão relacionados à identidade étnico-cultural dos falantes. Desse modo, podemos observar que a Etnolinguística apresenta ampla interdisciplinaridade com a Sociolinguística, a Dialectologia, a Etnografia e a Antropologia. Todavia, compete-nos ressaltar que embora tais ciências compartilhem de um mesmo objeto de pesquisa, cada uma delas tem métodos e técnicas de pesquisas particulares.

Lima Barreto (2010) aponta que:

[...] diversas ciências (ramificações da linguística) procuram estabelecer relações com a linguística: a Psicolinguística, a Sociolinguística, a Antropolinguística, a Etnolinguística, etc. Está última procura estabelecer relação entre a língua e cultura. A linguagem característica universal do homem, é eminentemente social, estando intimamente relacionada com a cultura. Através dela, todas as concepções do mundo são levadas ao homem. (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Assim sendo, acreditamos que a língua de forma pessoal e intransferível é um bem cultural e social. Deste modo, podemos afirmar que, é possível o estudo da cultura e de

seus desdobramentos no âmbito linguístico. Pois, a língua em seus diversos contextos é permeada de hábitos, costumes, valores, saberes, e, portanto, de cultura. Logo, a língua e a cultura constituem uma relação indissociável, corroborando aquilo que afirma Laraia (1986, p. 53): “a linguagem humana é produto da cultura”.

Nesse viés, Lévi-Straus (2003) discute sobre a linguagem como um produto e como condição de cultura:

Pode-se, inicialmente, tratar a linguagem como um produto de cultura: uma língua, em uso numa sociedade, reflete a cultura geral da população. Mas num outro sentido, a linguagem é uma parte da cultura; constitui um de seus elementos, dentre outros. (...) pode-se tratar a linguagem como condição da cultura, e por duplo motivo: diacrônico, visto que é sobretudo através da linguagem que o indivíduo adquire a cultura de seu grupo; instrui-se, educa-se a criança pela palavra; ralha-se com ela, lisonjeia-se com as palavras. Situando-se de um ponto de vista mais teórico, a linguagem aparece também como condição de cultura, na medida em que esta última possui uma arquitetura similar a linguagem. Ambas se edificam por meio de oposição e correlações, isto é, de relações lógicas. Tanto que se pode considerar a linguagem como um alicerce destinado a resolver as estruturas às vezes mais complexas, porém do mesmo tipo que as suas, que correspondem à cultura encarada sob diferentes aspectos. (LÉVI-STRAUSS, 2003, p. 86).

Como é possível observarmos, fazer um estudo etnológico implica investigar as interfaces da língua levando em consideração a identidade cultural do povo que a fala. Pois, “cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas”. (BIDERMAN, 1978, p. 80). Com isto, podemos afirmar que a língua não pode ser concebida, nem tão pouco estudada, fora do seu aspecto sociocultural, tendo em vista que ela, mais que qualquer outra coisa, faz parte da cultura de um povo, constituindo-se, assim, enquanto patrimônio cultural de determinada comunidade linguística.

É, pois, nesse sentido que a Etnolinguística se ocupa em investigar a língua como atualização da cultura, marca identitária de um povo. Nesse sentido, Coseriu (1978, p. 19) afirma que cabe à Etonolinguística o estudo dos fatos de uma língua motivados pelos saberes acerca das coisas.

Dessa forma, só haverá língua se existir cultura. E, só haverá cultura se existir sociedade. Mais uma vez, constata-se o intercâmbio indissociável: língua-cultura-sociedade. Nessa direção, Sapir (1969, p.205) discute: “a língua não existe isolada de uma cultura, isto é, de um conjunto socialmente herdado de práticas e crenças que determinam

a trama das nossas vidas”. A língua é, portanto, testemunha da sociedade, retrato social de um povo. Logo, a língua não existe isolada de uma cultura, pois é patrimônio desta.

Tendo em vista a amplitude de definições dadas à Etonolinguística em virtude de sua proximidade com a Sociolinguística, Coseriu (1987) delimita tais áreas da seguinte forma:

Do ponto de vista linguístico é oportuno, primeiro, limitar a sociolinguística (como estudo da linguagem, como disciplina linguística, não socióloga, ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades falantes, e a etnolinguística, (como disciplina linguística, não etnológica ou etnográfica), ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura. (COSERIU, 1987, p. 34).

O estudioso supramencionado apresenta, ainda, três diferentes planos linguísticos para cada disciplina: i) o plano do falar - estudar a linguagem delineada pelo conhecimento universal do mundo, ii) o plano da língua - preocupa-se com os fatos linguísticos estabelecidos pelos “saberes acerca das coisas” e da estratificação social dos grupos linguísticos; E, por fim, iii) o plano do discurso - neste plano, o objeto da Etnolinguística é estudar os tipos e as estruturas dos discursos determinados pela cultura de um determinado povo.

Tangente a tudo que foi discutido até aqui, consideramos de extrema pertinência as considerações de Aragão (2006) frente às relações existentes entre língua, cultura e sociedade:

A relação entre linguagem e cultura se dá em 3 sentidos diferentes: a) a linguagem é uma forma primária de cultura, do espírito criador do homem; b) a linguagem reflete a cultura não linguística, é atualidade da cultura, manifestar os saberes, as ideias, as crenças acerca da realidade conhecida, das realidades sociais e da própria linguagem enquanto parte da realidade; c) a linguagem não é só competência linguística, mas é competência extralinguística, conhecimento do mundo, saberes, ideias e crenças acerca das coisas. (ARAGÃO, 2006, p. 8-9).

As relações que Aragão (2006) elenca são bem instigadoras, leva-nos a observar, por exemplo, que os contextos socioculturais nos quais a língua ocorre influenciam decisivamente as variações. Portanto, “a etnolinguística não analisa o fato linguístico isoladamente, mas sempre relacionado ao contexto em que ele foi produzido, considerando os dados paralinguísticos e extralinguísticos”. (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Lima Barreto (2010) esboça, ainda, as seguintes considerações:

A etnolinguística abrange domínios tanto da linguística quanto da antropologia, por isso não é disciplina isolada e autônoma. Ela se preocupa em investigar os relacionamentos entre língua e visão de mundo, a partir do contexto em que a língua é produzida, analisando a sua adaptação a este contexto e seu poder de expressão. Através dela, é possível perceber de que forma a visão de mundo de um grupo está relacionada às suas experiências, bem como se verifica a influência da cultura no léxico e na gramática de uma língua, de acordo com as atividades, sua estrutura social e o ambiente geográfico. (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Como é possível inferirmos, o campo de estudo da Etnolinguística é amplo e profícuo, uma vez que contribui significativamente na compreensão da relação entre a linguagem e a realidade cultural do falante. Neste viés, é imperativo dizer que a realidade extralinguística constitui-se enquanto fio condutor na investigação e na análise de quaisquer comunidades linguísticas.

Nesse sentido, Lima Barreto (2010) explica:

A análise de uma língua de uma determinada comunidade, partindo dos fatos linguísticos para os fatos extralinguísticos, permite conhecer melhor a realidade social desta. Em função dos fatores extralinguísticos, podem ser explicitados vários fenômenos linguísticos, como o aparecimento de determinadas formas linguísticas. (LIMA BARRETO, 2010, s/p).

Com isso, compreendemos que a língua é tanto parte integrante, quanto reprodutora da cultura, esta por sua vez a influencia e a modifica. Por fim, é válido ressaltar que através dos estudos etnolinguísticos procuramos observar o relacionamento da tríade língua-cultura-sociedade em sua integralidade, ou seja, “procura-se estabelecer uma identidade de relações entre fatos linguísticos e fatos culturais, ambos condicionados pelas necessidades da vida social”. (BORBA, 1998, p. 80).

Dessa forma, fica evidente que, quando se trata de estudos que têm por objeto de pesquisa a linguagem, que partem da correlação língua-cultura num dado contexto social, tratando, ainda, de fatos linguísticos, os quais são definidos como “saberes acerca das coisas”, estar-se-á falando da Etnolinguística.

## 2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta é uma pesquisa descritiva e qualitativa, características típicas a este tipo de estudo. Busca-se através de uma análise léxico-semântica da linguagem de Jessier Quirino perceber a existência de fenômenos linguísticos oriundos da heterogeneidade da língua, haja vista a pretensão em conhecer as peculiaridades lexicais provenientes do intercâmbio língua-cultura-sociedade.

### 2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Segundo Lakatos e Marconi (2001, p. 66), “a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado em livros [...] monografias, teses, dissertações e material cartográfico [...]”.

Deste modo, nesta pesquisa, para o levantamento bibliográfico foram consultadas fontes documentais, tais como: livros, artigos, dissertações e teses.

Sendo, portanto, objetivo de nosso trabalho revelar fenômenos linguísticos da linguagem regional utilizada por um escritor paraibano, partimos, inicialmente, para um levantamento bibliográfico sobre os principais pressupostos teóricos que norteiam este estudo:

- **Lexicologia:** Ciência que se ocupa com o estudo do léxico e de suas unidades.
- **Lexicografia:** Ciências dos dicionários, cuja finalidade é inventariar o léxico de quaisquer línguas.
- **Semântica:** Área que se ocupa em estudar os processos das significações.
- **Dialetologia:** Disciplina linguística que investiga as variações da língua que ocorrem nos diferentes espaços geográficos.
- **Sociolinguística:** Disciplina linguística que estuda as relações entre língua e sociedade.

- **Etnolinguística:** Área que se propõe a analisar a língua como atualização da cultura.
- **Pesquisa bibliográfica sobre a obra do autor.**

## 2.2 UNIVERSO DE PESQUISA

O universo de nossa pesquisa constitui-se do léxico regional-popular registrado nas quatro obras do escritor paraibano Jessier Quirino, a saber: *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013).

Todas as obras apresentam a linguagem regional-popular, especificamente, a do Nordeste do Brasil. E estão dispostas da seguinte forma:

Tabela 2: Total de obras analisadas

<i>Prosa Morena</i>	<i>Bandeira Nordestina</i>	<i>Berro Novo</i>	<i>Papel de Bodega</i>
<b>59 poemas</b>	<b>51 poemas</b>	<b>73 poemas</b>	<b>65 poemas</b>

Fonte: Elaborada pela autora

A escolha de tais obras se deu em virtude da expressividade dos falares regionais utilizados pelo escritor. Vale ressaltarmos que, nas poesias proseadas quirinianas é notória a riqueza do léxico regional/popular que exala um leque de variações linguísticas existentes no Nordeste brasileiro. Jessier contempla em sua obra as formas vivas que são utilizadas nos dias atuais, bem como aquelas que estão em fase de desaparecimento ou desuso, constituindo-se os chamados arcaísmos.

É, portanto, através desse leque linguístico que pretendemos nos dedicar. Salientando, assim, a riqueza e a diversidade do falar nordestino, que em certa medida, nada mais é que fruto de árvore prolífera: cultura popular.

## 2.3 SOBRE O AUTOR E SUAS OBRAS

Jessier Quirino é um escritor paraibano, declamador de poesias, contador de histórias e matuto convicto. Ele se auto define como “arquiteto por profissão, poeta por

vocação e matuto por convicção”. Quirino nasceu no dia 30 de abril de 1954, sendo o quarto filho de um total de cinco dos senhores Antônio Quirino de Melo e Maria Pompéia Araújo de Melo, em Campina Grande/PB, a segunda cidade mais populosa da Paraíba, localizada a 120km da capital, conhecida também como “Rainha da Borborema”.

Ainda em Campina Grande, Jessier estudou até o Ginásio no Instituto Domingos Sávio e Colégio Pio XI. Logo em seguida, cursou o científico em Recife, capital do Pernambuco, e em 1982 concluiu o curso de Arquitetura na Universidade Federal da Paraíba, Campus I, em João Pessoa. Um ano seguinte, em 1983, Quirino mudou-se para Itabaiana, cidade interiorana da Paraíba, na qual reside até hoje.

O início da trajetória de Quirino enquanto artista da poesia e da cultura popular se deu por influência de escritores regionalistas, aos quais o escritor detém profunda admiração: Zé da Luz e Zé Laurentino, bem como por repentistas e sertanejos da região. É válido enfatizar, que Jessier exerce a função de arquiteto, embora tenha a agenda sempre cheia em virtude dos frutos que anda colhendo por dedicar boa parte de seu tempo à arte, à literatura e à poesia. Atualmente, é considerado por muitos como um artista plural, pois é artista de palco, escritor, compositor, humorista, declamador, poeta e contador de histórias. Jessier é um dos poucos da sua geração que consegue reunir tamanha integralidade.

Entre diversos materiais de expressão artística, Jessier já publicou livros, CDs e DVDs. Em 1996, o escritor lançou sua primeira obra literária “*Paisagem de Interior*”. A partir dessa publicação, Quirino alavancou no mundo artístico e literário, consagrando-se como artista de palco e como escritor regionalista, seus causos interioranos ganharam o mundo, e o poeta se sentiu impulsionado a publicar mais obras, entre elas produziu: “*Agruras da Lata D’Água*” (1998), *Chapéu Mau e Lobinho Vermelho* (infantil, 1998), *Paisagem de Interior I e II* (CDs, 1999), “*Prosa Morena*” (livro e CD, 2001), “*Política de Pé de Muro*” (2002), “*Miudinha*” (infantil, 2003), “*Bandeira Nordestina*” (livro e CD, 2006), “*Berro Novo*” (2009), “*Papel de Bodega*” (livro e CD, 2013), “*Vizinhos de Grito*” (DVD, 2013), “*O Caso da Cobra Branca*” (2018), e por último, em parceria com Bráulio Tavares, “*Galos de Campina*” (2018).

Com seu jeito próprio e bem característico de fazer poesia, Jessier Quirino se destacou no universo literário, rompendo as fronteiras impostas pelo preconceito linguístico e enaltecendo, a cada obra produzida e publicada, a cultura e a linguagem nordestina. O escritor foi assim adquirindo reconhecimento no meio literário, artístico,

mediático e acadêmico. Alguns escritores de renome e críticos literários discorrem sobre Jessier. Apresentaremos, aqui, alguns deles.

Sobre o escritor, Braúlio Tavares (*apud* QUIRINO, 2009) declara:

Jessier está ampliando o seu raio de ação, que começou nos livros e passou aos recitais (ou será sido o contrário?) e agora já chega à gravação de CDs e à realização de shows em que música e poesia se misturam. Na tradição de Zé da Luz, Catulo da Paixão Cearense, José Laurentino, Chico Pedrosa, Jessier é o grande poeta regional de sua geração (que é a mesma minha), e tem trazido para este estilo de poesia uma contribuição própria, um modo de escrever próprio, que é o que distingue os grandes poetas. Eles não apenas assimilam tudo que foi feito antes, mas abrem novos caminhos para o que virá depois. [...]” (TAVARES *apud* QUIRINO, 2009, s/p).

Já Gilberto Braga de Mello ao falar sobre Quirino relata:

Jessier Quirino já e “case”, ou caso – como certamente ele vai preferir. A história do arquiteto bem sucedido que fica famoso escrevendo e recitando poesia popular é um exemplo raro de um artista por graça e mérito da sua arte, ainda mais se sua arte é poesia. Mais ainda se sua poesia é matuta. No entanto, a obra de Jessier Quirino vai além do sucesso e da diversão que proporciona em recitais e leituras. Na verdade, ele renovou o que pegamos por vício chamar de poesia popular nordestina. Seus versos não têm uma métrica rígida, ou têm uma métrica própria. Sua poesia não teme ir às raíais da prosa, ou sua prosa de tão musical vira poesia. Seu vocabulário resgata termos arcaicos com tanta naturalidade que os fazem soar contemporâneos, assim como termos moderníssimos são incorporados à fala matuta com um sem preconceitos que os fariam naturais até na boca da mais antiga bisavó sertaneja. [...]” (MELLO *apud* QUIRINO, 2006, s/p).

Alberto da Cunha Melo quando fala de Jessier e de sua escrita expõe:

Não sei se por que já prevendo uma profunda transformação no mundo rural, em virtude da força homogeneizadora dos meios de comunicação e das novas tecnologias, Jessier Quirino, desde seu primeiro livro, vem fazendo uma espécie de etnografia poética dos valores, hábitos, utensílios e linguagem do agreste e do sertão nordestinos... Sua obra, não tenho dúvidas, além de seu valor estético, cada dia mais comprovado, vai futuramente servir como documento e testemunho de um mundo já então engolido pela voragem tecnológica. (CUNHA MELO *apud* QUIRINO, 2013, s/p).

Vital Farias, por sua vez, descreve Jessier Quirino como:

Observador, pesquisador e, antes de tudo, poeta para entontar, como diz outro imenso poeta, Orlando Tejo, a poesia de Jessier Quirino é um misto de Zé da Luz, Quito Dias, Augusto dos Anjos, romancieiros populares, cantigas de amigos, cantigas de maldizer, cantigas de amor, cantigas de escárnio, poesia, e romance de cordel propriamente dito. (FARIAS *apud* QUIRINO, 2013, s/p).

Como podemos observar, as obras do artista Jessier ganharam grandes proporções. Algo que nos chama muito a atenção é o fato do escritor não ter feito nenhum curso específico na área de Letras ou Literatura e dominar tão bem a métrica, a rima, a prosa e a poesia. Quirino, enquanto poeta desta nova geração, vem se destacando por seu estilo próprio, por sua dose de humor empregada nos seus causos, por suas piadas, sarcasmos e por seus neologismos. Sua pluralidade o torna, portanto, cada vez mais singular.

## 2.4 SELEÇÃO DO *CORPUS*

O *corpus* de nosso trabalho constitui-se de expressões regionais/populares pertencentes ao universo linguístico de *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013). Cada expressão foi analisada a fim de enquadrarmos nas seguintes ocorrências: lexias simples, compostas, complexas e textuais.

Com base nos estudos geo-sócio-etnolinguísticos, procuramos identificar as marcas regionais/populares nos variados contextos (social, econômico e cultural) do conjunto de obras analisado, os quais serão usados como abonação.

Tendo em vista que nosso objetivo nesta pesquisa consiste na organização de um glossário, realizamos consultas em dicionários da Língua Portuguesa erudita e popular, são eles: *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (AB)*, *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa (AH)* e o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras de Evanildo Bechara (EB)*. Esses foram os dicionários da Língua Portuguesa erudita escolhidos por nós. Tal escolha partiu da reputação dessas três obras lexicográficas, que são referência não somente no Brasil, mas também nos demais países lusófonos. Com relação aos dicionários regionais optamos por conferir os conceitos colhidos em três dicionários regionais: *Dicionário do Nordeste*, de Fred Navarro (*FN*), *Dicionário do Português Nordestino (Nordestinês)*, de Antônio Soares da Fonseca Junior (*FJ*) e, por fim, o *Dicionário Popular Paraibano*, de Horácio de Almeida (*HA*). É válido destacar, ainda, que no desenrolar da pesquisa utilizamos outros dicionários, além desses já citados.

É importante salientarmos que a consulta em tais obras lexicográficas nos ajudará a confirmar se as lexias selecionadas fazem de fato parte do universo regional/popular. Logo, verificaremos, durante a consulta nas dicionarizações, quais as lexias que

apresentam sentido equivalente ou diferente tanto em dicionários regionais quanto nos dicionários da língua erudita.

Vale enfatizarmos, que as lexias que se enquadraram no campo dos falares regionais, cujos conceitos não forem encontrados, registramos em nosso glossário e discutimos sobre a possibilidade de ser um neologismo do escritor. Isso implica dizer que existem lexias em nosso glossário independentemente da ausência de sua dicionarização. E, isso ocorre pelo fato de classificá-las, com base em nossos estudos, como lexias regionais/populares.

## 2.5 FICHAMENTO DO *CORPUS*

Para o levantamento e fichamento do *corpus* trilhamos alguma etapas, as quais consideramos essenciais para atingir os objetivos propostos para este estudo, a saber:

1. Escolha da tipologia da obra lexicográfica produzida: um glossário. Nossa escolha se justifica por estarmos trabalhando a nível da fala, isto é, analisamos falares regionais em obras literárias. De acordo com Barbosa (2001, p. 41): “o glossário deve recuperar, armazenar e compilar palavras-ocorrências de um *chronos*, de um *topos*, de uma *phasis*, ou noutros termos, extraídas de um único discurso concretamente realizado.” Ainda de acordo com a autora, o glossário se encontra no nível da fala e trabalha com conjuntos manifestados em determinados textos, manifestando-se através de palavras. O glossário é, portanto, sincrônico, sintópico, sinstrático e sinfásico.
2. Leitura integral das quatro obras de Jessier Quirino a fim de identificarmos as lexias de cunho regional que compõem nosso glossário léxico semântico, tal identificação foi possível à luz do arcabouço teórico da Dialectologia, da Sociolinguística e da Etnolinguística.
3. Feito o levantamento das unidades lexicais, compusemos fichas lexicográficas para que posteriormente compilássemos o *corpus* definitivo que compôs o glossário.

A ficha lexicográfica utilizada para o registro do *corpus*, uma adaptação ao modelo de Silva (2007), é composta por oito campos, conforme se segue:

1. Entrada
2. Aspectos gramaticais
3. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas
4. Variante léxica
5. Definição final
6. Abonação
7. Remissivas
8. Notas: linguísticas e/ou enciclopédicas

Para registramos as lexias nessa ficha, projetamos os campos da seguinte forma:

- a) **Entrada:** Segundo Mattos (1996, p. 20), “a entrada é o elemento fundamental da obra lexicográfica e o seu conjunto caracteriza a obra de cada uma delas aparece colocada num ponto exclusivo, comumente por ordem alfabética”. Logo, a entrada representa o item lexical que pode ser constituído de uma ou mais palavras. É a lexia propriamente dita.
- b) **Aspectos gramaticais:** São os aspectos que representam as categorias lexicais e gramaticais. Oferecem, portanto, informações sobre a classe lexical, o número e o gênero do item social.
- c) **Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas:** Para averiguar se o item lexical é dicionarizado ou não dicionarizado realizamos consultas nos dicionários da Língua Portuguesa erudita e popular citados no item 2.1.2.
- d) **Variante léxica:** Entendemos por variante léxica o fato de unidades lexicais diferentes possuírem significados equivalentes. Portanto, neste campo registraremos as variantes encontradas no *corpus*.

- e) **Definição final:** É o “conjunto de ‘informações’ ordenadas que se segue à entrada e que tem uma estrutura constante, corresponde a um programa e a um código de informação aplicáveis a qualquer entrada” (BARBOSA, 1989, p. 570). Em outras palavras, a definição final consiste em agregar uma acepção ao item lexical após a análise de sua dicionarização ou não dicionarização.
- f) **Abonação:** É basicamente o contexto no qual aquele item lexical se encontra. Utiliza-se como uma forma de ilustração ao consulente. Para isso, transcrevemos um trecho da obra seguido das indicações de fonte bibliográfica e página.
- g) **Remissivas:** São importantes sobre as relações de significação, mantendo uma coerência semântica. Utilizaremos nessa pesquisa a remissiva Conferir (Cf.) que indica a relação de uma lexia-entrada com outras do mesmo campo semântico ou conceitual (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia).
- h) **Notas: Linguísticas ou Enciclopédicas:** Notas linguísticas: São notas linguísticas registradas com base nos dicionários consultados. Estão marcadas no glossário com a sigla NL. Notas enciclopédicas: São aquelas que trazem informações de natureza histórica e/ou sociocultural. São, portanto, informações relevantes da lexia não previstas na definição. Em nosso glossário elas estão representadas pela sigla NE.

## 2.6 CARACTERIZAÇÃO DO CORPUS

A análise do *corpus* orientou-se por meio de uma leitura crítica, analítica e investigativa das obras *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013), após identificar as lexias que compoem nosso glossário, realizamos a análise destas observando as teorias que as legitimam como

unidades lexicais regionais. Vale ressaltar que para tanto, adotamos alguns critérios e procedimentos:

- a) Escolhas de dicionários gerais e regionais da Língua Portuguesa conforme apontado no item 2.1.2;
- b) Análise das lexias tipicamente regionais e populares com base no arcabouço teórico da Sócio e Etnolinguística e da Dialetologia;
- c) Organização do léxico estudado em um glossário léxico-semântico, isto é, inventariá-lo. Para isso, utilizamos como suporte os pressupostos teóricos-metodológicos da Lexicologia e da Lexicografia.

É importante salientarmos, ainda, que as unidades lexicais que não encontramos os significados nos dicionários gerais e regionais, concebemo-las como neologismo e construimos definições próprias com base nos estudos das ciências supramencionadas e em nossas interpretações. Estas últimas, por sua vez, partem da hipótese de que existe uma relação muito próxima entre língua, cultura e sociedade. Logo, os fenômenos linguísticos frutos da heterogeneidade da língua advêm precipuamente dos fatores cultural e geográfico nos quais os falantes estiverem inseridos.

Além disso, é válido destacar que o percurso metodológico que escolhemos foi o semasiológico, isto é, que parte do significante para o significado. Isso implica dizer que partimos de uma lexia-entrada para a definição desta. Quanto à classificação tipológica trata-se de um glossário, pois optamos por descrever e explicar o léxico particular do escritor paraibano Jessier Quirino. Quanto ao público-alvo, o nosso glossário é destinado à sociedade em geral, especialmente àqueles interessados pelos estudos linguísticos. Quanto à natureza de informações veiculadas pelas lexias, esta é essencialmente linguística, porém, é importante salientar que, trouxemos algumas notas enciclopédicas. Trata-se de um glossário monolíngue, uma vez que está organizado integralmente na Língua Portuguesa. No tocante à quantidade de unidades lexicais tratadas, o glossário é composto por 400 entradas, dispostas em ordem alfabética. A representatividade destas se deu mediante a importância das lexias frente aos estudos realizados. Suas definições, portanto, abrangem inúmeros campos do conhecimento.

## **2.7 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO**

A respeito da organização do glossário, buscamos nos guiar pelos pressupostos teóricos da Lexicografia, para tanto tomamos como referência a obra de Silva (2007), bem como as discussões relevantes, acerca do fazer lexicográfico, de Biderman (2001) e Faustich (2010).

Nesse viés, compusemos o glossário do poeta Jessier Quirino que apresenta unidades lexicais que integram o linguajar regional-popular do Nordeste brasileiro. Após termos feito o mapeamento das lexias de caráter regional nas obras e conferido os seus significados nos dicionários gerais da Língua Portuguesa e nos de expressões regionais, organizamos os itens arrolados em ordem alfabética, estando sempre contextualizados nas abonações.

### **2.7.1 CRITÉRIOS PARA A SELEÇÃO DOS ITENS LEXICAIS DO GLOSSÁRIO**

O glossário léxico-semântico da Linguagem regional-popular de Jessier Quirino está sistematizado de acordo com os preceitos lexicográficos e tem como entrada:

- a) Lexias Simples, Compostas, Complexas e Textuais que caracterizam o universo regional-popular;
- b) Lexias, dicionarizadas ou não dicionarizadas, que representem a heterogeneidade da língua em seus aspectos geo-socio-etnolinguísticos: variações diatópicas, diastráticas e diafásicas;
- c) Lexias arcaicas (variação diacrônica), desde que se enquadrem na linguagem regional-popular;
- d) Lexias neológicas, desde que façam parte do universo regional-popular.

### **2.7.2 ORGANIZAÇÃO INTERNA DO GLOSSÁRIO**

Para a organização interna do glossário, levamos em consideração três paradigmas estruturais: a macroestrutura, a microestrutura e o sistema de remissivas, também conceituado de médioestrutura.

### 2.7.2.1 A MACROESTRUTURA

- **Nas entradas:** quanto à ordem das entradas na macroestrutura optamos pela alfabetizada, isto é, baseada em um sistema conceitual. Acerca da apresentação da macroestrutura, esta segue a ordem alfabética contínua, uma vez que é a mais utilizada em pesquisas desta natureza. Uma de suas características é a rapidez promovida ao consultante para localizar uma palavra. Além do mais, a lexia-entrada apresenta-se em caixa alta, negrito, fonte *Times New Roman* – 12. Para verbetes que apresentam dois ou mais significados, foram alertas correspondentes.

Portanto, os seguintes verbetes constituíram entradas independentes:

- **Verbetes polissêmicos:** Ocorre quando dois ou mais conceitos são associados para a mesma lexia. Em nosso glossário, as distintas definições de um verbete serão indicados por uma enumeração, organizada em ordem crescente, cada qual com sua entrada;
  - **Verbetes sinônimos:** São verbetes menos frequentes, em vista de apontarem a ausência de sinônimos perfeitos na LD. Mas de modo geral, refere-se aos verbetes que designam um mesmo conceito ou um mesmo campo de conceptualização diferente.
- **Dos aspectos gramaticais:** Constan as informações linguísticas que indicam a categoria lexical (substantivo, adjetivo e verbo) e a categoria gramatical (gênero e número) da lexia-entrada. Os aspectos gramaticais não representados pelas seguintes abreviaturas em letra itálica:
    - V.* – verbo;
    - S.* – substantivo
    - Adj.* – adjetivo;
    - Prep.* – preposição;
    - Exp.* – Expressão;
    - f.* – feminino
    - m.* – masculino

Vale enfatizar que as demais categorias gramaticais foram registradas por, apenas, *exp.* (expressão).

- **Indicações de dicionarização ou não dicionarização:**

Para averiguar se um item lexical é ou não dicionarizado, nós averiguamos tais indicações nos dicionários gerais e regionais citados no item 2.1.2. Para tanto, indicamos se as lexias estão ou não dicionarizadas através da seguinte legenda:

-LND = Lexia não dicionarizada.

-LSDAE = Lexia simples, dicionarizada com acepção equivalente

-LSDAD = Lexia simples, dicionarizada com acepção diferente.

-LCPDAE = Lexia composta, dicionarizada com acepção equivalente.

-LCPDAD = Lexia composta, dicionarizada com acepção diferente.

-LCXDAE = Lexia complexa, dicionarizada com acepção equivalente.

-LCXDAD = Lexia complexa, dicionarizada com acepção diferente.

-LTDAE = Lexia textual, dicionarizada com acepção equivalente.

-LTDAD = Lexia textual, dicionarizada com acepção diferente.

- **As variantes léxicas:** Contém as variantes encontradas nas obras de referência. São apresentadas em minúsculo e itálico, sob a indicação Var.
- **Definição final:** Para a definição final dos verbetes atribuímos acepções às lexias mediante interpretação dos seus significados nas obras.
- **No quesito abonação:** É o trecho do *corpus* em que a lexia é atualizada. As abonações aparecem entre aspas, em negrito com as indicações das obras em sigla, entre parênteses, seguido do número da página.
- **No item remissivas:** O item lexical remissivo aparece em minúsculo, negrito e itálico. As remissivas estão registradas com a indicação Cf. (conferir), que indica a relação de uma lexia-entrada com outras do mesmo

campo semântico ou conceitual (sinonímia, parassinonímia, hiperonímia-hiponímia).

- **Nas notas linguísticas ou enciclopédicas:** As notas estão marcadas no glossário com as siglas NL (nota linguística) ou NE (nota enciclopédica). As notas são importantes, pois possibilitam um conhecimento maior do verbete. Informações como arcaísmos, neologismos, empréstimo ou expressão regional nordestina estão registradas nas notas.

### 2.7.2.2 A MICROESTRUTURA

A noção de microestrutura com a qual desenvolvemos nosso glossário já fora apresentado no item 2.1.2 intitulado “Fichamento do *Corpus*”, no qual apresentamos um modelo adaptado de ficha lexicográfica utilizada por Silva (2007).

Logo, entendemos por microestrutura os elementos que são exibidos horizontalmente no glossário. Por sua vez, o glossário léxico-semântico da linguagem regional-popular de Jessier Quirino apresenta, portanto, o seguinte modelo:

**ENTRADA** + aspectos gramaticais + definição + abonação + dicionarização +/- remissiva +/- variante +/- nota.

A título de exemplo:

**TABACUDO** adj. Refere-se à pessoa ignorante, com pouca instrução. “Um locutor **tabacudo** de converseiro comprido” (PM – p. 27). LSDAE em AB, AH, FN, e HA. LSDAD em FJ. LSND em EB.

**CANGOTE** *s.m.* Parte posterior do pescoço. Nuca. “A moça (...) usava uma canga olha-eu-aqui e, no sopro do **cangote**, um nozinho-sem-esforço caído do sutiã. (...)” (PB – p. 92). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *cogote*. NL: AB registra a lexia como uso popular.

### 3. GLOSSÁRIO LÉXICO-SEMÂNTICO DA LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR DE JESSIER QUIRINO

# A

**ABEIRAR** *v.* Chegar perto de algo ou alguém. Aproximar-se. “E a moça **abeirando** meus véus de espuma. Olhar de cupido a me recear” (BN – p. 22). LSDAE em AH e AB. LSDAD em FJ. LSND em FN, HA e EB.

**ABESTALHADO** *adj.* Característica daquele que é tolo, abobalhado. “Tu tais pensando que berimbau é gaita e que internet faz milagre, **abestalhado**?!” (BN – p. 52). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSND em FN.

**ABOLETAR-SE** *v.* Sentar-se de forma cômoda, à vontade. “Pra disfarçar meu saci me **aboletei** na boleia” (BN – p. 34). LSDAE em FJ, AH e EB. LSDAD em AB. LSND em FN E HA.

**ABOTICADO** *adj.* O mesmo que arregalado, saliente. “(...) Espiando os olhos dela. De espelho acastanhado. Tava Pequé, alegroso com os oião **aboticado**. Feito Einstein linguarudo. Cientista dos estudo com o linguão dependurado. (...)” (PM – p. 91). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil.

**ACABRUNHADO** *adj.* Entristecido. Abatido. Oprimido. “Mas vivia **acabrunhado** por nunca ter conquistado a gula dos três corpinhos.” (BN – p. 42). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FN, FJ e HA.

**ACANHAMENTO** *s.m.* O mesmo que timidez; modéstia. “– Vai, Severino, deixa de **acanhamento**, pega o papel de bodega e diz uma filosofia no estilo D. João VI.” (PB – p. 51). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSDAE em FJ e FN. NL: HA registra a variante: *acanhaça*.

**ACOCORAR** *v.* Ficar de cócoras, abaixar(se) ou manter(se) abaixado. “(...) No mato? No mato é mermo que quêjo!! O perigo que eu vejo é, tando as calça abaixada e o sujeito **acocorado** trafegar no amoitado uma véa lavadeira... (...)” (BAN – p. 63). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**ACONCHEGANÇA** *s.f.* Designa sensação de aconchego, acolhimento, conforto. “(...) Uma manhã de sol morno. Uma **aconchegança** brejeira. E um balde de leite fresco cheirando à vaca por dentro. Mugindo um sopro entoadado. (...)” (PB – p. 36). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de um Neologismo, criado pelo autor, derivado da palavra aconchego.

**ACUDIR** *v.* 1. Ir ou vir quando chamado; atender; responder. 2. O mesmo que socorrer; ajudar; ir em socorro “... **Acudia** por Gamela o cumpade Ribamar. Pois fabricava gamelas com seu melhor fabricar. Gamela é dessas tigela que também chamam escudela dependendo do lugar. (...)” (PM – p. 63). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele apresentado na primeira entrada.

**AFOITO** *adj.* Característica daquele que é ousado, corajoso, destemido. “(...) Criaturinha agarrosa. Festejosa no chegar. Cosquenta pelo cangote. Molecota nos coisar. Com três horas de espio não dá pro cabra espiar. De tanto perigo **afoito**... trinta e sete, trinta e oito. O chinelim de pisar. (...)” (BAN – p. 44). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**ALEGRAÇÃO** *s.f.* Estado de satisfação, divertimento, alegria. “(...) Eu, solteirão acabado não sentia **alegração**. Grunia, churumingava. Pulava da ribanceira da marvada solidão. Sofrido e caramujado

me vendo ali estancado chorei por ignição. (...)” (BAN – p.85). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Essa lexia trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**ALESADO** *adj.* Tolo. Abobado. Leso. “Tou dengoso e **alesado**, só pensando nos amar. Ontem mesmo eu chiqueirando as novilhas no currá, com pouco mais eu me vejo quase, quase dando um beijo nos beijos do boi Fubá.” (PB – p. 32). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL<sup>1</sup>: AB registra a lexia como um brasileirismo. NL<sup>2</sup>: FJ apresenta duas variantes: *lesado* e *leso*. FN registra a variante: *lesado*. HA, AB, EB E AH registram a variante: *leso*.

**ALFENIM** *s.m.* Massa de açúcar branca feita com rapadura. “(...) Fufuquinha, minha amada. Eis-me aqui no teu pomar. Sois Monalisa pintada. Mega-Sena acumulada. Sois produta nacioná. Aprume teu zói pra mim. Tu sois feito **alfenim** que nasceu pra me alfinar. (...)” (BAN – p. 47). LSDAE em FJ, FN, HA, AB e AH. LSND em EB. NL: HA registra a variante *puxa-puxa*.

**ALOPRAR** *v.* Ficar maluco, agitado, inquieto. “De morreres de amores tu fugiste. Meu juízo pacífico **alopraste**” (BN – p. 35). LSDAE em HA e AH. LSDAD em FJ. LSND em AB, EB e FN.

**ALPERCATA** *s.f.* Calçado que se prende ao pé através de tiras de couros e/ou panos; sandália. “Se espalha uma colcha de mangalho: É cabresto, é cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. **Alpercata**, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar.” (PM – p. 21). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *apragata*, *precata*, *alpargata*, *alpergata*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**ALVENARIAS** *s.f.* Oração que saúda a Virgem Maria, mãe de Jesus. “Me atrepe nos andaime. Arriscoso desabar. E no fim de cada dia, rezo três **alvenarias** pra sorte me acompanhar. (...)” (PB – p. 25). LCPND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE<sup>1</sup>: Encontramos o verbete registrado, na norma culta, no dicionário informal de Língua Portuguesa, NE<sup>2</sup>: Trata-se de uma reinvenção do escritor derivada do substantivo composto “ave-maria”.

**ALVOROÇADO** *adj.* Inquieto. Agitado. Entusiasmado. “Aí ele saiu pulando feito perequito em areia quente... **Alvorocado** que só bode em chiqueiro de cabrita...” (BN – p. 27). LSDAE em AB, AH, EB, FJ e FN. LSDAD em HA. NL: De acordo com FN a pronúncia pode ser alvóroçado, alvôrôçado ou alvôróçado. NE: No Nordeste brasileiro é comum a pronúncia predominante é alvóroçado e/ou avorocado.

**AMANCEBADO** *adj.* Diz-se da pessoa que vive como casal sem casamento civil ou religioso. “(...) Tu, rapaz! **Amancebado** com uma neneca do primário má feito, que só conhece o “V” porque parece com um cambito, não tem vergonha de ser cabo eleitoral do teu próprio par de chifre, rapa? (...)” (BAN – p. 66). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**AMARICADO** *adj.* Diz-se daquele que apresenta comportamento afeminado. “(...) Seu João, com a impaciência de viúva feia em fila de instituto, mete a raquete da mão numa pilha Rayovac da grandona e acerta uma pilha-rayovacada na macaíba zovística do rapaz que pega o seu flautim de capa na conchinha da mão e griiiiiiiita feito um borreguinho desmamado. (...) Daí em diante, virou um saltapocinhas **amaricado**, desmaia quando vê um rádio de pilha e acode por Biuzinha Rayovac.” (BAN – p. 121). LSDAE em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB.

**AMOLESTADA** *adj.* Algo fora do comum. “Um matuto me disse: “Eu juro pelos bruguelo que nunca tive, que nunca vi uma chuva **amolestada** como essa aqui em Itabaiana”. (BN – p. 111). LSDAE em HA. LSDAD em AH. LSND em FJ, FN, AB e EB.

**AMOSTRAR (SE)** *v.* Exibir-se. Tornar-se evidente. “Não campeeí pelo mundo. Não me **amostrei** pra Maria. Não me esbaldei na alegria. Não sorri com dente novo. (...)” (PB – p. 23). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**AMUADO** *adj.* Mal humorado. Aborrecido. Carrancudo “O tempo foi ficando **amuado** feito um esquerdista no palanque” (BN – p. 110). LSDAE em FJ, AH e AB. LSND em FN, HA e EB.

**AMUNDIÇADA** *adj.* Característica daquele que se apresenta sem educação; sem estilo; grosseiro. “Essa justiça tá uma vergonha. Réu, em denúncia **amundiçada** de vizinho brigador, foi obrigado, por lei, a cumprir distância mínima de 2000 metros da vítima, tendo que arrodar, de casa para o trabalho (...)”. (PB – p. 79). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**ANÁGUA** *s.f.* Saia que as mulheres usavam por baixo do vestido para evitar transparência. “Vou-me embora pro passado (...) Lá dançarei Twist (...) Vestirei calças de Nycron. Faroeste ou Durabem. Tecidos sanforizados. Tergal, Percal e Banlon. Verei lances de **anágua**. Combinação, califon. Escutarei Al Di Lá (...)” (PM – p. 95). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NE: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, constituindo-se, assim, um Arcaísmo.

**ANCHO** *adj.* Diz-se daquele que é/está cheio de si, orgulhoso, vaidoso, pedante. “Quando meu ex-amor enviuvou do careca que pôs-se em meu lugar. Todo **ancho** saí pra consolar e de quebra lhe dar meu coração. (...)” (PM – p. 47). LSDAE em FJ, HA, AB e AH. LSND em FN e EB.

**ANDANÇA** *s.f.* 1. Ato ou efeito de andar; Caminhada, jornada. 2. Aventura. 3. Diarréia. “No mais, eu vou chegando, porque é como diz o matuto: é melhor **andança** que filosofança.” (PB – p. 51). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSDAD em HA. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**ANDORINHA** *s.f.* Caminhão de mudança. “No interior, o carro de mudança de móveis é chamado de **andorinha**. Lá vai a **andorinha**! (BN – p. 21). LSDAE em AH. LSDAD em FJ, AB e EB. LSND em FN e HA. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil.

**ANTONCE** *adv.* O mesmo que então. “(...) **Antonce** vão me dizendo notícia vinda de lá! E o governo como anda? Ou melhor, como desanda? Terá parado o roubar? Por falar em governia, e a lei cega de

guia terá prendido um por lá? (...)” (PM – p. 69). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Var.: *entonce*. NL: AH registra a lexia como um Arcaísmo.

**ANUVIADO** *adj.* Superfície coberta de nuvens. “Foi domingo acinzentado. Sonolente e **anuviado**. E choveu no carrossel.” (PB – p. 23). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**APERREADO** *adj.* Agoniado. Apressado. Oprimido. Apertado. “Não esqueça o versejo **aperreado** do matuto esbarrado por fadiga” (BN – p. 18). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB.

**APETRECHADA** *adj.* Diz-se da mulher que é dotada de beleza física; bonita; linda. “(...) Um dia entrou num concurso pra miss Brejo e Sertão. Era a mais **apetrechada**. Mas foi desclassificada pelo ruim da comissão. (...)” (BAN – p. 77). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**APORRINHADOR** *s.m.* Diz-se daquele que azucrina, aborrece, atormenta, atazana. “O **aporrinhador** de campanha-alheia da oposição era caju rançoso e vomitava dossiês na banca do zabumbador e desmascarador oficial da imprensa. (...)” (BAN – p. 117). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como uma expressão popular, EB como coloquialismo e AH como uso informal.

**APROCHEGAR** *v.* Aproximar-se. Achejar-se. “Com meus olhos de binóculo o longe se **aprochega**” (BN – p. 94). LSDAE em AH e FJ. LSND em AB, EB, FN e HA. NL: FJ faz a seguinte observação: neologismo criado da junção dos verbos *aproximar-se* e *achejar-se*.

**ARENGUÊRO** *s.m.* 1. O mesmo que ânus. 2. Diz-se daquele que é implicante; briguento. “(...) E Cuma se não bastasse me mandou prum enfermeiro. Que não há quem me convença que não é ou foi barbeiro. Só digo mesmo ao senhor, esse cabra me rapou o boca do **arenguêro**. (...)” (PM – p. 83). LSDAD em HA, AB e AH. LSND em FJ, FN e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**ARIADO** *adj.* Característica daquele que se sente desorientado; desorientado. “(...) A caboquinha mamífera dos peitinho pulador? Inda hoje é versejada, é poesia entoada na voz do entoador. Tua verve, meu cumpade, pode me acreditar, é franja de piaçava penteando o meu quintá. É roubadeira de bússola que deixa o cabra **ariado** sem saber onde é que tá. (...)” (BAN - p. 21). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB.

**ARMADOR** *s.m.* 1. Gancho em que se prende a rede de dormir. 2. Que ou o que arma. “(...) Meias paredes que permite essa visão de encanto. Em cada canto um **armador** e a rede ali dobrada. Tampa curvada de baús e luz de candeeiros e o padroeiro em oratório de vida velada. (...)” (BAN – p. 38). LSDAE em FJ, HA, AB e AH. LSDAD em EB. LSND em FN. Var.: *armador de rede*. NL: AB registra o verbete como Brasileirismo e AH como regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**ARRENEGAR** *v.* O mesmo que renunciar; abnegar; repelir; recusar. “(...) E se algum alegreiro me jogar tanto assim de alegria, eu **arreneço**. Porque fico que nem olho de cego que só serve somente pra chorar.” (PM – p. 41). LSDAE em HA, AB e AH. LSND em FJ, FN e EB. NL: AH registra a lexia como uso informal.

**ARRETADO** *adj.* Algo muito bom. Excelente. “Venha conhecer o Sertão. Pense num lugar **arretado!**” (BN – p. 128). LSDAE em FJ, FN, HA, AH e EB. LSND em AB. NL: AH registra como regionalismo do nordeste brasileiro.

**ARRIBAR** *v.* 1. Erguer. Levantar. Suspende. 2. Ir embora. 3. Melhorar de sorte, saúde. “Sua Senhora Dona Virtuosa Porra Nenhuma, sem dependência de identidade régia, prescreve à toda garganta de mão direita **arribada** (...)” (PB – p. 81). LSDAE em FJ, HA, AH e EB. LSDAD em AB. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**ARRISCOSO** *adj.* Algo perigoso; cheio de riscos. “Me atrepe nos andaime. **Arriscoso** desabar. E no fim de cada dia. Rezo três alvenarias. Pra sorte me acompanhar. (...)” (PB – p. 25). LSDAE em FJ e FN. LSND em HA, AB, EB e AH.

**ARRODEIO** *s.m.* 1. Conversa fiada; conversa mole. Ser prolixo. 2. Dar a volta. 3. Fazer o caminho mais longo. 4. Ato de reunir o gado para separação de alguma rês. “Pra se fazer um comício em tempo de eleição não carece de **arrodei**, nem dinheiro muito não. Basta uma F-4000 ou qualquer mei caminhão entalado em beco estreito e um bandeirado má feito cruzando em dez posição.” (PM – p. 27). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA. LSND em AB, EB e AH. Var.: rodeio. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele apresentado na primeira entrada.

**ARRUPIAR** *v.* Causar ou sentir arrepios. “E a boca em suspiro aspira o meu ar. Recolhe os bracinhos a se **arrupiar**” (BN – p.22). LSDAE em FJ, FN e AH. LSND em HA, AB e EB. Var.: *arrepilar*. NL: AH aponta a lexia como um regionalismo do nordeste do Brasil.

**ASSENOITE** *exp.* O mesmo que noite passada; noite anterior; ontem à noite. “(...) Mas na hora vinte e quatro de **assenoite**, Seu Doutor, eu mamava meu charuto com esses beijos fumador. Pouco mais perdi a calma, pro mode a brancosa alma que surgiu no corredor. (...)” (PM – p. 72). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *assanoite*.

**ASSUCEDER** *v.* Aquilo que acontece ou decorre sucessivamente. “O doutor logo adverte: pelo que se **assucedeu**” (BN – p. 49). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AH, AB e EB. NL: De acordo com FJ, trata-se de uma corruptela da palavra “sucedeu”.

**ASSUNTAR** *v.* 1. Refletir; pensar. 2. O mesmo que conversar; prosear; bater papo; dialogar. “(...) Que’u tou ficando enrolado no nó da sabedoria. Eu tou agora **assuntando** se sabo eu tou me casando se com Marilha ou Maria.” (PM – p. 71). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra o verbete como Brasileirismo e AH como regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**ATREPAR (SE)** *v.* Subir. Elevar. Escalar. “Me **atrepo** nos andaime. Arriscoso desabar. E no fim de cada dia. Rezo três alvenarias. Pra sorte me acompanhar. (...)” (PB – p. 25). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AB, EB e AH registram a lexia em sua forma culta: *trepar*.

**AVENÇAS** *s.f.* 1. Acordo. Concórdia. Conciliação. 2. Desentendimento. “Maria Bonita (...) sem a mínima ligança pras balas feridas, de boas **avenças** entrou na questão.” (PB – p.56). LSDAE em FJ e AH. LSND em FN, HA, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**AVIAR (SE)** *v.* O mesmo que apressar (se); mover (se) ou agir com pressa. “(...) Eu cheguei logo gritando que nem guiné espantado e berrei: **avia** louira! Acode! Baixa a ceroula que eu tou quase dirmaiado.” (PM – p. 84). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, configurando-se, portanto, como um Arcaísmo.

**AZEITEIRO** *adj.* 1. O mesmo que namorador. 2. Explorador de mulheres; gigolô. 3. Azucrinado; bravo. “Biu da saia (...) fornicador e azeiteiro de carteirinha, colecionava casos cabeludos e dizia de língua debochativa: - Não há moça que resista a minha força fecundante. (...)” (BAN – p. 119). LSDAE em HA e AH. LSDAD em FJ, FN e AB. LSND em EB. Var.: *Azeitado*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**AZUCRINAR** *v.* Ato de aborrecer alguém; irritar; encher o saco. “Tava o céu embolado. Tava todo carneirinho. Quando por pouco, pouquinho peguemo discussão. Se embrulhemo num fuxico, se acusemo, se zombemo. Com raiva se **azucrinemo**. Quase que se engalfinhemo de tanta porfiação. (...)” (PM – p. 48). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra como um Brasileirismo e AH como um regionalismo do Brasil.

# B

**BABÃO** *adj.* 1. Característica daquele que lisonjeia para obter vantagens. O mesmo que bajulador. 2. Aquele que é tolo; bobo. “(...) Protegendo o monossílabo da dedada e beliscão. A cavalo na cacunda chega o dono da eleição. Faz boca de fechecler e nesse qué-ré-qué-qué vez por outra um foguetão. Com voz de vento encanado. Com o viva do **babão**. É só dizer que é mentira sua fama de ladrão. Falar dos roubo do home, promete o fim da fome e tá ganha a eleição. (...) (PM – p. 28). LSDAE em FJ, FN, HA e AB. LSDAD em AB e EB. Var.: *puxa-saco. corta-jaca*. NL: AH registra a *lexia* como um regionalismo do Nordeste do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da *lexia* refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BABUGEM** *s.f.* 1. Vegetação que surge após as primeiras chuvas no Sertão. 2. Saliva que escorre da boca; baba. “(...) Bem dizer já tamo dentro da Avenida do Capim. Toca em riba da **babugem** coberta de pisadura. E tome rédea esticada do começo até o fim. (...)” (BAN – p. 32). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da *lexia* refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BAFAPÁ** *s.m.* O mesmo que confusão; bate-boca; discussão. “(...) Aí fiquemo trombudo, troquemo doze bufete. Depois joguemo confete e findemo o **bafafá**. (...)” (PM – p. 61). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a *lexia* como um Brasileirismo, EB como uso coloquial e AH como regionalismo brasileiro.

**BAFEJO** *s.m.* Ato ou efeito de bafejar. Sopro. Hálito. “É melhor ser meio doido do que ser meio tantã. Qualquer dor de madrugada dói bem mais de que de manhã. Don Juan era

o gostoso, mas bem menos que Tarzan. Irmã Dulce é bem mais alta do que Claudia Cardinale. Um **bafejo** nas urêia esquenta mais que um xale. (...)” (PB – p. 9). LSDAE em FJ, FN, AB, EB e AH. LSND em HA. Var.: *Bafo*.

**BAINHA** *s.f.* 1. Dobra com costura na extremidade de uma vestimenta. 2. Estojo de proteção feito de couro em que se guarda uma arma branca. “O cabra (...) se exibia sem camisa com espinhaço de zebu e calça matando-marreca com fecho ecler na **bainha**. Era um cabra branco e vermelho (...)” (PB – p. 92). LSDAE em AB, EB e AH. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BAITOLAGEM** *s.f.* 1. O mesmo que frescura, sentimentalismo piegas. 2. Modo pejorativo de referir-se as atitudes dos homossexuais. “(...) O mesmo milagre te cure o ar torto; ar morto; ar quente; ar de arrenego; ar de projeto má votado; ar de riso e embromação; ar de toco e propina; ar de 20, 25, 30, 40%; ar de discurso safado; ar de bajulação; ar toma-lá-dá-cá; ar de desculpa maldada; ar de rixa e deduragem; ar chegado à **baitolagem**; ar de raparigagem; ar de tapa e confusão (...)” (BAN – p. 127). LSDAE em FJ e FN. LSND em HA, AB, EB e AH. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele apresentado na primeira entrada.

**BANDA** *s.f.* 1. Metade de algo; uma porção. 2. Lugares; lados; direção. 3. Grupo; facção. 4. Conjunto de músicos que tocam instrumentos acústicos. “Sou fã do bilhetismo do amor: Num papel dobrado em quatro. Escrever o nome dela e uma chamadazinha de atenção: Eu já tou que mais pareço uma **banda** de uma **banda** tua. (...)” (PB – p.40). LSDAE em FJ e AH. LSDAD em HA, AB e EB. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BANDA-VOOU** *exp.* Característica daquilo ou daquele que é da bagaceira; da malandragem e/ou sacanagem. “Vou falar duma Maroca. Cabôca **Banda-voou**. A morena mãos beldade. Mais lua, mais Afrodite. E mais Helena de Tróia que meu zói já divisou.

(...)” (BAN – p. 85). LCXDAE em FN, FJ e HA. LCXND em AB, EB e AH. Var.: *banda vuô*.

**BANDOLEIRO** *adj.* 1. Característica de quem é inconstante em relacionamentos; 2. Que ou quem não tem lugar certo, errante. 3. Ladrão; bandido; assaltante. “Eu sou filho é do sertão, bruto e despenteado. Viçoso que nem canteiro de coentro bem aguado. O meu beijo é **bandoleiro**. Sou casado com Filó. (...)” (PM – p. 35). LSADE em FJ, HA e AH. LSDAD em AB e EB. LSND em FN. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BANHAR-SE** *v.* Tomar banho. Lavar-se. “Não passo de um pobre e minúsculo Atlântico diante da moça que vem se **banhar**.” (BN – p. 22). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSDAD em FN e HA.

**BAQUE** *s.m.* O mesmo que queda; tombo. “Foi tão grande o escarcéu que o caixão levou um **baque**. Nego dando piripaque, quando a tampa se abriu o prefeito de um pique que a poeira subiu, o rosário se partiu... Ô coisa bem pregada!!!! (..)” (PM – p. 33). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**BARREIRO** *s.m.* Pequena escavação feita para acumular águas das chuvas. “Canta a água embaçada dos **barreiros**”. (BN – p. 18). LSDAE em FJ, HA, AH, EB. LSDAD em AB. LSND em FN. NL: AH registra como um regionalismo dos estados de Pernambuco e Alagoas.

**BASCULHO** *s.m.* 1. Lixo. Entulho. Coisa de pouco valor. 2. Mulher de mau aspecto. “(...) Depois, recostar o quadro no tronco dum juazeiro. Daqueles bem prazenteiros, vizinho a qualquer **basculho**.” (PB – p. 35). LSDAE em FJ, FN, HA. LSDAD em AH. LSND em AB e EB. Var.: *Bascuio. Vasculho*. NL: De acordo com a abonação, o significado da lexia se enquadra à designação da primeira entrada.

**BASSOURA** *s.f.* O mesmo que vassoura; objeto utilizado para varrer o chão. “(...) Enterra por sete dia e, naquela hora lá, tome-lhe banho de **bassoura** e etc. e coisa e tá: escovão, palha de aço, também ácido muriático, água de matar verruga, creolina, soda cáustica, lixa 8, lixa 12 e fê em desempatar. (...)” (BAN – p. 125). LSDAE em FJ e HA. LSND em FN, AB, EB e AH. NE<sup>1</sup>: AB, EB e AH registram a lexia em sua forma dicionarizada atualmente: vassoura. NE<sup>2</sup>: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, portanto, configurando-se enquanto um Arcaísmo.

**BATENTE** *s.m.* 1. O mesmo que degrau de escadaria. 2. Trabalho diário; ocupação com que se ganha o sustento. (...) Primeiro, cada rezadeira faz um banho para lavagem da rampa e dos **batente**: 9 pimenta malagueta, 3 dedo de amoníaco (...) sobejo do cafezinho dum deputado risão, água de colônia da boa e dois dedo de cachaça (...)” (BAN – p. 125). LSDAE em FJ e HA. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em FN.

**BATER O COURO** *exp.* O mesmo que chamego; esfregação; namoração. “Doutorzinho, (...) eu vim aqui pro senhor pra mode me receitar. Pois no fogo do malino se danemo a vadiar. Se rimo, saçariquemo, **batemo couro**, suemo. Bem dizer tomemo um banho e ele abrindo o berreiro: - Bota a cama no terreiro! Afff, home sem vergonho! (BAN – p. 111). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *bater coxa*.

**BEIJU** *s.m.* Massa de mandioca assada. “Há de haver um dia que ninguém lasque mais pedra no quengo de seu ninguém. E homem há de ter bondade e há de almoçar **beiju** (...)” (PB – p. 67). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *biju*, *miapiata*. NL: AB registra como um Brasileirismo e AH registra como um regionalismo do Brasil.

**BENZÓ-DEUS** *exp.* É o mesmo que invocar a proteção divina sobre alguém ou algo. Ato de agradecer por algo ter dado certo. Elogiar algo ou alguém. “(...) um café bem torrado e bem fervido que agrada monarcas e plebeus são coisa que se diga **benzó-Deus!**

(...) **Benzó-Deus** pro marrom dos olhos teus, faiscando um olhar enternecido.” (PM – p. 19). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *benzadeus*.

**BERADEIRO** *adj.* Matuto. Caipira. “O cabôco **beradeiro** desacerta nas palavras, mas acerta nas ideias” (BN – p. 122). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AH, AB e EB.

**BESTA** *adj.* 1. Tolo. Bobo. Abestalhado. 2. Ignorante Aquele que demonstra pouca inteligência. 3. Híbrido de jumenta com cavalo ou de jumento com égua. 4. Característica daquele que é pretensioso, pedante. “E os povo **besta** e contente confiaram nos gangão” (BN – p. 46). LSDAE em FN, HA, AH, AB e EB. LSND em FJ. Cf: *alesado, abestalhado*. Var.: *besta como aruá* em FN. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**BIQUEIRA** *s.f.* 1. Tubo que sai da calha que serve para despejar as águas das chuvas; bica. 2. Lugar onde se vende drogas; boca de fumo. “Canecos dão seus tibungos lá no pote da **biqueira**. E banham lerões de náilon com seus colgates pastosos de hálitos brancos frescosos nos céus-das-bocas riseiras. (...)” (PM – p. 44). LSDAE em FJ, HA e AB. LSDAD em EB e AH. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível ao da primeira entrada.

**BISACO** *s.m.* Espécie de mochila que se leva a tiracolo para transportar coisa, é muito utilizado por caçadores e agricultores. “Se espalha uma colcha de mangalho: É cabresto, é cangalha e é peixeira. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, **bisaco** e alguidar. Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar.” (PM – p. 21). LSDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH. Var.: *bornal e borná*.

**BOATEIRO** *s.m.* Fofoca. Fuxico. Notícia anônima. “Os doutor naquela altura espalhava o **boateiro**” (BN – p. 48). LSND em FJ, FN e HA. LSDAD em AH, AB e EB. Var.: *Boato*.

**BOCADO** *s.m.* Curto período de tempo. Pequena porção de alguma coisa. “– Sente aí um **bocadinho**, que eu vou esfriar o leite...” (BN – p. 90). LSDAE em AH e EB. LSDAD em AB. LSND em FJ, FN e HA.

**BODEGA** *s.f.* 1. Comércio de pequeno porte. Merceria. Armazém de secos e molhados. 2. Coisa sem valor; porcaria. 3. Comida de péssima qualidade. “Sonhos de uma cidadezinha mais ou menos: Filete d’água corrente. Três **bodeguinhas** no grau. Caligrafias mimosas no saber das professoras. Pé de pau bom de sossego e passarim bom de orquestra (...)” (PB – p. 27). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH, LSND em FN. NL: AB registra o verbete como um Brasileirismo. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BOFETE** *s.m.* Tapa no rosto. Tabefe. Soco. “Hoje, não se pode dar um **bofete** em ninguém sem autorização judicial” (BN – p. 122). LSDAE em FJ, AH e AB. LSDAD em FN. LSND em HA e EB. Var.: *bofetada* em AB.

**BOLEIA** *s.f.* Cabine de um automóvel ou caminhão. “Me aboleitei na **boleia** duma marinete véia” (BN – p. 34). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSND em FN e HA. NL: Em AH ao lexia está dicionarizada como um regionalismo brasileiro.

**BOLERAR** *v.* O mesmo que xavecar, paquerar; flertar; insinuar-se para um pessoa com intenções de namoro. “(...) Zé do Rosário **bolerando** com Dona Isabel. Dona Isabel **bolerando** com Zé do Rosário. Imaginário de paixão voraz e proibida. Escapulida proibida pro imaginário. (...)” (PM – p. 121). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: De acordo com a abonação, a lexia trata-se de um Neologismo criada pelo autor.

**BOQUINHA** *s.f.* 1. Designa benefícios irregulares concedidos por políticos. 2. Refeição leve. 3. Lábios pequenos. “Era o filho mais correto de Chico Porra-Nenhuma (...) mesmo assim conseguiu uma **boquinha** vitalícia: ser nomeado presidente da Secretaria do Fenômeno Solitário. (...)” (PB – p. 81). LSDAD em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB. NE<sup>1</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada. NE<sup>2</sup>: A acepção adotada à primeira entrada refere-se a um Neologismo.

**BORNÁ** *s.m.* Sacola de pano ou de couro, geralmente utilizada a tiracolo. “- Ora bom, basta, destá!!! Converseiro de paixão é combustão de poeta! O cabra vira é pateta porque falta o principá: o dólar, o circulante, a mufunfa (...) a bolada, o tutuzinho, a pataca no **borná**, o carço, o numerário, o borrachudo, o cacá. (...)” (BAN – p. 53). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *bornal*, *embornal*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**BOTIJA** *s.f.* 1. Tesouro enterrado. 2. Vasilha de barro ou metal. “A raiz do umbuzeiro é bem dizer uma nuvem amojada de inverno. E em se tratando de água feito **botija** no chão é meu baú de guardados. Por isso me curvo meio anzolado e peço a benção ao Umbuzeiro Sagrado. (...)” (BAN – p. 25). LSDAE em FJ, HA e AH. LSDAD em AB e EB. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil. NE<sup>1</sup>: Lexia que está em desuso, configurando-se, desse modo, como um Arcaísmo. NE<sup>2</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BREJEIRO** *s.m.* 1. Relativo a quem é natural ou habitante à região Nordeste do brejo. 2. Vadio; ordinário; velhaco. 3. Terreno úmido; pântano. “Eu não sei na de vocês, mas, em minha opinião, a poesia tem que ter um jeito **brejeiro**, cuidado e ritmado.” (PB – p. 51). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo da Paraíba. NE: De acordo com a abonação, o significado que mais se adequa é o da primeira entrada.

**BRENHAS** *s.f.* Lugar remoto, distante, inóspito, onde não se pode viver; matagal. “É caboco elephantado que não tem medo de cruz. Que fita o sol faiscando dez peixeiras de luz. O Zé que assim se conduz nas **brenhas** deste sertão. O Zé Ninguém, Zé Qualquer. Mas o Qualquer desse Zé não é qualquer *qualquer* não. (...)” (PM – 16). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *Grenha*.

**BROCOIÓ** *s.m.* Diz-se do sujeito que é bobo, simples, matuto, do interior. “Meu cumpade Zé da Luz. Teje num céu de primeira. Como o cumpade já sabe, nós tamos aqui festejando os cem anos de veança de tua idade natá. Pena que o chão itabaianense, ora molhado ora torrando, não tenha dado agasalho ao feixe de tua ossada. Se ela fosse aqui plantada, era raiz de poeta pra **brocoió** ter semente e safrejar poesia por quinze safra seguida. (...)” (BAN – p. 19). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**BRUGUELO** *s.m.* O mesmo que bebê; criança pequena. “Um matuto disse: “Eu juro pelos **bruguelos** que nunca tive” (BN – p. 111). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra como regionalismo do nordeste do Brasil.

**BUCHO-DE-PIABA** *s.m.* Pessoa que é incapaz de guardar segredos. Sujeito indiscreto. “Matutos matraqueados: Zé, Antõe, Batim e Pêdo. Povo “**bucho de piaba**” que nunca guarda segredo e a conversa beradeira segredada na calçada.” (PB – p. 28). LCPDAE em FJ, FN e HA. LCPND em AB, EB e AH. NL: FN e HA registram a variante *bucho-furado*.

**BUGIGANGA** *s.m.* Objeto de pouco ou nenhum valor. “Gaveta de **Bugiganga**” (BN – p. 122). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN.

**BULIR** *v.* 1. Mexer ou tocar em algo ou alguém. 2. Zombar, brincar. 3. Tirar a virgindade; seduzir. “(...) os sete molhos de beijos que essa boquinha enfeixava não apresentava bula. Mas: me **bulia**. Me curava. Me dormia. Me acordava. Me setembrava de sol. De festa me dezembrava. Me janeirava de férias de tanto que me beijava. (...)” (BAN – p. 93). LSDAE

em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *bolir*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**BUNDA CANÁSTICA** *exp.* Cambalhota de um giro completo. “(...) E tem mais uma coisa: quando o gato não tá em casa, os ratos passeiam em riba da mesa e viram **bunda canástica**.” (PB – p. 45). LCXDAE em FJ, FN, HA. LCXND em AB, EB e AH. Var.: *Bunda canastra* e *Plantar bananeiras*.

# C

**CABIDELA** *s.f.* 1. Molho feito preparado com o sangue da galinha. 2. Roupa usada. “Cardápio curioso: Apetite se quiser. Fatos complicados: Moela, fígado e coração de galinha ao tormento de **cabidela**.” (PB – p. 88). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *molho pardo*. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CABÔCO** *s.m.* 1. Sujeito. Homem da roça. Sertanejo. Matuto. 2. Mestiço de branco com índio. “Sempre fui manteiga derretida (fervilhando). Um **cabôco** estabanado. Cascavélico, parrudo, malino e espalha-brasas.” (PB – p. 29). LSDAE em FN, HA, AB e AH. LSDAD em EB. LSND em FJ. Var.: *Caboclo*. NL: AB apresenta a Var.: *Caipira*. NE: De acordo com a abonação, o significa da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CABRA** *s.m.* 1. O mesmo que homem; sujeito; indivíduo. 2. É um gênero de mamíferos que pertence à família dos bovídeos. “E tem uma coisa, **cabra** véi, os **cabra** fala até inglês!” (BN – p. 50). LSDAE em FN, HA, AH e AB. LSDAD em FJ e EB. Var.: *cabrada-pesto* e *cabra-de-peia* em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é correspondente àquele empregado na primeira entrada.

**CABRA DA PESTE** *exp.* 1. Expressão que designa homem valente; corajoso; destemido; duro na queda. 2. Bom sujeito; amigo fiel. “Fui pros Estados Zunidos (...) procurava um Rock Lane ou até mesmo um Xerife que quisesse duelar (...) Um aeromoço

xerife prevendo grande duelo, encarou-me em cartucheira e disse: Renda-se, **cabra da peste!!**” (PB – p. 70). LCXDAE em FJ e FN. LCXDAD em HA. LCXND em AB, EB e AH. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**CABROCHA** *s.f.* Mulher jovem. “Que a ventura desta vida é a **cabrocha**, o luar e o violão” (BN – p. 32). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSND em FN.

**CACARECO** *s.m.* Objeto velho de pouca serventia e/ou valor. “E os incontáveis **cacarecos** soltos remexidos” (BN – p. 21). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSND em FN e HA. Cf.: *Bugiganga*. NL: AH registra a lexia como regionalismo e AB como brasileirismo.

**CACETE** *s.m.* 1. O mesmo que surra; pisa; sova. 2. Uma espécie de pão. 3. Órgão sexual masculino; pênis. 4. Pedaco de pau com uma das extremidades maior que a outra; porrete. 5. Diz-se do sujeito chato, aborrecido, impaciente. “(...) Nessa conversinha bela, vai liso pra riba dela pra ver o que é que dá!!! Tu sai de lá é lascado que nem um pau de rolete e ainda leva um **cacete**, uma multa e mais um par de cangaia pra deixar dessa doidice de quando ver uma miss, pensar em se apaixonar.” (BAN – p. 53). LSDAE em FJ e AH. LSDAD em FN, HA, AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**CACHORRO DA MULESTA** *exp.* 1. Expressão tipicamente nordestina que denota surpresa. 2. Expressão utilizada para xingar um indivíduo de safado, sem vergonha, desgraçado, cabra ruim. “Bota-fora de balanço dos Armarinhos Ventura: (...) cinto fivela dupla por R\$ 4,95. Alpercata corre-campo por R\$ 8,79. Botina de sola dura por R\$ 22,90. Bota do cano longo por R\$ 140,00 conto... Ô bota cara **cachorro da mulésta!!!!** (...)” (BAN – p. 112). LCXDAE em FJ, FN e HA. LCXND em AB, EB e AH. Var.: *Cachorro da moléstia*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**CAÇOAR** *v.* O mesmo que rir ou zombar de algo/alguém. Tirar sarro. Ironizar. Dar risadas. “(...) É Francisca Caliméria Feliciano Qualquer. Chica boa é apelido. Pode chamar quem quiser, mas digo às outras pessoas não digam que Chica “É” boa. O cabra que assim **caçoa** vê direitinho quem é Zé.” (PM – p. 18). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN.

**CAÇOTE** *s.m.* O mesmo que rã, perereca; sapo de pequeno porte. “(...) No inverno sois **caçote**. Espelho de céu no chão. Chorrochochó de biqueira. Espuma de cachoeira. Sois lodo, sois timbungão. Sois nuvem quebrando a barra. Violino de cigarra afinando a chiação. (...)” (PM – p. 17). LSDAE em FN, HA e AH. LSND em FJ, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**CAÇUÁ** *s.m.* Cesto de cipó ou bambu utilizado para transportar coisas ou animais de pequeno porte. “(...) Arrepara, que tu tá mais disnurtiada do que galinha quando sai dum **caçuá!** (...)” (BAN – p. 68). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**CACUNDEIRO** *s.m.* Diz-de daquele que trabalha como guarda-costas; capanga. “O cabôco pode ter todo defeito do mundo: ser assoprador de velas antes do parabéns. Aborteiro do amor. **Cacundeiro** de político. Pode ser desmancha-samba. Dizedor de palavrão. (...)” (BN – p. 62). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**CAFUNDÓS** *s.m.* O mesmo que lugar longe, distante, de difícil acesso. “(...) Fica o zabumbador oferecendo zoada e nada. É acudido por uma berimbauaria nos **cafundós** da Bahia e vai viver de toada.” (BAN – p. 118). LSDAE em FN, FJ, HA, AB, EB e AH. Cf.: **Brenhas**. Var.: *Cafundoca, Cafundó do Giricó, Cafundó-do-Judas*.

**CAIXA-PREGO** *s.f.* O mesmo que local de difícil acesso; lugar ermo, muito distante ou afastado. “(...) O cumpade Mané Cabelim (...) inventou de raparigar uma dama dos quarto de jia, vinda da **caixa-prego** dos cafundó da Bahia. (...)”. (PM – p. 11). LCPDAE em FJ, FN, HA, EB e AH. LCPND em AB. NL: AH registra como um regionalismo brasileiro.

**CALIFOM** *s.m.* Peça íntima feminina usada por baixo da blusa; sutiã. “(...) Olhando as teta apoiada, descosendo o **califom** e feito um músico inspirado gozando em riba do som, tava Pequé nos peitinho, de boca e dedo mindinho, fura-bolo e seu-vizinho fazendo deles pistom. (...)” (PM – p. 92). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *califone, calefon*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste do Brasil. NE: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, configurando-se, portanto, enquanto um Arcaísmo.

**CAMARINHA** *s.f.* Quarto de dormir. “Pru-qui-pru-li pru culá revistemo pau-de-arara, quarto, sala e **camarinha**. Surremo macho na cara, prendemo pau perigoso. Porque buraco ocioso fareja ponta de vara. (...)” (PM – p. 25). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro. NE: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, configurando-se, portanto, enquanto um Arcaísmo.

**CAMBITO** *s.m.* 1. Pernas muito finas. 2. Forquilha de madeira utilizada nos lombos de animais para transportar cargas. “(...) As aves donas dos ventos que brisam pelos sertões. As garças **cambito** fino de brancozinho básico na festa pura do pântano e o engaste das estrelas no nada azulzão do céu.” (PB – p. 73). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *gambito, canela*. NL: AH registra como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**CAMPEAR** *v.* 1. Correr campo. 2. Acampar; montar acampamento. “Não **campeei** pelo mundo. Não me amostrei pra Maria. Não me esbaldei de alegria. (...)” (PB – p. 23). LSDAE em HA. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com a primeira entrada.

**CANCELA** *s.f.* 1. Pequena porta de madeira muito usada em fazendas, sítios. 2. Posto de polícia rodoviária. 3. Flexão do verbo cancelar. “Empurra a **cancela** Zé, abre o curral de verdade. Pra mostrar pra mocidade como é que se vive um Zé. Sem um conforto sequer com suas latas furadas (...)” (PM – p. 15). LSDAE em FJ, AB, EB, e AH. LSDAD em FN. LSND em HA. NL: AH registra o verbete como um regionalismo brasileiro. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CANCHA** *s.f.* 1. O mesmo que pose; classe. 2. Raia para corrida de cavalos. “(...) Sem **cancha** pra vadiagem ou pra luz de cabaré. O jeito pra o rapazinho era correr pro migué. (...)” (BAN – p. 97). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**CANEIRO** *s.m.* 1. O mesmo que cachaceiro; pinguço; bebedor de cachaça. 2. Pequeno canal que transporta água de qualquer lugar. “(...) Encostado ao lado do balcão, um **caneiro** embicando uma lapada, passa as costas das mãos pelas beíçadas, se apruma e sai dando trupicão. (...)” (PM – p. 23). LSDAE em FJ e HA. LSDAD em AH. LSND em FN, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com o apresentado na primeira entrada.

**CANGALHA** *s.f.* 1. Armação de madeira usada em animais para sustentação da carga. 2. Pessoa que tem as pernas tortas; zambeta; cambeta. 3. Traição; chifre. “(...) Desde sempre transportadas nas carcundas dos jumentos: **cangalha**, lastro, carroça, arado de plantação, tijolo, barro, arame, lenha, água, pedra (...)” (PB – p. 35). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSDAD em FN. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CANGOTE** *s.m.* Parte posterior do pescoço. Nuca. “A moça (...) usava uma canga olha-eu-aqui e, no sopro do **cangote**, um nozinho-sem-esforço caído do sutiã. (...)” (PB – p. 92). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *cogote*. NL: AB registra o verbete como uso popular.

**CAPENGA** *adj.* Aquele que puxa de uma perna. Manco. “Com seus andares **capengas...**” (BN – p.101). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Var.: *Coxo*. NL: AH apresenta o verbete como um regionalismo brasileiro.

**CARAI-DE-ASA** *exp.* Expressão de raiva, de algo que não deu certo. Exprime insatisfação ou ódio. “Os putos também amam. Nesse **carai-de-asa** eu sou até romântico!” (BN – p. 127). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AH, AB e EB.

**CARECER** *v.* Designa precisão, necessidade, desejo. “(...) E cubro o chão de cimento com o mais vermelho encarnado, e deixo semiacabado só **carecendo** encerrar.” (PB – p. 26). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**CARRADA** *s.f.* Carga que um cargo transporta de uma só vez ou de várias vezes. “Vai, na boleia, um passageiro carregando sonhos. Vai, na traseira, dez **carradas** de velhas esperanças.” (BN – p. 21). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN.

**CARREIRA** *s.f.* 1. Corrida veloz. 2. Profissão. 3. Espaço entre duas fileiras de plantação. 4. Corredeira, trecho onde a velocidade dos rios aumenta. “Atropelo, desadoro. **Carreira** desenfreada. Desvario, agitação. Boi fugindo de roldão, boi perdido em bololô (...)” (PB – p. 39). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSDAD em FN. LSND em HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é equivalente ao da primeira entrada.

**CASCUDO** *s.m.* 1. Pancada em algo ou na cabeça realizada de mão fechada. 2. Pessoa experiente. 3. Característica do que possui a pele ou a casca dura. “Seu Biu-garçom leva

um **cascudo** de punho fechado feito mão de pirangueiro, que fica sete minutos sentindo-se um autêntico Sub-Biu.” (PB – p. 58). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *cocorote*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CATABI** *s.m.* O mesmo que buraco; ondulações na superfície. “(...) Passam miunças de povo esbanjando poesia: um magote de Marias adornando um quarador. Passa, a passo de cavalo, um vaqueiro aboiador. (...) E passa a motocicleta desprezando a cavalgada. E passa um carro-garrincha driblando dez **catabis**. E passa um carro cantante cometendo Xororós. Por cima comete bis. (...)” (BAN – p. 82). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *catabil*, *catabio*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro.

**CATREVAGENS** *s.f.* 1. Amontoado de objetos; bagunça. “(...) Em quase todo canto que eu chego, encontro uma pessoa, de emoção em punho, pedindo que eu continue zelando por essas miudezas; sejam elas do presente ou do passado. Por miudezas, entendam-se nossos erros, traquinagens, palavras baldias, causos, lembranças, textura, cor e cheiro das **catrevagens** nordestinas. (...)” (BN – p. 13). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *catervagem*; *catrevage*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Norte e Nordeste brasileiro.

**CAUSO** *s.m.* Narrativa oral. Histórias inventadas ou verdadeiras. Acontecidos. “Um dia... Chiiii... Lá vem mais um **causo**. Mas este aconteceu mesmo. E foi assim (...)” (PB – p. 15). LSDAE em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**CEROULA** *s.m.* Peça de vestuário masculino, usada por baixo das calças; cueca. “(...) Eu cheguei logo gritando que nem guiné espantado e berrei: avia loura! Acode! Baixa a **ceroula** que eu tou quase dirmaiado. Fui correndo pra privada. Topei na penteadeira. (...) Me alembrei dos cônei dos Doutor no hospitá: - Relaxe! Respire fundo! Procure lê um jorná! (...)” (PM – p. 84). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA. Var.:

*ceroilas, ceroulas*. NL: AH registra a lexia, em número singular, como um regionalismo brasileiro. NE: Lexia que caiu em desuso, configurando-se, assim, como um Arcaísmo.

**CHAMAR NA CHINCHA** *exp.* 1. Agarrar alguém com prazer; com intenção sexual. 2. Censurar ou repreender alguém com rudeza. “(...) Rendidos, de mãos ao alto e pernas pra que me queres. É aquele cabritismo: eu quero o que tu quiseres. Aquele **chamar na chincha**, aquele corruchiado. (...)” (BAN – p. 92). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AB, EB e AH. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**CHAPEADO** *s.m.* 1. Diz-se daquele que é trabalhador braçal; trabalhador de aluguel; ajudante. 2. Revestimento feito com chapas. “(...) Zé da Luz, (...) derna muito... muito antes daquela bala furar o pijama de Getúlio – nosso véio presidente – teu versejo era sucesso pra matuto, coroné, **chapeado** e miritíssimo, sordado, cabo e tenente.” (BAN – p. 20). LSDAE em FJ, FN e HA. LSDAD em AH. LSND em AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele apresentado na primeira entrada.

**CHISPAR** *v.* Partir velozmente. “Talvez o voo diminutivo de um inocente tizio...Assusta o passo da rês, que **chispa** desbandeirada, abala o manso dos bois e arrasta toda boiada.” (PB – p. 39). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro.

**CHOURIÇO** *s.m.* Doce feito com o sangue de suíno. “Cardápio curioso: Apetite se quiser. Depois da foda: (indicado pro músculo da urina) Cerveja preta gelada arrebitada em espuma, ovo inteiro com casca, duas colheres de **chouriço**, fubá de milho torrado batido e acelerado no lubrificador.” (PB – p. 89). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro.

**COMER COMO PINTO E CAGAR COMO PATO** *exp.* Diz-se daquele que está sendo enganado; passado para trás; traído. “(...) Eu disse a ele: Cumpade!!! Esse negócio

de pagode aputanhado ou turismo rebolador é dinheiro amaldiçoado, home de Deus! É feito dinheiro roubado por sacristão, cantando vem, cantando vão! Será impussive quentu não vê que tu tais **comendo como pinto e cagando como pato?** (...) (PM – p. 12). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**CONFERTO** *s.m.* Refere-se a toda e qualquer bala; guloseimas; bombom. É bodega sortida cor de giz. Sortimento surtindo grande efeito. Meia dúzia de frascos de **conferto**. Carrossel de açúcar dos guris. (...)” (PM – p. 22). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NE: Trata-se de uma lexia que caiu em desuso, enquadrando-se, assim, àquilo que entendemos como Arcaísmo.

**CONJUMINAR** *v.* Combinar; ligar; unir; sincronizar. “Coisas que não **conjuminam**: Ouro em corda de viola. Prepotência na cozinha. Buchada metida a besta.” (PB – p. 116). LSDAE em EB e AH. LSND em FJ, FN, HA e AB. NL: EB registra a lexia como uso coloquial e AH como regionalismo brasileiro.

**CONQUISTÂNCIA** *s.f.* Ato de paquerar; xavecar; seduzir. “(...) No final da **conquistância**. Deu-se assim meu declarar: só tomara, só tomara que eu conseguisse alugar uma fachada de cinema pro teu nome eu apregar!!!! (...)” (BAN – p. 47). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**CONSELHO E TABACO SÓ SE DAR A QUEM PEDE** *exp.* Espécie de aviso para não se meter ou opinar na vida de outra pessoa. “(...) Eu disse a ele: Cumpade!!! Esse negócio de pagode aputanhado ou turismo rebolador é dinheiro amaldiçoado, home de Deus! É feito dinheiro roubado por sacristão, cantando vem, cantando vão! Será impussive quentu não vê que tu tais comendo como pinto e cagando como pato? Eu sei que **conselho e tabaco a gente só dá a quem pede**, mas eu vou dá e vou falar... (...) (PM – p. 12). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**CONVERSEIRO** *s.m.* Conversa fútil. Lengalenga. Conversa banal. “Cardápio Curioso: Apetite se quiser. Ku-ver artístico – Saldos de Beethoven: sobras de música clássica servidas em teclado eletrônico. Acompanha ruídos de talher e **converseiro** duplicado.” (PB – p. 86). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AH, AB e EB. Var.: *conversa fiada* e *papo-furado*.

**CORNO** *s.m.* Marido traído pela mulher. “Tirei ele da faixa de pedestre, botei na pista dos **cornos** e disse-lhe: Mané Cabelim, fi duma quenga (...)” (BN – p. 51). LSDAE em FN, HA, AH, AB e EB. LSND em FJ. Var.: *chifrudo* e *cornudo*.

**CORREIA** *s.f.* Esteira elétrica. “O Doutor mandou eu desembestar em cima de **correia**, com duas bengalas pra segurar” (BN – p.37). LSDAD em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NE: No poema “Problema cardíaco”, Jessier apresenta um personagem realizando um exame cardíaco no consultório médico, com base na narração conseguimos deduzir que a lexia “correia” nesse contexto faz referência a uma esteira elétrica. O autor utiliza uma palavra já existente na língua para denotar um sentido diferente do já dicionarizado, ou seja, cria um Neologismo.

**CORRER OS BANHOS** *exp.* Anunciar os proclamas do casamento. “(...) Cumprindo a ordem do pade, corremo lá pro riacho e danemo a se banhar. – Só falta **correr os banho!** Tornava o pade a falar. (...)” (BAN – p. 87). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de uma expressão não utilizada mais no uso corrente da língua, ou seja, um Arcaísmo.

**COTOCO** *s.m.* 1. Diz-se daquilo ou de quem é pequeno; curto; diminutivo. 2. Parte que cobre o peito na vestimenta baiana. “(...) A noiva uma bichona xarope de cara feia enguiçada. Era um **cotoco** de bunda. Aquela coisona igual qual linguça degolada... (...)” (PM – p. 67). LSDAE em FJ, HA, EB e AH. LSDAD em FN e AB. Var.: *catoco*. NL: EB registra o verbete como uso informal e AH registra como um regionalismo brasileiro. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**CUIA** *s.f.* Recipiente feito do fruto maduro da cuieira usado para pegar líquidos, sementes, farinha, etc. “(...) Acordei mais retesado do que tora de imbuia. Banhei o rosto vincado com quatro águas de **cuia**. Nunca mais sonhei com ela... Ô disorderinha bela! Linda não, aquelas tuia! (BAN – p. 45). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *cabaça, cuité, porongo*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**CUMBUCA** *s.f.* O mesmo que vasilha feita de cabaça ou de barro. “A minha marca de ferro tem um maiúsculo de jota, coroado de **cumbuca** e um “Q” remedando o sol do Nordeste clareado. Mas é ferro de gado (...)” (BAN – p. 15). LSDAE em FJ, HA, AB e AH. LSND em FN e EB. Var.: *cuia*. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo brasileiro.

**CUMPADE** *s.m.* Pessoa próxima. Amigo estimado. Padrinho dos filhos. “Ô **cumpade** véi, o Riacho do Navio não corre pro Pajeú?” (BN – p. 25). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Var.: *cumpadre; compadre*.

**CUPIM-DE-HOMEM** *exp.* O mesmo que mulher leviana e promíscua; meretriz. “(...) Tudo isso a mando daquela quenga, mandingueira do Abaeté! Olhe, a bicha é um **cupim-de-homem** tão da gota que, além de rapar o fundo da gaveta do infeliz, ainda bota diadema de vaca na testa do usuráve com tudo que é dançarino da região! (...)” (PM – p. 11). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH.

**CURRUXIADO** *s.m.* 1. O mesmo que chamego. 2. Som semelhante ao dos pássaros. 3. Picuinha; intriga. “(...) Chamego luxurioso. Os fosco que acende a chama. Palavreado de cama. Os apelidos dengoso. Os meus saldos de balanço. **Curruxiado** e gracejos. E aviso a faiscada: - Se multar a minha amada tá multando meus desejos.” (PM – p. 40). LSDAE em HA. LSDAD em FJ e AH. LSND em FN, AB e EB. Var.: *corruchiado, curruchiado*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

# D

**DANAR-SE** *v.* Sair apressadamente. Ir embora sem rumo. “E, no fim do fogaréu, **danci-me** a pisar em brasa” (BN – p. 113). LSDAE em FN, HA e AH. LSDAD em FJ, AB e EB. NL: FN apresenta a Var.: *danar-se no meio do mundo/danar-se no mundo*.

**DAR FÉ** *exp.* O mesmo que notar; observar; reparar. “Olhe, eu não sei não, viu... Eu tenho assuntado direitinho e tou com a impressão que faltou terra nos pés de Mané Cabelim e ele **não deu fé!** (...)” (PM – p. 12). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AB, EB e AH.

**DE CABO A RABO** *exp.* 1. Designa do começo ao fim; da cabeça aos pés. 2. Quando alguém tem total conhecimento de algo e/ou alguém. “**De cabo a rabo** estou no muro dessa *honoris causa*. Com a menopausa menstruada da rapaziada. Cravei zoadá na memória de um pensamento. E o movimento sem-cabeça deu com o pé na estrada.” (PB – p. 74). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE<sup>1</sup>: Encontramos o verbete registrado no dicionário informal da Língua Portuguesa. NE<sup>2</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**DE HOJE EM VANTE** *exp.* O mesmo que a partir de hoje; de hoje em diante. “**De hoje em vante**, só darei nó em pingo d’água.” (PB – p. 107). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH.

**DE MÃO BEIJADA** *exp.* Designa sorte. É algo que é recebido ou entregue com muita facilidade. “(...) Agora **de mão beijada** entrego as história: Carrossel na Chuva; (...) entre outras. Só pra ficar na berlinda do assunto.” (PB – p.19). LCXDAE em HA. LCXND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**DE ORELHA EM PÉ** *exp.* Diz-se daquele que está desconfiado; cismado; receoso. “(...) Seu João, que já estava na moita, **de orelha em pé**, com a mosca atrás da orelha, e com a pedra no sapato, ficou com o ouvido na escuta. Não sabia o genro que enganar o sogro era tarefa difícil feito maquiagem de fiofó. (...)” (BAN – p. 120). LCXDAE em HA. LCXND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**DERNA** *prep.* O mesmo que desde. “(...) Zé da Luz, (...) **derna** muito... muito antes daquela bala furar o pijama de Getúlio – nosso véio presidente – teu versejo era sucesso pra matuto, coroné, chapeado e miritíssimo, sordado, cabo e tenente.” (BAN – p. 20). LSDAE em FJ e HA. LSND em FN, AB, EB e AH. NE: Lexia que caiu em desuso, tratando-se, assim, de um Arcaísmo.

**DERRADEIRO** *adj.* O mesmo que último; final; fim. “Garrinha pegou a bola, passou por vinte galego (...) dribou os quatro goleiro e pro fim por **derradeiro** cismou de entrar em greve. Com um peteleco de leve deixou a bola entrar, danou-se a comemorar e falou pro gringo – “te vira!”. E mesmo sendo mentira fez um golzão de lascar.” (BAN – p. 69). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN.

**DESANUVIAR** *v.* Despreocupar-se. Tranquilizar-se. “Ô Pedro, tu sabe que tá vindo pro sertão pra **desanuviar** de um pobrema cardíuco?” (BN – p. 38). LSDAE em FJ, AH e EB. LSDAD em AB. LSND em FN e HA.

**DESASSUNTADA** *adj.* Diz-se daquela que está sem assunto; sem atenção. “(...) Eu vou dizer, seu doutor. Eu toda **desassuntada**. Dei por fé que fosse um sonho. E colchão-demolamente com todo meu magnético. Fui pra riba do medonho. Naquela lábia todinha ele

disse: - Mariinha! Chega, minha brombilzinha! Afff, home sem vergonho! (...)” (BAN – p. 109). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB.

**DESCABIMENTO** *s.m.* Que é fora de propósito. Despautério. Impróprio. “(...) Como é que pode tamanho **descabimento**, derrubar um pé de manga pra fazer um apartamento. (...)” (PB – p. 49). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Encontramos a lexia registrada no dicionário informal da Língua Portuguesa.

**DESCONCHAVADO** *adj.* O mesmo que torto; desconjuntado. “(...) Que tem tarefa noturna por certo nos cabarés. Tem membros **desconchavados**, tem mãos de jeitos asais, maiores do que o corpo, maiores do que os pés. (...)” (PM – p. 114). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**DESEMBESTAR** *v.* Correr rapidamente. Sair feito louco. “São Jorge a **desembestar** sumirá num ziguezague antes que a tarde se apague” (BN – p. 100). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSND em FN. NL: AH registra como um regionalismo.

**DESFLORAR** *v.* 1. Fazer perder ou perder a virgindade. Desvirginar-(se). 2. Retirar ou perder as flores. “Biu da saia (...) largou de mão a mulher e deu de **desflorar** roseira de menina a poder de promessa de altar. Loroteiro, ganjento e despachado, era Biu (...)” (BAN – p. 119). LSDAE em AH. LSDAD em AB e EB. LSND em FJ, FN e HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**DESFOLHAR** *v.* 1. Declarar. Anunciar. Manifestar algo de forma clara e terminante. 2. Tirar a arma branca para fora da bainha. 3. Tirar as folhas e/ou pétalas. “(...) Vou me **desfolhar** pra ela. Vou dizer como é que eu tou. Que nem filme de novela. Vou cantar música de amor. (...)” (PB – p. 32). LSDAD em FJ, FN, AB, EB e AH. LSND em HA. NE<sup>1</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na

primeira entrada. NE<sup>2</sup>: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor que atribuiu um novo significado a uma palavra já existente na língua.

**DESMIOLADO** *adj.* Pessoa sem juízo. Extravagante. Maluco. “Com pouco mais ta de novo o povo **desmiolado**” (BN – p. 44). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA.

**DESQUEBRADOR DE PALAVRA** *exp.* Diz-se daquele que cumpre o que fala; que é fiel. “(...) O cabôco ser político e dizer ser positivo e **desquebrador de palavra**. O único q’eu conheço é mudo. Pense num mundo de palavra! (...)” (BAN – p. 104). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**DESTÁ** *exp.* Forma reduzida da expressão “deixe estar”. Significa deixa pra lá. “**Destá**, bichinho, **destá!!**” (BN – p. 78). LCXDAE em FJ e FN. LCXND em HA, AH, AB e EB.

**DIADEMA** *s.f.* Ornamento circular que serve de adereço para a cabeça; Arco. “A moça, de costas, mostrava cabelo salgado de praia e uns óculos em formato de **diadema** (...)” (PB – p. 92). LSDAE em FJ, FN, AB, EB e AH. LSND em HA. NE: Trata-se de uma palavra que caiu em desuso, considerada um Arcaísmo.

**DIVORCIADA DAS CONHECENÇAS CARNAIS** *exp.* Diz-se da mulher que não faz mais relação sexual; que não pratica sexo. “(...) Gostei muito de você. Mas casar, não posso mais. Hoje eu sou **divorciada das conhecenças carnis**. Tou num convento de freira servindo ao povo cristão. (...)” (BAN – p. 78). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Essa lexia trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**DISPOMBADO** *adj.* Leso. Abestelhado. Idiota. “Aquele rei **dispombado**, que parece um frango de avestruz...” (BN – p. 50). LSDAE em FN. LSND em FJ, HA, AH, AB e

EB. Cf.: *abestalhado*, *alesado*, *besta*. NL: FN registra a lexia com a Var.: *despombalizado*.

**DOIDICE** *s.f.* Ato extravagante; exagerado. O mesmo que loucura. “(...) Nessa conversinha bela, vai liso pra riba dela pra ver o que é que dá!!! Tu sai de lá é lascado que nem um pau de rolete e ainda leva um cacete, uma multa e mais um par de cangaia pra deixar dessa **doidice** de quando ver uma miss, pensar em se apaixonar.” (BAN – p. 53). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *doudice*, *doideira*, *doidiça*, *doidura*.

**DUVIDÊODÓ** *exp.* O mesmo que desconfiar; duvidar; questionar. Usada quando alguém duvida bastante de algo que outra pessoa relatou. “(...) Mas eu quanto eu for vi-v-o-vó. Caço Zefa furá-d-a-dá. Não fazê-la finá-d-a-dá. É coisa que’u **duvi-d-o-dó!**” (PM – p. 78). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH.

# E

**É DE LASCAR** *exp.* Exprime admiração ou sensação de insatisfação. “Os jambeiros estão de luto e os jambos de sentimento. Derrubaram um pé de jambo pra fazer um apartamento. Um pé de jambo, um lindo pé de canela. Sapoti, coisa mais bela e um pé de maracujá. **É de lascar...**” (PB – p. 50). LCXDAE em FJ e FN. LCXND em HA, AB, EB e AH. Var.: *É lasca!* e *É pra lascar!*

**EMBROMAÇÃO** *s.f.* Ato de enrolar, ludibriar, retardar, dificultar. “(...) O mesmo milagre te cure o ar torto; ar morto; ar quente; ar de arrenego; ar de projeto má votado; ar de riso e **embromação**; ar de toco e propina; ar de 20, 25, 30, 40%; ar de discurso safado; ar de bajulação; ar toma-lá-dá-cá; ar de desculpa maldada; ar de rixa e deduragem; ar chegado à baitolagem; ar de raparigagem; ar de tapa e confusão (...)” (BAN – p. 127). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo, EB como coloquialismo e AH como regionalismo brasileiro.

**EMBUXAR** *v.* O mesmo que engravidar; conceber. “(...) E falei: Ô Maroquinha, pra não fugir do rosário eu conto com seu vigário pra fazer o casamento. (...) Mas abra o zói do vigário que deixe de ro-co-có. Que não fale mais em banho. Que num banho deste tamanho tu **embuxa** e é pior!!! (BAN – p. 88). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *embuchar*, *emprenhar*.

**EMPELEITADA** *s.f.* Contrato de algum trabalho, obra, serviço ajustados mediante pagamento antecipado. “(...) Serão acaso gerente? De alguma **empeleitada**? Que se guia em caderneta com todas hora anotada? Sei que têm tempo pra tudo e não têm tempo pra

nada!... (...)” (PM – p. 68). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB, EB e AH registram a lexia na norma culta: *empreitada*.

**EMPERIQUITADO** *adj.* Quando algo ou alguém está demasiadamente arrumado e/ou enfeitado. “Niquinho já tá de vez. Já tem monóculo de mulher nua. Vive na noite noturna de camisa *Balalayka*, de palhetinha na gola, todo **emperiquitado** pras banda da capitá. Lá, pega a oportunidade pelo rabo e PÁ!!...” (PM – p. 55). LSDAE em FJ, HA, EB e AH. LSND em FN e AB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**EMPROADO** *adj.* Diz-se daquele que é pretensioso; vaidoso; soberbo. “(...) O nome de Baixa Verde é nobremente trocado por um nome aristocrata de cacife apadrinhado: Nãoseiquelando Laranja – ladravaz gabaritado. Pai do Dr. Larajinha, senadorzinho **emproado**. Analfa, arraia-miúda, arri-burrinho selado. Vexaminoso, pilantra sanguessuguento manjado. (...)” (BAN – p. 103). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**ENCABULADA** *adj.* Diz-se do indivíduo que fica constrangido e/ou envergonhado. “(...) A caboquinha topar de frentinha, de frentex, de boquinha, de boquete. Carro de mão, gargarejo. E ficar **encabulada** diante dum palavrão. (...)” (BAN – p. 105). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**ENCABULECIDA** *adj.* Diz-se quando o indivíduo está tímido, envergonhado, acanhado. “Conversa **encabulecida** da matuta com o doutor ginecologista. – Escute bem, seu doutor. Dessa vez não tive culpa. Ele veio todo risonho (...)” (BAN – p. 109). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *encafiada*. NL: AH registra o verbete como um regionalismo brasileiro.

**ENCHOURIÇADO** *adj.* Pessoa soberba, arrogante, orgulhosa. “Evitar que o cabôco mafioso empata-foda e **enchouraçado**, apareça Frei Bonzinho, amiguinho e encantador”

(BN – p. 129). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. NL: AH apresenta a lexia como um regionalismo de Portugal.

**ENCRIQUIAR** *v.* Ato de enrugar, encolher, diminuir de tamanho. “Pra mode falar bonito. Meu juízo se **encriquia**. Não é urêia é orelha. Não é rodia é rodilha. Até Latra de Arelha que’u caprichei outro dia, não é arelha é areia. (...)” (PM – p. 71). LSDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH. Var.: *encriquilhar*.

**ENFARAR** *v.* 1. Tornar cansativo; Entediar (se). 2. O mesmo que enjoar; enfastiar (se); saciar (se). “Benzó-Deus pra horta Chica Roxa. Verdezinha, pinicada de azulão. Pra bravura da mula em bestidão. Trabalhando sem nunca se **enfarar**. Benzó-Deus pra coalhada do luar (...)” (PM – p. 20). LSDAE em FJ. LSDAD em HA, AB e AH. LSND em FN e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele empregado na primeira entrada.

**ENGUIAR** *v.* 1. Causar ou sentir ânsia de vômito; náuseas. Regurgitar. Vomitar. 2. Quando o motor de um veículo começa a “afogar” por excesso de combustível ou problemas na entrada de ar. “Ô menina me responda ligeiro sem **enguiar**: se eu, de fósforo aceso na tua pólvora encostar. Se um olhar fácil de ler, o meu olhar for te botar. Será que tu se arrupina, me incrimina, recrimina e larga pau a gritar?” (PB – p. 42). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSDAD em FN. LSND em HA. NL: AB, EB e AH registram o verbete em sua norma culta: *engulhar*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**ENRABICHADO** *adj.* Diz-se do indivíduo que está afim de alguém; apaixonado; enamorado. “(...) Sem meias e à meia-luz. Meia tiragem de roupa é gesto suficiente prum casal **enrabichado**. (...)” (BAN – p. 92). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: EB registra a lexia como coloquialismo e AH como regionalismo.

**ENTREPADO** *adj.* Diz-se daquilo ou daquele que está amontoado de qualquer jeito. “No balcão de madeira descascada, duas torres de vidro são vitrines. A de cá mais parece um magazine, com perfume e cartelas de *Gillete*, brilhantina safada, canivete, batom... tudo **entrepado**.” (PM – p. 22). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**ESCABRIADO** *adj.* 1. Encabulado. Desconfiado. Acanhado. 2. Zangado. Irritado. “Foi me dando uma gastura, me faltou suspiração. Fiquei todo **escabriado**, sulerou o coração.” (PB – p. 30). LSDAE em FJ, FN, HA, EB e AH. LSDAD em AB. NL: Todo os dicionários registram a lexia como *Escabreado*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com a primeira entrada

**ESCASSEAR** *v.* Algo que surge em pouca quantidade. Algo raro, escasso. “Pega o vento que **escasseia** no terreiro e faz dele um ventinho assanha-franja” (BN – p.18). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA.

**ESCULHAMBAÇÃO** *s.f.* Ato ou efeito de esculhambar. Bagunça. Desordem. Desmoralização. “Fim das **esculhambação!** Credo-Cruz, Ave-Maria!!” (BN – p. 47). LSDAE em HA, AH e EB. LSND em FJ, FN e AB. Var.: *esculacho*. NL: AH registra como um regionalismo do Brasil.

**ESPALHA-BRASAS** *adj.* Que ou aquele que é desordeiro, barulhento, estrondoso, ruidoso. “Sempre fui um manteiga derretida (fervilhando). Um caboco estabanado, cascavélico, parrudo, malino e **espalha-brasas**.” (PB – p. 29). LCPDAE em HA e AH. LCPND em FJ, FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**ESPIAR** *v.* Observar. Ver. Espreitar. “E já no fim da viagem quando o caminhão parava, moleza foi **espiar** mais ou meno onde é que tava” (BN – p. 118). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA. NL: AH registra como um regionalismo do Brasil.

**ESPINHAÇO** *s.m.* O mesmo que coluna vertebral; costas; dorso. “(...) E disse: - Cumpade velho! Se prepare pro pior: o rasto que vós tá vendo digital não tem melhor: são duas marcas de joelho, a bunda dum mulheraço, um rego de **espinhaço** e uma marca de cocó.” (PM – p. 26). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra o verbete como uma expressão popular.

**ESPINHELA CAÍDA** *exp.* São dores fortes sentidas no osso esterno (boca do estômago). “Segunda 21, Itabaiana amanheceu de **espinhela caída**” (BN – p. 110). LCXDAE em FN, FJ, HA e EB. LCXND em AH e AB. NE: Segundo as crenças populares, a espinhela caída só é curada com rezas e benzeduras.

**ESTAQUEADO** *adj.* 1, Diz-se daquilo ou daquele que está preso ou batido com estacas. 2. Estraçalhado; cortado. “(...) Em campo aberto de quintal, ciscados de terreiro, o galinheiro **estaqueado** de varas ao fundo. Meio oriundo da cozinha segue uma puxada e a batucada do pilão de segundo a segundo. (...)” (BAN – p. 38). LSDAE em AB, EB e AH. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele apresentado na primeira entrada.

**ESTOPORADO** *adj.* 1. Característica de quem é explosivo; atacado; estressado. 2. Doente; cheio de chagas. “(...) Fiquei mais desconfiado que cachorro em mei de carga. As luvas nas mãos dos home, meu pensamento não larga. Eu que era **estoporado** já sendo ali operado. Ô, Cristo, que coisa amarga. (...)” (PM – p. 83). LSDAE em HA. LSDAD em FJ. LSND em FN, AB, EB e AH. Var.: *estoporado*.

**ESTREPAR (SE)** *v.* O mesmo que sair-se mal em alguma coisa; arruinar-se. “(...) Mas foi num Reino Africano que o cumpade se **estrepou**. A mulher de um maioral, dessas mulher de segunda, feia de corpo e de cara. Muito mais taba que bunda, mandou chamar Escudella para fazer-lhe uma gamela bem trabalhada e profunda. (...)” (PM – p. 64). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo; EB como uso coloquial e AH como um regionalismo brasileiro.

**ESTRIPULIA** *s.f.* Travessura. Traquinagem. “E as nossas **estripulias**. Que arte iremos causar?” (BN – p.88). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Var.: *estrepolia*. NL: AH registra a lexia como regionalismo e AB registra como brasileirismo.

**ESTROMBO** *s.m.* Parte do corpo que corresponde à região estomacal. Estômago. “No juízo, um frivioco. No **estrombo**, um brubuim. Fui ficando avermelhado, foi me dando um farnizim (...)” (PB – p.31). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL: FJ registra a variante *estambo*. NE: Os dicionários AB, EB e AH registram o verbete em sua norma culta: estômago.

**ESTRUIR** *v.* O mesmo que causar desperdício; estragar. “(...) Senador: - Na sua opinião, o que o governo deve fazer para sair da crise? Matuto: - Deve deixar de mel que é **estruição** de farinha. (...)” (PM – p. 79). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Var.: *istruir*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste do Brasil.

**ESTRUPICO** *s.m.* Problema. Confusão. Algazarra. “O palanque do comício de onde os home ia falar e pra Moleza escapar ia ser um **estrupico**” (BN – p.118). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSND em FN. NL: FJ e AH registram a Var.: *estrupício*. AB e EB registram a Var.: *estropício*.

**ESTURRICADO** *adj.* Muito seco. Ressecado. Quente. “Dando fruto num chão **esturricado** espanja o sertão empoeirado” (BN – p.18). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSND em FN. Var.: *estorricado*

# F

**FACEIRA** *adj.* Mulher vaidosa, esperta. “De moça-pura e **faceira** parecia uma roseira” (BN – p.36). LSDAE em FJ e AH. LSDAD em AB e EB. LSND em HA e FN. NL: AH faz o registro do verbete como um regionalismo brasileiro.

**FALTAR TERRA NOS PÉS** *exp.* Diz-se daquele que está sem defesa; sem argumento; desprotegido. “Olhe, eu não sei não, viu... Eu tenho assuntado direitinho e tou com a impressão que **faltou terra nos pés** de Mané Cabelim e ele não deu fé! (...)” (PM – p. 12). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AB, EB e AH.

**FANFARRAR** *v.* Festejar. Farrear. Brincar. “Não me esbaldei de alegria. Não sorri com dente novo. Não **fanfarrei** com o povo. Não vi o povo girar.” (PB – p. 23). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB, AH. NL: O Dicionário Online de Português registra a *lexia* como um Neologismo brasileiro que designa vibrar, soar.

**FARNIZIM** *s.m.* Angústia. Inquietação. Mal-estar. “No juízo, um frivioco. No estrombo, um brubuim. Fui ficando avermelhado, foi me dando um **farnizim** (...)” (PB – p.31). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *Farnesim*. NE: AB, EB e AH registram a *lexia* na norma culta: *Frenesi*.

**FATIGADO** *adj.* Cansado. Exausto. “Estava tão **fatigado** que só rezava pra santo que estivesse sentado” (BN – p. 124). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA.

**FELA DA PUTA** *exp.* 1. Expressão usada de forma pejorativa para xingar alguém. 2. Expressão utilizada como adjetivo superlativo para exagerar uma situação. “Papai Noel de Brasília se conseguir distinguir por aí pelo Planalto um cabra do peito alto, com fuça de javali, falando em honestidade, em água pro Cariri. Pregando coragem!... Luta! Avise ao **fela da puta** que o roubo dele taqui.” (PM – p. 108). LCXDAE em FJ, FN e HA. LCXND em AB, EB e AH. Var.: *fela da pota*.

**FINÓRIO** *adj.* Característica de quem é esperto, sagaz. “Era uma vez um malando que fugiu da detenção. Em tempos longes, mofados de roubo e depravação, de malandragem **finória**” (BN – p.117). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FJ e FN.

**FIOFÓ** *s.m.* Diz-se do estreitamento final do intestino, local onde saem as fezes. Ânus. “(...) Não sabia o genro que enganar o sogro era tarefa difícil feito maquiagem de **fiofó**. (...)” (BAN – p. 120). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Cf.: *arenguêro*. Var.: *zé de broquim, zero, severino, zé de obrar, zé de quinca*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**FRANZIR** *v.* Formar pregas. Enrugar-se. “O sol está tão forte e quente que está **franzindo** o semblante do horizonte” (BN – p. 122). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FJ e FN. LSND em HA.

**FRIVIÔCO** *s.m.* Sensação de cócegas acompanhada de emoção. “Era aquele tudo um pouco. Era aquela amoridade. Mas faltava na verdade sensação de **friviôco**, um querer, uma pujança. Daquela que dá sustança na homencia do cabôco. (...)” (PM – p. 36). LSDAE em FJ e HA. LSND em FN, AB, EB e AH. Var.: *frivioca, frevioco*.

**FULEIRO** *adj.* Aquele ou aquilo que não possui valor. Desclassificado. Desprovido de requinte. “Sonhos de uma cidadezinha mais ou menos: Casebres de duas águas (...) Um

posto de gasolina (...) Divertimentos sonoros na boca da difusora. Beijos bons de açúcar em namoro de portão. Um delegado **fuleiro** e um soldado bronca zero.” (PB – p. 27). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: HA registra a variante “fulero”.

**FUMARENTO** *adj.* 1. Aquilo ou aquele que solta muita fumaça. 2. Aquele que fuma em excesso. “(...) Dor na barriga do riso do moleque risador. Candeeiro **fumarento** a partir d’ave-maria. Poço de sabedoria no quengo do rezador. (...)” (PB – p. 28). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA. Var.: *fumacento*. NL: AH registra como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível ao da primeira entrada.

**FUNDURA** *s.f.* Medida de profundidade. “– O Raso não tem **fundura**” (BN – p. 48). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSDAD em FN e HA. NL: AH registra o verbete como um regionalismo brasileiro.

**FURDUNCEIRO** *adj.* Aquele que promove confusão, desordem, bagunça. “Era um sujeito tronchudo, **furdunceiro** e amuado. Cu-cagado de pessoa. Era aquela coisa-à-toa dos atributos cruzados: tinha abuso por amigo e riso por intrigado. (...)” (BAN – p. 95). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil.

# G

**GÁIA** *s.f.* O mesmo que traição, chifre. “(...) Sou mais eu que Zézim Galalu: casou com Ciça Gaeira – a miss Barreira Nova – bonita e soletrada. Mas casar com mulher miss, é feito morar em fronteira, precisa tá sempre alerta. Galalau abestalhó-se, vem suportando uma **gáia** tão vistosa e amuada que já passa dos dez ano que faz árvore de natal. (...)” (BAN – p. 75). LSDAE em FJ e FN. LSND em HA, AB, EB e AH. Cf.: *cangalha*. Var.: *galha*.

**GANJENTO** *adj.* Diz-se daquele que é vaidoso; petulante; cheio de si. “Biu da saia (...) largou de mão a mulher e deu de desflorar roseira de menina a poder de promessa de altar. Loroteiro, **ganjento** e despachado, era Biu (...)” (BAN – p. 119). LSDAE em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**GASEAR** *v.* Ausentar-se de algum lugar (escola, trabalho, etc.) para vadiar; deixar de fazer algo importante para passear e/ou divertir-se. “(...) Ficou **gaseando** vida pelas garupas da morte. Em formato de caçote. Tropelado por jamanta. Por ser um gringo dos forte, Americano do Norte. Escapa, mas não levanta.” (BAN – p. 96). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *gazear*, *gazetear*.

**GASTURA** *s.f.* sensação de mal-estar no estômago. Irritação nervosa. Sensação desagradável. “Foi me dando uma **gastura**, me faltou suspiração. Fiquei todo escabriado, sulerou o coração.” (PB – p. 30). LSDAE em FJ, FN, HA, EB e AH. LSND em AB. NL: EB registra o verbete como um coloquialismo e AH registra como Brasileirismo informal.

**GOELA** *s.f.* Garganta. “Chamada para a missa do Galo: - Mamãe, não é missa do peru? – é não, filhinho, é do Galo... Nas esquinas garranchentas distante da irmandade a perninha do relógio passa tictacamente. Às doze da meia-noite, na **goela** rouca de um gallo: Có-có-ró-có-cóóóó!!!!” (BN – p. 105). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FN. Var.: *gogó*.

**GOGÓ** *s.f.* Garganta. Pomo de Adão. “(...) Da conclusão que tiremo do cumpade eu tive dó. Pru-qui-pru-li, pro culá arrodeando o falar eu pigarrei o **gogó**... (...)” (PM – p. 26). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Cf.: *goela*. NL: De acordo com AH, esta lexia é um regionalismo brasileiro de uso informal.

**GOTEIRA** *s.f.* Vazamento de água em gotas no teto. “Coisas que não conjuminam: uma é você ser de bolero e casar com uma freventa que vassorinha uma valsa. Outra é você ser voz-de-peixe e se botar pruma coroa Trasamazônica de língua. Outra é o cabra impaciente e a **goteira** poc-poc... (...)” (BAN – p. 104) LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. Cf.: *biqueira*. Var.: *pingueira*.

**GRAÚDO** *adj.* Diz-se daquele que é forte; grande; considerável. “Quero um nome de Doutor. **Graúdo**, respeitador” (BN – p. 48). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN HA.

**GRAXA** *s.f.* 1. Gordura residual dos molhos das carnes guisadas. 2. Óleo que é utilizado em automóveis. 3. Pasta que serve para dar brilho em sapatos. “Cardápio Curioso: Apetite se quiser. Depois do Fantástico: Bife de domingo, servido com pão de sábado, roçado em **graxa** de segunda. Acompanha ponche de cajá.” (PB – p. 87). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**GROGUE** *s.m.* Pinga. Bicada. Dose de cachaça. “Hora do primeiro **grogue**. Do despertar da coruja” (BN – p. 101). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN.

# H

**HOME** *s.m.* Indivíduo. Pessoa do sexo masculino. “Aí ele disse: **Home** qué sabe duma coisa? Vá simbora, Vá simbora!” (BN – p. 40). LSDAE em FJ. LSDAD em FN. LSND em HA, AH, AB e EB. NL<sup>1</sup>: FJ diz que a lexia é uma corruptela de *homem*. NL<sup>2</sup>: AH, AB e EB registram a lexia no uso formal “*homem*”.

# I

**IMPONENTIZAR** *v.* Tornar aquele ou aquilo admirável; majestoso. Impor respeito. “(...) – Não, Sr. Tabelião, como trompetista renomado, quero **imponentizar** definitivamente meu nome. Quero algo assim como: Chimarrão Penugem.” (PB – p.102). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de um Neologismo criado a partir da palavra “imponente”.

**INCELÊNCIA** *s.f.* Cântico religioso próprio de velório; cantiga fúnebre. “(...) A boca do suplicante exclama à beira da porta: - choremo a justiça morta. Vamo s’imbora rezar! E ficam os paletozados velando a dita morrença. Sem reza e sem **incelença** mode a justa de avivar. (...)” (BAN – p. 81). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *excelência*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro. NE: Lexia que caiu em desuso, configurando, desse modo, como um Arcaísmo.

**INSOSSO** *adj.* 1. Refere-se a algo que não tem sal, não tem tempero. 2. Diz-se daquilo ou daquele que é desinteressante, sem graça. “(...) Se o oceano fosse **insosso**, eu insossava o bacalhau. Botava insosso em bolacha. Sofria de pressão baixa. Era a vida aquele sal.” (BAN – p. 113). LSDAE em HA, AB, EB e AH, LSDAD em FJ. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele apresentado na primeira entrada.

**INVERNIA** *s.f.* Temporada de inverno; período de muitas chuvas e frio. “(...) Ao redor de oitenta léguas não se escuta um troveja. Notícia de chuva aqui é casa pra retalhá. É tão

fraca a **invernía** que se chovê oito dia não dissolve um Sonrisá.” (PM – p. 62). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Var.: *inverneira*.

**ISPRIVITADO** *adj.* Barulhento. Irrequieto. Intranquilo. Atrevido. “O povo desmiolado. Satisfeito **isprivitado**” (BN – p. 44). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AH, AB e EB. NL: FJ apresenta a Var.: *esprivitado*.

# J

**JAMEGÃO** *s.m.* Designa assinatura ou rubrica. “E o escrivão perguntou de **jamegão** no aceite: - Tu aceita essa doidinha como legítima esposa? E tome um SIM bem-ditoso, mas não foi doidice não.” (PB – p.76). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND EM FJ e FN. NL: AB registra o verbete como popular; EB registra como coloquial e AH como regionalismo do Brasil.

**JANGADA** *s.f.* Tipo de balsa feita com madeira. “Papai-Noel de **jangada** vestindo roxo maduro, com sorriso cinza-escuro” (BN – p. 107). LSDAE em FN, AH, AB e EB. LSDAD em HA. LSND em FJ. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do nordeste do Brasil e AB registra como um brasileirismo.

# L

**LAIA** *s.f.* O mesmo que espécie; categoria; estilo; turma; qualidade. “(...) Aí eu disse: “Pode botar no yogurt, na coalhada, na nata, no queijo, que eu tenho procedimento pra tu, tua **laia** e pra internet, fí de uma égua! (...)” (BN – p. 52). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. NE: Trata-se de uma lexia depreciativa, usada sempre de forma pejorativa para caracterizar um grupo de pessoas.

**LAJEIRO** *s.m.* Superfície revestida de lajes de pedras. “Enlutando a couraça dos vaqueiros planta os versos nas fendas dos **lajeiros**” (BN – p. 19). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. Var.: *lajedo, lajedão, lajeado*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo de Pernambuco, Alagoas e Bahia.

**LAPADA** *s.f.* 1. Uma dose de cachaça ou meio copo de cachaça. 2. O mesmo que tapa; bofetada. “(...) Encostado ao lado do balcão, um caneiro embicando uma **lapada**, passa as costas das mãos pelas beíçadas, se apruma e sai dando trupicão. (...)” (PM – p. 23). LSDAE em FJ, FN e HA. LSDAD em AH. LSND em AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele empregado na primeira entrada.

**LARGAR DE MÃO** *exp.* O mesmo que abandonar; deixar de lado; largar; desistir. “Biu da saia (...) **largou de mão** a mulher e deu de desflorar roseira de menina a poder de promessa de altar. Loroteiro, ganjento e despachado, era Biu (...)” (BAN – p. 119). LCXDAE em HA. LCXND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**LASCAR-SE** *v.* Sair-se mal. Não ter sucesso em algo. Ficar encrencado. “Quem avisa amigo é. Num vá que você se **lasca**. Foi, **lascou-se**.” (BN – p. 128). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil.

**LENGA-LENGA** *s.f.* Conversa monótona, enfadonha. Narrativa demorada. Enrolação. “(...) Diante da fala reclamosa da mulher, Seu Clóvis convenceu-se do arriscoso de acontecer e, no brusco do fato, passou outro telegrama isento de mal-entendido. Com voz de abuso deu um priu na **lengalenga**, mostrou, de arrancada, a cópia telegramosa com catorze letras (...)” (BAN – p. 123). LCPDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL: EB registra a lexia como um coloquialismo.

**LETREJADO** *adj.* Característica daquele que é inteligente, erudito. Alfabetizado. “Sou mais Pêdo Balaieiro, com seu balaio de versos sem nunca ser dado a ler do que o cabra estudado, aprendido e **letrejado**, diplomado em nunsequê” (BN – p. 122). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AH, AB e EB.

**LISEU** *s.m.* Designa falta de dinheiro. Estado de quem está quebrado, falido. “(...) História de feira em feira. Falavam de um tempo que aconteceu. De fome e roupa emendada. De lata furada fiado e **liseu**. (...)” (PB – p. 110). LSDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH. Var.: *liriu, pindaíba*.

**LOROTA** *s.f.* Mentira. Conversa fiada. Fanfarrice. “Pois as **lorotas** de sempre tamo canso de escutar” (BN – p. 46). LSDAE em HA, AH, AB e EB. LSND em FJ e FN. Cf. *converseiro*. NL: AH registra como um regionalismo e AB, como brasileirismo.

**LOROTEIRO** *adj.* Que ou quem fala vantagens, pabulagens, mentiras. Inventor de histórias. (...) Sois um homem infuluído? Ou inútil e **loroteiro**? O que mais dá por aqui é ladrão e trapaceiro. (...)” (PM – p. 70). LSDAE em HA, AB, EB e AH, LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo brasileiro de uso informal.

**LUTA** *s.f.* 1. Trabalho diário; lida caseira. 2. Disputa violenta entre duas pessoas. “(...) Na **luta** do dia a dia. No afã de trabalhar. No amor a Dona Maria. Na benquerença do lar. Nas curvas da poesia. Nas branduras do rimar (...)” (PB – p. 53). LSDAE em FJ e EB. LSDAD em AB e AH. LSND em FN e HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele apresentado na primeira entrada.

# M

**MACHEIRA** *adj.* Diz-se daquela que é fácil; vadia; meretriz; quenga; puta. “(...) Tu, rapaz já tá ficando é curvado feito espinhaço de olaria, de tanto trabalhar pra aquela **macheira** do queixo de graviola! (...) (PM – p. 12). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**MACUMBA** *s.f.* Designação genérica de rituais celebrados em terreiros de cultos afro-brasileiros; despacho; magia negra; feitiçaria. “No teu beijo me cheguei. Nele mesmo me parti. No teu beijo me enterrei feito sapo de **macumba**. E meu peito, bumba-bumba! E pufo! Me faleci. (...)” (PM – p. 43). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AB registra a lexia como Brasileirismo, EB como uso coloquial e AH como regionalismo brasileiro.

**MAGOTE** *s.m.* Bando. Grupo. Quantidade. Porção. “Esse **magote** gente usava da esperteza” (BN – p. 119). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB.

**MAIS BARBADO DO QUE D. PEDRO II** *exp.* Diz-se daquele que é experiente; conhecedor; “(...) Eu, que não tenho papa na língua, tomei o fôlego dele e disse-lhe: Laiga de ser desleirado, mofino duma figa!!!! Procura teu lugar, rapaz! Triste do rato que não conhece mais um buraco!... Tu, rapaz... um homem véi das mãos de gengibre, **mais barbado do que D. Pedro Segundo**, não tem vergonha nessa cara de cachimbo cru? (...) (PM – p. 11). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**MALINO** *adj.* 1. Característica daquele que é bagunceiro; peralta; que faz travessuras. 2. Maligno; o diabo. “Sempre fui um manteiga derretida (fervilhando). Um caboco estabanado, cascavélico, parrudo, **malino** e espalha-brasas.” (PB – p. 29). LSDAE em FJ, AB e AH. LSDAD em HA. LSND em FN e EB. NL: AB registra o verbete como uso popular e AH registra como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**MAMATA** *s.f.* 1. Receber de forma facilitada recursos públicos. 2. Moleza; coisa fácil. “Nenhum dos dois tinha vícios; só fumavam quando bebiam, jogavam ou raparigavam. Um era facilitador de **mamatas** e maruagens do governo do Estado e outro maestro da roubalheira e aperfeiçoador de mentiras e calúnias da Câmara Municipal. (...)” (BAN – p. 117). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AB registra o verbete como Brasileirismo, EB como coloquialismo e AH como uso informal. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**MANTEIGA DERRETIDA** *exp.* Característica de quem é emotivo; dengoso; que chora com facilidade. “Sempre fui um **manteiga derretida** (fervilhando). Um caboco estabanado, cascavélico, parrudo, malino e espalha-brasas.” (PB – p. 29). LCXDAE em HA. LCXND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**MARMOTA** *adj.* Algo ou alguém estranho. Feio. Desengonçado. Deselegante. “Tu acha que num concurso de Misse o cabra vem votar numa **marmota**??” (BN – p. 52). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil.

**MARUAGEM** *s.f.* O mesmo que malandragem. Sabedoria ardilosa, secreta. “Nenhum dos dois tinha vícios; só fumavam quando bebiam, jogavam ou raparigavam. Um era facilitador de mamatas e **maruagens** do governo do Estado e outro maestro da roubalheira e aperfeiçoador de mentiras e calúnias da Câmara Municipal. (...)” (BAN – p. 117). LSDAE em HA. LSND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**MATRACA** *s.f.* Diz-se daquele que nunca cala a boca; que fala demais. Tagarela. “(...) O cumpade Mané Cabelim (...) inventou de raparigar uma dama dos quarto de jia, vinda da caixa-prego dos cafundó da Bahia. Raparigona faladeira e despachuda, com a **matraca** nas alturas, quanto mais fala mais mente, quanto mais mente mais jura. (PM – p. 11). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH registra como um regionalismo do Brasil.

**MATRAQUEAR** *v.* Falar muito. Tagarelar. “Dor na barriga do riso do moleque risador. Candeeiro fumarento a partir d’ave-maria. Poço de sabedoria no quengo do rezador. Matutos **matraqueados**: Zé, Antõe, Batim e Pêdo. Povo “bucho de piaba” que nunca guarda segredo e a conversa beradeira segredada na calçada.” (PB – p. 28). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**MATREIRA** *s.f.* Diz-se daquela que é astuta; esquivia; que não se deixa pegar facilmente. “Bonitamente falando, o nome dela era Miss Nomezinho portátil para tanto porte só tinha mesmo um defeito: uma marca de vacina no braço. Tipo, mulher: mulheraço. (...) Os cabras bestas cabrestavam-se todos. Contaminavam-se todos com o perpétuo xingoso do seu ferrão. Rebolantíssimamente, de sapequice **matreira** parecia uma forrageira de tritular atenção. (...)” (BAN – p. 51). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Rio Grande do Sul.

**MATUTADA** *s.f.* Conjunto de matutos. Pessoas da roça. Caipiras. “A **matutada** assuntava e palestrava em roda de calçada” (BN – p. 110). LSDAE em FJ, FN e AH. LSND em HA, AB e EB.

**MATUTAR** *v.* Refletir. Pensar. Raciocinar em silêncio. “Tô **matutando** o porquê da força que tem o nada, mode falar do estalo, do espanto e do estouro. De dentro do passadouro. Da procissão da boiada.” (PB – p. 38). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA.

**MAU-OLHADO** *s.m.* Olho-gordo. Inveja. Energia negativa transmitida a outrem pelo olhar. “Ela disse: - NÃO!! Pra não te pôr **mau-olhado** e nem cair em pecado!” (BN – p. 70). LCPDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LCPND em FN.

**MEDONHO** *adj.* 1. Diz-se daquele que é danado, inquieto, ativo. 2. Aquilo que provoca medo, repulsa, horror. “(...) Fui pra riba do **medonho**. Naquela lábia todinha ele disse: - Mariinha! Chega, minha brombilzinha! Afff, home sem vergonho! (...)” (BAN – p. 109). LSDAE em FJ e HA. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**MEIOTA** *s.f.* 1. Meia garrafa de cachaça ou meio copo de cachaça. 2. Meia porção de maconha. 3. Característica daquele que é indeciso ou influenciado. 4. Moto ou Motocicleta. “Cardápio Curioso: Appetite se quiser. Pró-álcool a 50 cilindradas: **meiota** de cachaça servida com cilindros de tripa assada e farinheiro de 1ª viagem.” (PB – p. 87). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**MEMBRALHUDO** *adj.* Diz-se daquele que é forte; musculoso; robusto. “(...) O padre entra pelos fundos da Casa Paroquial e ouve um corruchiado miúdo e abafado. Vê uma surpresinha estampada e moeda de muito valor: João, em formato de donzela, sendo ocupado pelo oitão por um namorado **membralhudo**. (...)” (BAN – p. 116). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Cf.: *tronchudo*. NE: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**MENZENGA** *s.f.* expressão usada como um tipo de xingamento na região do Nordeste brasileiro. “Aí a **mezenga** da esposa, sacudida feito cobra em areia quente, disse: “Êpa, rapaz, respeite minha grife!” (PB – p. 47). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.:

*mizinga*. NE: Encontramos a *lexia* registrada no dicionário informal da Língua Portuguesa.

**MESSALINA** *adj.* Característica daquela que é adúltera, libertina, meretriz. “(...) Ele sorria e beijava. E ela de puta ria. Era revista rameira. Flor de lodo, **messalina**. Biscaia, franga, dadeira. Tolerada e pistoleira com semblante de felina. (...)” (BAN – p. 97). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. NE: Essa designação para o verbete *messalina* foi criada quando a mulher do imperador romano Claudius, cujo nome era Messalina, ficou conhecida por ser adúltera. No período, Messalina desafiou a maior prostituta de Roma a transar com o maior número de homens em 24 horas. A prostituta não conseguiu e Messalina suportou por mais de 24 horas. A partir desse episódio, a palavra *messalina* passou a designar adúltera, vadia, mulher fácil, entre outras denominações.

**METER O PAU** *exp.* Falar mal de alguém ou de alguma coisa. “Eu já tou com essa idade. Papai beirando os noventa. Vovô pela mocidade com vinte, trinta e quarenta dizia em tom revoltado: - Isto é um governo safado. (...) A coisa assim piorando cheia de mas, mas e mas, mas... E a tal reforma ficando pra trás, pra trás e pra trás. Hoje eu poeta Quirino diante dum vivaldino não abro nem para um trem abordando este problema, **meto pau** com meus poemas e o povo gritando amém! (BAN – p. 57). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AB, EB e AH. Var.: *meter a peia*.

**MISSA E MARÉ SÓ SE ESPERAM DE PÉ** *exp.* Diz-se daquilo que é óbvio, incontestável, irrefutável. “Laiga de mão esse diabo de trio elétrico! Enfia aquela rapariga embaixo da carreta e te levanta pra trabalhar porque **missa e maré só se espera de pé!** Quem acha besta não compra cavalo, e tu já fosse achado, BESTA fela da puta duma figa!!!...” (PM – p. 13). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**MIXA** *adj.* Diz-se daquele ou daquilo que é insignificante; pequeno; de pouco valor. “(...) Sem mágoa sem discussão. Pois vimos que nós só tinha uma paixãozinha **mixa**. Uma jogada de ficha. Uma piola de paixão. (...)” (PM – p.37). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND

em FN, AB e EB. Var.: *mixe*. NL: De acordo com AH, esta lexia se trata de um regionalismo brasileiro.

**MODERNAGEM** *s.m.* Modernidade. Aquilo que se refere aos tempos modernos. “Cumpade! Largue dessas besteira de **modernagem**, home de Deus!” (BN – p. 50). LSDAE em FN. LSND em FJ, HA, AH, AB e EB. NE: Compreendemos esta lexia como um neologismo do escritor, haja vista que se trata de uma palavra nova derivada de outra já existente.

**MORINGA** *s.f.* Recipiente de barro que serve para armazenar água. “Maria Bonita (...) de água em **moringa** deu seiva ao cangaço, que nem sorveteiro de grito em morango (...)” (PB – p. 56). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Brasil.

**MORMAÇO** *s.m.* Sensação térmica quente e abafada. Muito calor. “Nos leirões carcomidos desse chão. Canta a cor escaldante do **mormaço**” (BN – p. 132). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSDAD em FN. LSND em HA.

**MORREU MARIA PREÁ** *exp.* Expressão utilizada para dizer que o assunto e/ou conversa está encerrada(o); que deve ser esquecido. “Em alguns estados do Nordeste, na freiança dum assunto, os antigos ainda dizem de forma afoita e abusada: “**Morreu Maria Preá!**” Quer dizer: “fim de conversa!” ou “não se fala mais nisso!”. (BAN – p. 115). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, FJ, AB, EB e AH.

**MOURÃO** *s.m.* Estaca de concreto, madeira ou pedra que serve para construir cercas. “Já pinteí muito sete em fama de delegado. Já acerteí três tiros (pé de pinto) em alvo de vinte metros. Assisti muito filme de Maciste mastigando quebra-queixo. Fui arrancador de **mourão** e esmagador de quase-tudo”. (PB – p. 30). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo brasileiro.

**MUFUNFA** *s.f.* O mesmo que dinheiro; economias. “- Ora bom, basta, destá!!! Converseiro de paixão é combustão de poeta! O cabra vira é pateta porque falta o principá: o dólar, o circulante, a **mufunfa**, o vil metá, o tustãozim, o montante, o bronze, a pila, o reá, a gaitlina, o arame, o bago, a renda, o jeton, o pé-de-meia, a maniva, o cifrãozim na saliva, o bagarote e o bom! (...)” (BAN – p. 53). LSDAE em FJ e AH. LSND em FN, HA, AB e EB. Var.: *bufunfa*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro.

**MUNDARÉU** *s.m.* O mesmo que imensidão; mundo grande; espaço grande e/ou distante. “Vai pela estrada um caminhão repleto de mudança. Levando a herança de herdeiros de poucos herdados: (...) um velho espelho já trincado mostra o azul do céu. E o **mundaréu** ensolarado se faz de carona. (...)” (BN – p. 21). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *mundão*. NL: AB registra a lexia como Brasileirismo e AH como regionalismo do Brasil.

**MUTRETA** *s.f.* O mesmo que trapaça; coisa errada e/ou escondida; astúcia. “(...) Mode os pi-bite da rua. Mode as **mutreta** que há. Mode as falta de um bom-dia, um boa-noite, um olá. Mode assalto, mode tiro. Mode as fumaça do ar. Mode eu não ter desgosto ou mesmo me ressentir. Não se anime mode eu ir que eu não deixo esse lugar.” (PM – p. 59). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo, EB como uma gíria e AH como um regionalismo brasileiro.

# N

**NAMORAÇÃO** *s.f.* Ato de namorar; pegação. “(...) De tanta **namoração**, minha mão bem de mansinho no fôlego da tua voz e nós assumindo a morte da marvada solidão. (...)” (PB – p. 76). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. Var.: *anamoração*.

**NÃO TER PAPAS NA LÍNGUA** *exp.* O mesmo que falar sem rodeios; dizer o que pensa; falar o que quer sem medo das consequências. “(...) Eu, que **não tenho papa na língua**, tomei o fôlego dele e disse-lhe: Laiga de ser desleirado, mofino duma figa!!!! Procura teu lugar, rapaz! Triste do rato que não conhece mais um buraco! (...) (PM – p. 11). LTDAE em HA. LTND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**NÃO VALE O QUE O PRIQUITO RÓI** *exp.* Diz-se de uma pessoa sem vergonha, sem valor, sem moral. “Neste mundo, tem gente pra tudo e ainda sobra um pra tocar gaita! O cumpade Mané Cabelim, matuto véi que **não vale o que o priquito rói**, não vale um vintém de mel coado... com uma lascança dando no mei da canela do jeito que tá, inventou de raparigar uma dama dos quarto de jia. (...)” (PM – p. 11). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**NÃO VALE UM VINTÉM DE MEL COADO** *exp.* Característica daquele que não vale nada; não vale um tostão. Pessoa de baixo valor. “Neste mundo, tem gente pra tudo e ainda sobra um pra tocar gaita! O cumpade Mané Cabelim, matuto véi que não vale o que o priquito rói, **não vale um vintém de mel coado**... com uma lascança dando no mei da canela do jeito que tá, inventou de raparigar uma dama dos quarto de jia. (...)” (PM – p. 11). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**NHENHENHÉM** *s.m.* Falatório. Conversa mole. Resmungo. Converseiro. “Sem rodeio e sem pantins. Sem **nhenhém**, sem besteira” (BN – p. 55). LCXDAE em AH e EB. LCXND em FJ, FN, HA e AB. Cf. *converseiro* e *lorota*. NL: AH registra a Var.: *ramerrão*.

**NODOAR** *v.* Surgimento cor ou mancha diferente em um espaço ou superfície. “Canta o sol por detrás da morraria. **Nodoando** o infinito de laranja” (BN – p. 18). LSND em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NE: A lexia refere-se a um neologismo derivado do substantivo “nódoa”.

# O

**OCHÊN** *interj.* Exprime surpresa, espanto, admiração. “Aí eu disse: **Ochên!!** Parece que pegou ar!!” (BN – p. 40). LSDAE em FJ, FN, HA, AH e EB. LSND em AB. Var.: *Oxe, Oxente.*

**OITÃO** *s.m.* Lateral direita ou esquerda de uma residência. “A triste seca já voltou e a asa-branca agourou e já bateu a asa. Plantação defunta no **oitão** de casa. O chão em brasa a triste seca já voltou. (...)” (PM – p. 120). LSDAE em FJ, FN, AB, EB e AH. LSND em HA. Var.: *outão.*

# P

**PABULOSO** *adj.* Característica daquele que conta grandezas; que vive vangloriando-se; que fica exibindo coisas que não possui. “Seu vigário já que temo dois nome maiusculoso. Já que semo de vergonha, que não semo **pabuloso**. Que voz é reverendíssima, da boca não sai coisíssima que padre é confioso. Vou lhe contar uma história (...)” (PM – p. 82). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB.

**PANTIM** *s.m.* Frescura. Fingimento. Manha. Drama. Exagero. “Sem rodeio e sem **pantins**. Sem nhenhém, sem besteira” (BN – p. 55). LSDAE em FJ, FN e HA. LSDAD em AH. LSND em AB e EB.

**PARAMENTOS** *s.m.* Diz-se das vestes litúrgicas sacerdotais. “(...) Um dia metido em batina, viaja o padre em tarefa igrejeira e volta no meio do caminho à cata de **paramentos**. (...)” (BAN – p. 116). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA.

**PARÊIA** *s.f.* 1. O mesmo que parceiro; par; casal; dupla. 2. Diz-se quando algo é muito bom e não há outro igual. “Minha nega inundadeira dos açudes da paixão. Hoje eu sei o que é saudade, **parêia** da solidão. É furada de espeto. Que deixa um sangueiro preto pisado no coração.” (PM – p. 52). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *parelha*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**PARRUDO** *adj.* Forte. Crescido. Desenvolvido. “Sempre fui manteiga derretida (fervilhando). Um cabôco estabanado. Cascavélico, **parrudo**, malino e espalha-brasas.” (PB – p. 29). LSDAE em FJ, HA, EB e AH. LSND em FN e AB.

**PASSARINHEIRO** *adj.* 1. Característica daquele que leva uma vida vagabunda, vadia, preguiçosa. 2. Cavalo bom; passeiro. 3. Caçador e vendedor de pássaros. “(...) Desde sempre transportadas nas carcundas dos jumentos: cangalha, lastro, carroça, arado de plantação, tijolo, barro, arame, lenha, água, pedra, cal. Toda nação de safra de produção sertaneja. Traste minguado, vaqueiro. Matuto **passarinheiro**, noivos, meninos, mulher, vigário, bispo, Jesus... (...)” (PB – p. 35). LSDAD em FJ, HA, AB e AH. LSND em FN e EB. NE<sup>1</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada. NE<sup>2</sup>: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor que atribuiu um novo significado a uma palavra já existente na língua.

**PAU A PIQUE** *s.m.* Construções feitas de barro e vara. “Como retratar a bondade de um jumento: primeiro, pintar na tela, agrinaldando a moldura, uma cerca de arame com uma saia de xiquexique, um trecho de **pau a pique** e uma cancela escancarada.” (PB – p. 35). LCPDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *Taipa*. NL: AB registra a lexia como um brasileirismo.

**PÁ-VIRADA** *s.m.f.* Diz-se daquele (a) que é difícil de lidar; que é trabalhoso (a); amalucado(a); irresponsável. “(...) Marrapaz, no outro dia, eu esperando a polícia algemar minha pessoa, fui dar uma volta na rua, sabe quem eu encontrei mais folgado do baiguía de macacão? Mané Cabelim e a bicha-da-**pá-virada**, tu acredita? (...)” (BAN – p. 68). LCPDAE em FJ, HA e AH. LCPND em FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Ceará.

**PEBAGENS** *s.f.* Designa fofoca, mexerico, fuxico, falatório. “Zunzunzum: Passar na venda de Chico Cai-Cai. Saber das últimas **pebagens** do povo.” (PM – p. 54). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE<sup>1</sup>: De acordo com a abonação, a lexia designa mexerico, falatório. NE<sup>2</sup>: Trata-se de um neologismo criado pelo autor.

**PÉ-DE-BURRO** *s.m.* O mesmo que fumo bruto; cigarro de palha. “(...) O sogro cheio de dá-lhe tou dando... E dum ouvido pro outro: ora não casa... CASA! Ó o cigarro **pé-de-burro!** Ó o pacote fumaça! (...)” (PM – p. 67). LCPDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH.

**PÉ-DE-MEIA** *s.m.* O mesmo que economias; reservas; dinheiro guardado. “- Ora bom, basta, destá!!! Converseiro de paixão é combustão de poeta! O cabra vira é pateta porque falta o principá: o dólar, o circulante, a mufunfa, o vil metá, o tustãozim, o montante, o bronze, a pila, o reá, a gaitlina, o arame, o bago, a renda, o jeton, o **pé-de-meia**, a maniva, o cifrãozim na saliva, o bagarote e o bom! (...)” (BAN – p. 53). LCPDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**PÉ DE PAU** *s.m.* 1. Caracteriza qualquer tipo de árvore. 2. Designa as abelhas sociais também chamadas de guarupu, uruçu, etc. “Sonhos de uma cidadezinha mais ou menos: Filete d’água corrente. Três bodeguinhas no grau. Caligrafias mimosas no saber das professoras. **Pé de pau** bom de sossego e passarim bom de orquestra (...)” (PB – p. 27). LCPDAE em FJ e HA. LCPDAD em AH. LCPND em FN, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível ao da primeira entrada.

**PEGA-PA-CAPÁ** *exp.* O mesmo que confusão, briga; situação difícil. “(...) Oh o mei!... Oh o mei!...Oh o mei!!! Passa um trem de chapeados. Um doido mamando gelo debocha dos desgraçados. É o **pega-pa-capá** que começa incapetado. (...)” (PM – p. 102). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AB, EB e AH. Var.: *pega prá capar, pega-pra-capar.*

**PEGAR AR** *exp.* Ficar zangado. Ficar com raiva. Aborrecer-se. “Botaram na identidade: Alzira Mandai A. Garrafa. Aí ela **pegou ar...**” (BN – p. 129). LCXDAE em FJ e HA. LCXND em FN, AH, AB e EB.

**PEGAR O BECO** *exp.* Sair apressadamente. Correr. Fugir. “Aí, eles se entupiram sozinhos, **pegaram o beco** pra lá e eu vim-me embora pra cá (...)” (PB – p. 48). LCXDAE em FN e FJ. LCXND em HA, AB, EB e AH. NL: FN e FJ registram a variante: *pegar a reta*.

**PEIA** *s.f.* 1. Peleja; luta sofrida. 2. Surra; pisa. 3. Órgão sexual masculino. 4. Tira de couro utilizada para prender animais. “Se o cabra de pau-de-arara pro rumo das capitá deixa um peso amarombado pra quem fica, carrega. É espeto! É luta! É **peia!** ... oração aqui campeia. Mode os tempo melhorá. (...)” (PM – p. 62). LSDAE em FN e EB. LSDAD em FJ, HA, AB e AH. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele empregado na primeira entrada.

**PEIXEIRA** *s.f.* O mesmo que faca; facão. Arma branca. “Se espalha uma colcha de mangalho: É cabresto, é cangalha e é **peixeira**. Urupema, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaco e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar.” (PM – p. 21). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como regionalismo do Nordeste do Brasil.

**PELOS CAFUS** *exp.* O mesmo que final da tarde; ao entardecer. “(...) Às seis é o pôr-do-sol ou hora d’ave maria. Dezenove ou sete horas se diz qu’**é pelos cafus**. Às oito, boca da noite. Lá pras nove é noite tarde. Às dez é a noite velha ou a hora da visagem. É quando o povo vê alma nos escuro do lugar. É horona perigosa. Fantasmenta e assustosa do cabra se estupefar.” (BAN – p. 30). LCXDAE em FJ e FN. LCXND em HA, AB, EB e AH.

**PENICO** *s.m.* Recipiente utilizado como vaso sanitário à noite. “(...) De lado a lado, quatro portas, uma a cada quarto. Sala de parto dos bruguelos por ali nascidos. Vejo os floridos dos lençóis, de redes e armários. E os sanitários de **penicos** neles escondidos. (...)” (BAN – p. 36). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *urionol*,

*bispote*. NL: AB registra a lexia como uso popular, EB como coloquialismo e AH como uso informal.

**PESTANEJAR** *v.* Abrir e fechar os olhos. Piscar. Hesitar. “Cumpade véi, me responda sem o zói **pestanejar**” (BN – p. 100). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSND em FN e HA.

**PIDONHO** *adj.* O mesmo que *pidão*; *pedincha*; *pedinchão*. “(...) Ó doutor, eu lhe garanto. Nunca vi home tão ímã pra puxar coisa rasteira. Eu fiquei tão estopim, tão granada, tão fogueira. Que mesmo sendo direita fiz os gosto do **pidonho**. (...)” (BAN – p. 110). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB.

**PINHA** *s.f.* É o nome popular de uma fruta da família das Anonáceas. “(...) Um pé de manga, um pé de jaca, um pé de **pinha**, de pitomba e graviola daquela bem papudinha. Como é que pode um cabra sem atributo, derrubar um pé de jaca pra fazer um viaduto. (...)” (PB – p. 49). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *ata*, *fruta-de-conde*, *araticum-pitaiá*, *araticum-grande*, *coração-de-boi*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Nordeste brasileiro.

**PINICAR** *v.* 1. Piscar os olhos; paquerar com os olhos. 2. Cortar/picar algo em pedaços. 3. Coçar. “Com pouco mais, vem Jacqueline lá dos Estados Unidos **pinicando** pra minh’alma, mas eu disse: - Pega o beco!!! Eu quero lá conversa com quem já andou com Kennedy!” (PB – p. 101). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Nordeste brasileiro. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele empregado na primeira entrada.

**PINTAR O SETE** *exp.* Fazer e acontecer. Aprontar travessuras. “Já **pintei muito sete** em fama de delegado. Já acertei três tiros (pé de pinto) em alvo de vinte metros (...)”. (PB – p. 30). LCXDAE em FJ, FN, HA. LCXND em AB, EB e AH. Var.: *Pintar o diabo*. *Pintar o simão*. *Pintar a manta*. *Pintar o bode*. *Pintar o(s) caneco(s)*.

**PIRANGUEIRO** *adj.* 1. Característica daquele que é não é generoso; mão fechada; pão duro. 2. Aquele que é desprezível. 3. Aproveitador; oportunista. “Seu Biu-garçom leva um cascudo de punho fechado feito mão de **pirangueiro**, que fica sete minutos sentindo-se um autêntico Sub-Biu.” (PB – p. 58). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *pão-duro*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível ao da primeira entrada.

**PIRILAMPO** *s.m.* Inseto que emite uma luz intermitente. “Há cercas nas redondezas. (...) Não há cercas nos frontais. Planetas, sóis e relâmpagos vagueiam de **pirilampos** nas curvas celestiais.” (PB – p. 94). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *vagalume, caga-fogo, abrecú*.

**PISAR EM RASTRO DE CORNO** *exp.* Diz-se quando não se está em um dia bom; quando há má sorte ou azar. “Eu amanheci **pisando em rasto de corno!** Olha só quem chega bem cedo lá em casa (...) Quem chegou foi cumpade Mané Cabelim com a falta de vergonha e a coragem! Tu acredita? (...)” (BAN – p. 64). LCXDAE em FJ, FN e HA. LCXND em AB, EB e AH.

**PITOCO** *s.m.* Botão. Proeminência. “Passou uns dias aqui, no sertão, só dormindo, bebendo e tocando aquela gaita cheia de **pitoco**.” (BN – p. 27). LSDAE em FJ e FN. LSDAD em HA, AH e EB. LSND em AB.

**PIXITOTIM** *adj.* Diz-se daquilo ou daquele que é bem pequeno; pequeninho. “(...) Passam miunças de povo esbanjando poesia: um magote de Marias adornando um quarador. Passa, a passo de cavalo, um vaqueiro aboiador. Um tico de procissão cantando: Oh! Nossinhora do Pé-pe d’Socorro! Um polidoro de gorro de porte **pixitotim**. E passa a motocicleta desprezando a cavalgada. (...)” (BAN – p. 82). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *pichoto, pichototinho, pichito, pichitinho, pixototo*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**POLIDORO** *s.m.* O mesmo que soldado da polícia. “(...) Passam miunças de povo esbanjando poesia: um magote de Marias adornando um quarador. Passa, a passo de cavalo, um vaqueiro aboiador. Um tico de procissão cantando: Oh! Nossinhora do Pé-pe d’ Socorro! Um **polidoro** de gorro de porte pixitotim. E passa a motocicleta desprezando a cavalgada. (...)” (BAN – p. 82). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo de Goiás.

**POLITICAGEM** *s.f.* Baixa política. Política de troca de favores. “E por debaixo da lona o malandro observou a tal da **politicagem** por detrás do bastidor” (BN – p. 118). LSDAE em FJ, AH, AB e EB. LSND em FN e HA.

**POLEIRO** *s.m.* 1. O mesmo que galeria; arquibancada; camarote. 2. Vara colocada na forma horizontal onde aves pousam e dormem. “(...) E finalmente o PROGRESSO tanto tempo anunciado: Governo chega e governa o bairro descamisado: No **poleiro** oficial discursos honestizados. Torna a rua uma Avenida Exclusiva de acesso prum condomínio privado. (...)” (BAN – p. 102). LSDAE em FJ, FN, AB e EB. LSDAD em AH. LSND em HA. Var.: *torrinha*.

**PONCHE** *s.m.* 1. Suco natural; refresco. 2. Coquetel de frutas feito geralmente com álcool. “Cardápio Curioso: Apetite se quiser. Depois do Fantástico: Bife de domingo, servido com pão de sábado, roçado em graxa de segunda. Acompanha **ponche** de cajá.” (PB – p. 87). LSDAE em FJ, FN e HA. LSDAD em AH, AB e EB. NE<sup>1</sup>: Trata-se de um Arcaísmo. NE<sup>2</sup>: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com a primeira entrada.

**POPA** *s.f.* 1. Manifestação de insatisfação por algo. 2. Nádegas; Glúteo; Bunda. 3. Par de coices dado pelas cavalgaduras. 4. Pinote; Salto. “Aqui mesmo, nessa cabeça de pista, eu me encontrei com o presidente Castelo Branco, municiado de infantaria, e eu disse à queima-roupa: - Fala, Barraco de Carvão! Eu disse e disse dizendo. Só pra mode ver

Castelo dar aquela velha **popa**. (...)” (PB – p. 101). LSDAE em FJ. LSDAD em FN, HA, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**POR FINA FORÇA** *exp.* Forçadamente; aquilo que não é feito com naturalidade, mas sim por pressão. “Louco era se eu quisesse podar Roberto Carlos! Louco era se eu quisesse, **por fina força**, engordar uma bicicleta! (...)”. (BAN – p. 128). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *à viva força*; *à fina força*.

**POSSUÍDOS** *s.m.* As partes genitais. “Foi uma moça querendo se esquivar. De mostrar a caçola e os **possuído**” (BN – p. 81). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em EB. LSND em AB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do norte e nordeste do Brasil.

**PRA MODE** *prep.* Pelo motivo de. Por causa de. “Se escondeu num caminhão. **Pra mode** não ser detido” (BN – p. 117). LCPDAE em FJ, FN e HA. LCPND em AH, AB e EB. Var.: *pro mode*.

**PREGO BATIDO E PONTA VIRADA** *exp.* O mesmo que assunto encerrado; negócio feito e indissolúvel. “(...) Pra deixar o assunto bem falecido e sepultado, gastou 19 letras numa resposta bem dizer a **prego batido e ponta virada**: “TOINHO, SE QUISE VIR VENHA. SE NÃO QUISE, NÃO VENHA”. (BAN – p. 124). LTND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH.

**PRESEPADA** *s.f.* Comportamento inadequado, exagerado. Palhaçada. Bagunça. Travessura. “- Por que esse nome de Biu da Saia, Seu Severino? – Apelido de colégio, Seu João! **Presepada** dos meninos. Eu era muito preso à saia de mamãe; (...)” (BAN – p. 120). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo, EB como coloquialismo e AH como regionalismo do Brasil.

**PRIVANÇA** *s.f.* 1. Que ou quem é íntimo, familiar. 2. Estado de privado; não público. “(...) Eu quieto de boca em uva, esperando outras **privanças**. Que, segundo padre Alfredo, se assemelham com os céus.” (PB – p. 41). LSDAE em AH. LSDAD em AB. LSND em FJ, FN, HA e EB.

**PROSEIO** *s.m.* Conversa informal. Diálogo. “Num bar, não dava pra ver a feição do casal; estava de costas. (...) Pelo **proseio** ferrado e pelo encontro dos olhos varridos de perereco, eu matutava comigo: ... E eles dois não são casados.” (PB – p.92). LSND em FN, FJ, HA, AB, EB e AH. Cf. *converseiro*. NE: Trata-se de um Neologismo.

**PRU-QUI-PRU-LI PRU CULÁ** *exp.* Designa aquele ou aquilo que está sem rumo, sem destino certo, sem direção. “**Pru-qui-pru-li pru culá** se via Zé e Ditinha. **Pru-qui-pru-li pru culá** dando sombra no luar tava o cumpade Chepinha. (...)” (PM – p. 24). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH.

**PRUVIA** *exp.* Pela maneira. Pelo modo. “(...) Foi só asseveração. Mode provar bem-provado, que não existe **pruvia**, nem prumode, nem pros lado. Quando o front dos namorados forma o mapa da união.” (PB – p. 76). LCPDAE em FJ. LCPND em FN, HA, AB, EB e AH. NL: FJ registra *pru via*.

**PUDENDAS** *s.f.* Relativo ou pertencente aos órgãos genitais. “(...) Doutorzinho, esse danado me chamou de tanta coisa: de tampinha de iogurte, goiabinha palmeiron. Fez dos meus peitos fon-fon. Essas coisa asselvajada. Que de pensar me envergonho. Hoje eu ando entontecida. Tou com as **pudendas** doída... Afff, home sem vergonho!” (BAN – p. 110). LSDAE em EB e AH. LSND em FJ, FN, HA e AB.

**PUTANHAGEM** *s.f.* O mesmo que sacanagem; farra; zoeira. “Pois o infeliz do cumpade (...) quer comprar um trio elétrico pra **putanhagem** fora de época! Tudo isso a mando

daquela quenga, mandingueira do Abaeté! (...)” (PM – p. 11). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**PUTANHEIRO** *adj.* Diz-se daquele que frequenta prostíbulo; meretrício. “O cabôco pode ter todo defeito do mundo: ser assoprador de velas antes do parabéns. Aborteiro do amor. Cacundeiro de político. Pode ser desmancha-samba. Dizedor de palavrão. Pode ter vício, desvio: ser tomador de cachaça, **putanheiro**, maconheiro, vivaldino, fanfarrão (...)” (BN – p. 62). LSDAE em HA. LSND em FJ, FN, AB, EB e AH.

**PUTO** *adj.* O mesmo que irritado; indignado; furioso; chateado. “Quem chegou aqui de novo foi Zezim Encalombado, Bento Camisa-Preta, Zé Alfinim e Charuto. Mané Pequé ficou puto... A filha de Zoroasto só vem pra cá em agosto.” (PM – p. 54). LSDAE em HA, EB e AH. LSND em FJ, FN e AB.

**PUXA-ENCÓI** *exp.* 1. O mesmo que moído, dúvida, indecisão, vai e vem. 2. Mexerico; fuxico. “(...) Depois de muito **puxa-encói** sem querer ir, segue Seu Clóvis pros correios e, num giro de mão, chega com o clone do telegrama que enviou. (...)” (BAN – p. 123). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *puxincóe*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele empregado na primeira entrada.

# Q

**QUARADOR** *s.m.* Local arejado e ensolarado onde se coloca a roupa para quarar. “(...) Passam miunças de povo esbanjando poesia: um magote de Marias adornando um **quarador**. Passa, a passo de cavalo, um vaqueiro aboiador. (...)” (BAN – p. 82). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *quaradouro, coradouro, corador*. NL:AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo do Brasil.

**QUARAR** *v.* O mesmo que corar, clarear, geralmente, tecidos e roupas quando expostos ao sol. “(...) Saí com a alma lavada procurando onde **quarar**. O mundo cheim de moça ameaçando agarrar.” (PM – p. 48). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo do Brasil.

**QUARTUDA** *adj.* Diz-de da mulher que tem as nádegas volumosas; de bunda grande. “(...) Era um trovão de cabôca. Chega deu água na boca. Com a sustança dos cuscuz. Divisei essa Maroca. **Quartuda** e amaciada. Atoicinhada por fora, por dentro bem traquejada. (...)” (BAN – p. 86). LSDAE em FJ, FN e AH. LSND em HA, AB e EB. Var.: *ancuda*.

**QUEBRA-QUEIXO** *s.m.* Espécie de cocada não cristalizada. Doce feito com bastante coco e açúcar. “Assisti muito filme de Maciste mastigando **quebra-queixo**. Fui arrancador e Mourão e quase-tudo.” (PB – p. 30). LCPDAE em FJ, FN, HA e AH. LCPND em AB e EB. Var.: *doce americano*.

**QUEIXO CAÍDO** *exp.* Designa surpresa, admiração e/ou espanto. “Nos nossos recitais, percebo o beber lágrimas de um, o **queixo caído** de outro, um *ai Jesus!* aqui, um risadeiro acolá.” (PB – p. 19). LCXND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Encontramos a aceção deste verbete no dicionário informal de Língua Portuguesa.

**QUEM SE METE A REDENTOR TERMINA CRUCIFICADO** *exp.* Diz-se daquele que faz as coisas sem saber e acaba se dando mal. “(...) Ela te curou foi com teu dinheiro e, até hoje, tu tá comendo fiado e cagando juro! E tem uma coisa: traíra quando não tem o que comer, come os parente!!! Te orienta, rapaz, pois **quem se mete a redentor termina crucificado!** (PM – p. 12). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**QUENGA** *s.f.* Prostituta. Meretriz. Rapariga. Mulher da vida. “Da piranhagem das **quengas**. Do orvalho dos pomares. Do boa-noite dos lares. Da fofoca oficial.” (BN – p. 101). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Cf.: *Macheira, Messalina*.

**QUENGO** *s.m.* 1. Cabeça. Crânio. 2. Diz-se daquele que é muito inteligente; sábio. “De cerreja em cerrejinha, fui ficando embriagado, dizendo “S” molhado, com o **quengo** chei de quequéu” (BN – p.113). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**QUEQÉU** *s.m.* O mesmo que cachaça. Bebida alcoólica destilada. “Com o quengo chei de **quequéu**” (BN – p. 113). LSDAE em FN. LSND em HA, FJ, AH, AB e EB. NL: FN registra nessa lexia duas Variantes de Alagoas: *manjopina* e *pindaíba*.

**QUÉ-RÉ-QUÉ-QUÉ** *exp.* O mesmo que conversa mole; enrolação; mentiras; lorotas. “(...) Protegendo o monossílabo da dedada e beliscão. A cavalo na cacunda chega o dono da eleição. Faz boca de fechecler e nesse **qué-ré-qué-qué** vez por outra um foguetão. Com voz de vento encanado. Com o viva do babão. É só dizer que é mentira sua fama de

ladroão. Falar dos roubo do home, promete o fim da fome e tá ganha a eleição. (...) (PM – p. 28). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH.

**QUIZILENTO** *adj.* Diz-se daquele que causa quizila; conflituoso; implicativo. “(...) O nome de Baixa Verde é nobremente trocado por um nome aristocrata de cacife apadrinhado: Nãoseiuelando Laranja – ladravaz gabaritado. Pai do Dr. Larajinha, senadorzinho emproado. Analfa, arraia-miúda, arri-burrinho selado. Vexaminoso, pilantra sanguessuguento manjado. Rapinador, quizilento, **merdívor** e degenerado. (...)” (BAN – p. 103). LSDAE em AH. LSND em FJ, FN, HA, AB e EB. Var.: *enquizilado*.

# R

**RAFAMEIA** *s.f.* Gente de classe baixa. Povão. Mundiça. Ralé. “(...) E convidar a plateia: cinco filho em **rafameia** pra seção da pré-estreia de uma festa de São João.” (PB – p. 44). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil.

**RAMEIRA** *adj.* O mesmo que mulher da vida; prostituta; quenga; meretriz; vadia. “(...) Ele sorria e beijava. E ela de puta ria. Era revista **rameira**. Flor de lodo, messalina. Biscaia, franga, dadeira. Tolerada e pistoleira com semblante de felina. (...)” (BAN – p. 97). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. Cf.: *Macheira. Quenga, Messalina.*

**RAMO** *s.m.* 1. Enfermidade causada pela corrente de ar; paralisia facial. 2. Área de atuação profissional. 3. Parte de uma planta; de um vegetal. “Zezinho vacinador sofreu um **ramo**... Tá c’uma tronxura de boca que não assopra uma vela. Dizem que tá com um lado esquecido... Eu só tomara que não seja do lado da peixeira que me comprou e xexou.” (PM – p. 55). LSDAE em FJ e HA. LSDAD em AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *ramo de ar*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**RAPARIGA** *s.f.* Mulher que vive de prostituição. Concubina. Meretriz. “Laiga de mão esse diabo de trio elétrico! Enfia aquela **rapariga** embaixo da carreta e te levanta pra trabalhar porque missa e maré só se espera de pé! Quem acha besta não compra cavalo, e

tu já fosse achado, BESTA fela da puta duma figa!!!...” (PM – p. 13). Cf.: *rameira*. LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH.

**REBOLIÇO** *s.m.* Espécie de desordem; tumulto; alvoroço. “A multidão se empurrava com festa e **reboliço**” (BN – p. 118). LSDAE em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN, HA. NL: AH, AB e EB registram a Var.: *rebuliço*.

**RECA** *s.f.* O mesmo que cambada; grupo; turma. “(...) Passa um cabôco mestiço (...) Passa a mulher rechonchuda (...) Passa o tango dos perus (...) Passa a **reca** de cachorro na putice da cadela... (...)” (BAN – p. 83). LSDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH. Var.: *renca, requinha, patota*.

**REDONDEZA** *s.f.* 1. Lugares próximos, circunvizinhos 3. Qualidade de redondo, circular. “Há cercas nas **redondezas**. (...) Não há cercas nos frontais. Planetas, sóis e relâmpagos vagueiam de pirilampos nas curvas celestiais.” (PB – p. 94). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível àquele apresentado na primeira entrada.

**REMEDAR** *v.* Ato de imitar e/ou reproduzir. “A minha marca de ferro tem um maiúsculo de jota, coroadado de cumbuca e um “Q” **remedando** o sol do Nordeste clareado. Mas é ferro de gado (...)” (BAN – p. 15). LSDAE em FJ e AH. LSND em FN, HA, AB e EB. NL: AH registra a variante *arremedar*.

**REZADOR** *s.m.* O mesmo que benzedeiro; curandeiro. Aquele que profere palavras para afastar o mal. “(...) Toda casinha que passa, passa a fechar a tramela. Finalmente chega a noite exonerando o cenário. (...) A noite só tem visagem e, diga-se de passagem, na crença do **rezador**.” (BAN – p. 84). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Var.: *benzedeiro, benzedor*. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como regionalismo brasileiro.

**RIBA** *adv.* 1. Refere-se àquilo que está acima da superfície. O mesmo que em cima; por cima; no alto. 2. Pequena elevação nas laterais de um rio; ribanceira. “Pra se fazer um comício em tempo de eleição não carece de arrotei (...) aí é subir pra **riba** meia dúzia de corruto, quatro babão, cinco puta, uns oito capanga bruto e acunhar na promessa. E a pisadinha é essa: três promessa por minuto. (...)” (PM – p. 28). LSDAE em FJ, HA e EB. LSDAD em AB e AH. LSND em FN. NL: EB registra o verbete como um coloquialismo. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**RISADEIRO** *s.m.* É a união de várias pessoas dando risadas ao mesmo tempo. “Nos nossos recitais, percebo o beber lágrimas de um, o queixo caído de outro, um *ai Jesus!* aqui, um **risadeiro** acolá... (...)” (PB – p. 19). LSDAE em FJ e AH. LSND em FN, HA, AB e EB. NL<sup>1</sup>: AH registra o verbete como um regionalismo brasileiro. NL<sup>2</sup>: FJ apresenta as variantes: *risadagem* e *risadeira*; AH apresenta as variantes: *risadagem* e *risadaria*.

**RIXA** *s.f.* O mesmo que desentendimento, discórdia, discussão, contenda. “(...) O mesmo milagre te cure o ar torto; ar morto; ar quente; ar de arrenego; ar de projeto má votado; ar de riso e embromação; ar de toco e propina; ar de 20, 25, 30, 40%; ar de discurso safado; ar de bajulação; ar toma-lá-dá-cá; ar de desculpa maldada; ar de **rixa** e deduração; ar chegado à baitolagem; ar de reparigagem; ar de tapa e confusão (...)” (BAN – p. 127). LSDAE em AB, EB e AH. LSND em FJ, FN e HA. Var.: *arrancarabo*, *rolo*. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo.

**ROSCOFE** *s.m.* Relógio velho de pouca qualidade. “Meu **roscofe** dá as horas dos raiados da aurora” (BN – p. 101). LSDAE em FJ e AH. LSDAD em HA. LSND em FN, AB e EB.

# S

**SABENÇA** *s.f.* O mesmo que erudição, sabedoria, conhecimento. “No lugar que caxete é comprimido tem coisa de se dizer benzó-Deus! Da **sabença** de tantos Zebedeus ao rinchar dum jumento intumescido. Cangapé dum moloque mal-ouvido ou história dos que não têm história. (...)” (PM – p. 19). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e AB. NL: AH registra a lexia como uso informal.

**SAÇARICADO** *adj.* O mesmo que folgado, agitado, assanhado. “(...) As bichas tudo a mostrar. As polpa glútea rosada. Mulher de toda fachada. Pra todo gosto e função. Pra mulherança das fêmea. Eu pronto e **saçaricado**, sem detença e atirado parti pra xumbregação. (...)” (PM – p. 48). LSDAE em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil de uso informal.

**SARAPATEL** *s.m.* 1. O mesmo que confusão, algazarra. 2. Comida típica do Nordeste feita com miúdos de porco. “(...) Diante dessa zoada foi grande o **sarapatel**. Grito de louvado seja, beata puxando reza de alpercata pro céu. (...)” (PM – p. 33). LSDAE em HA e AH. LSDAD em FJ, AB e EB. LSND em FN. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**SEMOSTRADEIRA** *adj.* Diz-se de que ou quem que é exibida; extrovertida em demasia; que gosta de chamar atenção, de se amostrar. “Eu não sei na de vocês, mas, em minha opinião, a poesia tem que ter um jeito brejeiro, cuidadoso e ritmado. Pode ser fina (de óculos) e também pode ser grossa, grossona, astuta e **semostradeira**. (...)” (PB – p.

51). LSDAE em HA e AH. LSND em FN, FJ, AB e EB. Cf.: *amostrar-se*. NL: AH registra o verbete como um regionalismo brasileiro.

**SEM-VERGONHENTO** *adj.* Sujeito sem pudor; descarado. Que ou aquele que não tem vergonha. “(...) Como é que pode um cabra **sem-vergonhento** derrubar um pé de jambo pra fazer um apartamento.” (PB – p. 50). LCPDAE em FN, HA e AH. LCPND em FJ, AB e EB. Var.: *sem-vergonho*, *sem-vergonha*.

**SERENO** *s.m.* O mesmo que orvalho; crepúsculo; ar livre à noite. “(...) Levar **sereno** num terreiro bem enluarado. É pinicado de chuvisco no chão pinicando. Ficar bestando c’um inverno bem arrelampado. É um recado da cabocla um beijo mandando. Tá namorando a cabocla do recado. (...)” (PM – p. 121). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo do Brasil.

**SOBEJO** *s.m.* 1. O mesmo que saliva; baba. 2. Aquilo que sobra; o restante. “A reza é tagarelada de boca toda (...) Primeiro, cada rezadeira faz um banho para lavagem da rampa e dos batente: 9 pimenta malagueta, 3 dedo de amoníaco (...) **sobejo** do cafezinho dum deputado risão, água de colônia da boa e dois dedo de cachaça (...)” (BAN – p. 125). LSDAD em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde àquele apresentado na primeira entrada.

**SOLETRADA** *adj.* Diz-se daquela que é alfabetizada, inteligente, letrada; que sabe ler e escrever. “(...) Sou mais eu que Zézim Galalu: casou com Ciça Gaeira – a miss Barreira Nova – bonita e **soletrada**. Mas casar com mulher miss, é feito morar em fronteira, precisa tá sempre alerta. Galalau abestalhó-se, vem suportando uma gáia tão vistosa e amuada que já passa dos dez ano que faz árvore de natal. (...)” (BAN – p. 75). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Essa lexia trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**SORTIMENTO** *s.m.* O mesmo que grande quantidade; abundância. “É bodega sortida cor de giz. **Sortimento** surtindo grande efeito. Meia dúzia de frascos de confeito. Carrossel de açúcar dos guris. (...)” (PM – p. 22). LSDAE em HA, AB, EB e AH. LSND em FJ e FN.

**SOVACO** *s.m.* O mesmo que axilas. “(...) Tudo nela era bonito feito o açude do mundo. Zero tiquinho de banha na almofada da costela. O pescoço era uma ilha rodeada de donzela. Devastava de gillete: mocotó, perna, **sovaco**, entrepernas... (...)” (BAN – p. 89). LSDAE em FJ, AB, EB e AH. LSND em FN e HA. Var.: *sobaco*. NL: EB registra a lexia como coloquialismo e AH como uso informal.

**SURRUIPIAR** *v.* Afanar. Furtar. Roubar. “Por ali **surrupiar**. Parando de quando em quando. Por tudo quanto é roçado” (BN – p. 26). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. Var.: *surripiar*.

**SUSPIRAÇÃO** *s.f.* É o ato de respirar. Respiração forte e ruidosa. “Foi me dando uma gastura. Me faltou **suspiração**. Fiquei todo escabriado. Sulerou o coração. (...)” (PB – p. 31). LSDAE em FJ, FN e HA. LSND em AB, EB e AH.

**SUSTANÇA** *s.f.* Força. Saúde. Vigor. “Eu quero trocar meu nome prum nome mais verdadeiro, pois Nuca de Zebedeu não tem **sustança** nem cheiro” (BN – p. 48). LSDAE em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NL: AH, AB e EB registram a Var.: *sustância*.

# T

**TABACUDO** *adj.* 1. Diz-se daquele que tem comportamento babaca; sem noção; leso. 2. Aquele que é corajoso, destemido. “Um locutor **tabacudo** de converseiro comprido. Uns alto-falante rouco que espalhe o alarido. Microfone com flanela ou vermelha ou amarela conforme a cor do partido.” (PM – p. 27). LSDAE em FN, HA, AB e AH. LSDAD em FJ. LSND em EB. Cf.: *alesado, abestalhado, besta*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com àquele empregado na primeira entrada.

**TABEFE** *s.m.* O mesmo que porrada; soco; tapa. “O noivo tinha levado um tabefe que ó a roncha! Casa não casa. Casa não casa. Ora não casa... CASA! Vestindo preto graúna. Sem achar graça em desgraça, chegou no altar sangrando (...)” (PM – p. 67). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. Cf.: *bofete*.

**TABULEIRO** *s.m.* 1. Tábua com pequenos orifícios em que se coloca pirulitos. 2. Terra batida; sem vegetação. 3. Terrenos arenosos; planos. 4. Quadro subdividido em que se joga xadrez e dama; 5. Tipo de mesa em que os feirantes expõe suas mercadorias. 6. Soalho de carro, carroças; mesas. “(...) Mas nem música nem zoadá, nem maçã caramelada. Nem pipoqueiro nem floreiro. Nem bombom no **tabuleiro**. Nem ingresso, nem sucessos. Nem pirulitos de mel... (...)” (PB – p. 23). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *taboleiro*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**TACOS** *s.m.* 1. Fração de algo; porção; bocado; pedaços. 2. Pau com que se toca a bola em alguns esportes. “Cardápio Curioso: Apetite se quiser. Depois do palito com água:

Rapadura aos **tacos** e suco de torneira aos goles.” (PB – p. 87). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em AB e EB. NL: AH registra o verbete como um regionalismo do Nordeste brasileiro. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia refere-se àquele empregado na primeira entrada.

**TAMBORETE** *s.m.* Banco de madeira sem encosto e braços. “Instituir a Sobrada Parlamentar – que consiste em arrancar uma perna do **tamborete** toda vez que o cabôco disser besteira na tribuna” (BN – p. 128). LSDAE em FJ, HA, AH, AB e EB. LSDAD em FN. NE: A lexia é usada de forma pejorativa para designar pessoas de baixa estatura, a exemplo da Var.: *tamborete de forró*.

**TAQUARIÇO** *adj.* Diz-se daquele que é muito magro; magricelo. “(...) Passa um cabrito mamando com rabo em ventilador. Um leite saborizado no balde do tirador. Um espiche de magreza de um matuto **taquariço**. Passa um cabôco mestiço (...)” (BAN – p. 83). LSDAE em AH. LSND em FJ, FJ, HA, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**TIBUNGAR** *v.* Ato de mergulhar. “Tibungão Cultural: Pra **tibungar** na cultura , pule na piscina de vinte e cinco mil livros da Biblioteca de José Mindlin. Cabôco tibungador” (BN – p. 130). LSDAE em FN, FJ, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra como regionalismo do nordeste do Brasil.

**TERREIRO** *s.m.* Pequeno quintal de residências da zona rural. “Se eu traquejasse na Índia diria: “Xô, elefante, vai trombar noutro **terreiro!**!” (BN – p. 60). LSDAE em FJ, AH e EB. LSND em FN, HA e AB. NL: AH registra como um regionalismo do Brasil.

**TINHOSO** *adj.* 1. Diz daquele que é chato, irritante; que provoca repugnância. 2. O mesmo que diabo. “Mais safado que o prefeito era o seu eleitorado. Politiqueiro, **tinhoso**, beato e camumbembado. Vinha tudo de bandeja dizendo – Louvado seja! Pro rosário apitombado. (...)” (PM – p.31). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL:

AH registra como um regionalismo brasileiro. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**TIRA-GOSTO** *s.m.* Aperitivos. Petiscos. Comidas que acompanham certas bebidas. “Caso tenha sido encontrado e, se caiu no fisco um peixe de bom achado, pedimos a caridade de trazê-lo em **tira-gosto**, com seis cervejas e um copo. Gratificamos com um adeusinho pro anzol e nosso muito obrigado.” (PB – p. 105). LCPDAE em EB e AH. LCPND em FJ, FN, HA e AB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**TOSTÃO** *s.m.* Dinheiro. Quantia em dinheiro (in)definida. Antiga moeda brasileira. “Meu sítio tava quebrado. Eu sem **tostão** para tocar. Pedia quinze mil conto mode o sítio me livrar” (BN – p. 82). LSDAE em AH, AB e EB. LSDAD em FJ e FN. LSND em HA. NE: Trata-se de um diacronismo na época em que se utilizava moeda de níquel no Brasil, um tostão era equivalente a cem réis. Portanto, configura-se como um Arcaísmo.

**TRAMELA** *s.f.* Pequena tábua de madeira que serve para fechar portas, janelas e porteiras. “Fazendo esgrima com cadeiras, bancas e **tramelas**” (BN – p. 21). Var.: *taramela*. LSDAE em FJ, FN, HA e EB. LSDAD em AH. LSND em AB.

**TRAQUEJAR** *v.* 1. Conhecer. Saber. Desenvolver. 2. Fazer uso de certas habilidades para conquistar uma mulher. 3. Correr atrás de; perseguir. “O filho de Seu Quirino **traqueja** um palavreado que é ver um papel de bodega embrulhando rapa-coco, bibelô e seda pura. É poesia que puxa o cabra pra dentro feito um funil destampado. (...)” (PB – p. 51). LSDAE em FJ e AB. LSDAD em HA e AH. LSND em FN e EB. NL: AB registra o verbete como um Brasileirismo. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**TREPEÇA** *s.f.* Pessoa de má índole; sem classe. “(...) Esse sujeito tava aqui, abraçado com aquela **trepeça** de esposa, esticada que só corda de cavaquinho, nociva que só

jararaca ao molho pardo (...)” (PB – p. 45). LSDAE em FJ. LSND em FN, HA, AB, EB e AH.

**TRISCAR** *v.* Roçar levemente. Encostar. Tocar. “(...) Eis que, ao revés do sossego, um **trisco** de não sei quê. Talvez um voo diminutivo de um inocente tizio... Assusta o passo da rês que chispa desbandeirada. (...)” (PB – p. 38). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

**TRISTE DO RATO QUE NÃO CONHECE MAIS UM BURACO** *exp.* Diz-se daquele que não sabe o que está fazendo; está sem rumo; sem direção. “(...) Eu, que não tenho papa na língua, tomei o fôlego dele e disse-lhe: Laiga de ser desleirado, mofino duma figa!!!! Procura teu lugar, rapaz! **Triste do rato que não conhece mais um buraco!**... Tu, rapaz... um homem véi das mãos de gengibre, mais barbado do que D. Pedro Segundo, não tem vergonha nessa cara de cachimbo cru? (...)” (PM – p. 11). LTDAE em FJ. LTND em FN, HA, AB, EB e AH.

**TROMBUDO** *adj.* O mesmo que carrancudo; aborrecido; cara fechada; mal humorado. “(...) Aí fiquemo **trombudo**, troquemo doze bufete. Depois joguemo confete e findemo o bafafá. (...)” (PM – p. 61). LSDAE em FJ, HA, AB e AH. LSND em FN e EB.

**TRONCHUDO** *adj.* Diz-se de pessoa que tem membros fortes; que é robusto. “Era um sujeito **tronchudo**, furdunheiro e amuado. Cu-cagado de pessoa. Era aquela coisa-à-toa (...)” (BAN – p. 95). LSDAE em HA e AH. LSND em FJ, FN, AB e EB. Var.: *troncudo*.

**TRUPICÃO** *s.m.* Ato de tropeçar batendo os dedos em algo. Tropeço. “(...) Encostado ao lado do balcão, um caneiro embicando uma lapada, passa as costas da mão pelas beicadas, se apruma e sai dando **trupicão**. (...)” (PM – p. 23). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Var.: *tropicão, entropicão*.

# U

**URÊA** *s.f.* Orelha. Parte externa do ouvido. Órgão da audição; ouvido. “encheu o bolso da camisa de terra e ralou a **urêa** no chão” (BN – p.40). LSND em FJ, FN, HA, AH, AB e EB. NL: AH, AB e EB registram “*orelha*”. NE: Trata-se de uma corruptela da palavra “*orelha*”.

**URUPEMA** *s.f.* Espécie de peneira confeccionada com fibra vegetal. “Se espalha uma colcha de mangalho: É cabresto, é cangalha e é peixeira. **Urupema**, pilão, desnatadeira, candeeiro, cabaço e armador. Enxadeco, fueiro e amolador. Alpercata, chicote e landuá. Arataca, bisaco e alguidar. Pé-de-cabra, chocalho e dobradiça. Se olhar duma vez dá uma doidiça que é capaz do matuto se endoidar.” (PM – p. 21). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *urupemba*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Norte e Nordeste do Brasil.

# V

**VEANÇA** *s.f.* O mesmo que velhice; vestutez. “(...) Como o cumpade já sabe, nós tamo aqui festejando os cem anos de **veança** de tua idade natá. (...)” (BAN – p. 19). LSND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: Trata-se de um Neologismo criado pelo autor.

**VENTAS** *s.f.* O conjunto das duas narinas; o nariz. “... Eis que o fôlego das **ventas** de exaustão redobrada, acalma o povão dos bois, alenta toda a boiada. E a procissão segue lorde, como se fosse uma ordem da força hercúlea do nada.” (PB – p. 39). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: EB registra o verbete como um coloquialismo e AH como uso informal.

**VEXAME** *s.m.* 1. O mesmo que pressa; urgência. 2. Tudo aquilo que causa constrangimento e/ou vergonha; vexação. “(...) Mas pra que tanto **vexame**! Já tá torrado o café! DANOU-SE!!! FORO SIMBORA!!! Eu nem pude fazer sala tou viúvo de mulher. (...)” (PM – p. 70). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSDAD em AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com o apresentado na primeira entrada.

**VISAGEM** *s.f.* O mesmo que assombração; fantasma. Aparição sobrenatural. “(...) Toda casinha que passa, passa a fechar a tramela. Finalmente chega a noite exonerando o cenário. (...) A noite só tem **visagem** e, diga-se de passagem, na crença do rezador.” (BAN – p. 84). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como um regionalismo do Brasil.

**VORAGEM** *s.m.* Risco. Perigo. “Com graça, luz e perfume. Sem **voragem** de ciúme. Sem desfavor, sem pecado” (BN – p. 33). LSDAD em AH, AB e EB. LSND em FJ, FN e HA.

**VOSMICÊ** *pron.* Forma pronominal que corresponde a segunda pessoa do singular. “Cumpade véi, eu vou dizer uma coisa a **vosmicê**: quando o cabra tá de azar (...)” (PB – p. 45). LSDAE em AB e AH. LSND em FN, FJ, HA e EB. Var.: *vossemecê*. NL: AB registra como um Brasileirismo. NE: Trata-se de um Arcaísmo que foi substituído por “você”.

**VOTE** *interj.* Expressão de exclamação, utilizada em situações de surpresa, repulsa, susto, raiva. “(...) A noiva uma bichona xarope de cara feia enguiçada. Era um cotoco de bunda. Aquela coisona igual qual linguíça degolada... E os convidados dizendo: Credo! Virge! Onche! Deus o live! **Vote!** Varei-te! Pense numa coisa errada!” (PM – p. 67). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. NL: AH registra a lexia como um regionalismo do Brasil.

**VOU CHEGAR** *exp.* Explicita o desejo de alguém querer ir embora. “No mais, eu **vou chegando**, porque é como diz o matuto: É melhor andança que filosofança.” (PB – p. 51). LCXDAE em FJ. LCXND em FN, HA, AB, EB e AH.

# X

**XELELÉU** *adj.* 1. Diz-se de um indivíduo bajulador que faz tudo o que o seu chefe, político ou poderoso desejam. 2. Coisa ou pessoa sem importância, sem valor. “Phoda é você ver um peidólatra ordinário no comando. Com desporte de arma pobre-diabando os pobres. Como se fosse João Ninguéns. Por ser filho de uma puta apagada. Esta espécie de **xeleléu** aduloso que renega a própria mãe (...)” (PM – p. 109). LSDAE em FJ, HA e AH. LSDAD em FN. LSND em AB e EB. Cf.: *babão*. Var.: *puxa-saco, cafofa, banhista*. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia é compatível com aquele apresentado na primeira entrada.

**XEXAR** *v.* O mesmo que calotear; velhacar. “Zezinho vacinador sofreu um ramo...Tá c’uma tronxura de boca que não assopra uma vela. Dizem que tá com um lado esquecido... Eu só tomara que não seja do lado da peixeira que me comprou e **xexou**.” (PM – p. 55). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB.

**XEXEIRO** *adj.* Diz-se de quem é desonesto; caloteiro. Característica de quem não paga o que deve. “(...) passou dez dias emprestando dinheiro a **xexeiro** do PMDB” (BN – p. 111). LSDAE em FJ, FN HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *seixeiro* e *checheiro*. NL: AH registra como um regionalismo do Nordeste do Brasil.

**XIBIU** *s.m.* Órgão genital feminino. Vulva. “E ela é das papagaiada que só usa vestido rabo-de-vaca que só cobre mesmo o **xibiu**!” (BN – p. 51). LSDAE em FJ, FN HA, AH e EB. LSND em AB. NL: AH registra a variante *xibio*.

**XODÓ** *s.f.m.* O mesmo que chamego, afeto, namoro, carinho. “Na cabeceira da cama dois brincos recém-tirados. Dois brilhos fundos nos olhos e um **xodó** bem começado. (...)” (BAN – p. 91). LSDAE em FJ, HA, AB, EB e AH. LSND em FN. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como regionalismo do Brasil.

**XUMBREGAÇÃO** *s.f.* Ato de namorar sem compromisso; transar; copular. “(...) As bichas tudo a mostrar. As polpa glútea rosada. Mulher de toda fachada. Pra todo gosto e função. Pra mulherança das fêmea. Eu pronto e saçaricado, sem detença e atirado parti pra **xumbregação**. (...)” (PM – p. 48). LSDAE em FJ, FN, HA e AH. LSND em AB e EB. Var.: *chumbregação, xumbergação, xambregação*. NL: AH registra a lexia como um regionalismo brasileiro.

# Z

**ZABUMBEIRO** *s.m.* 1. Tocador de zabumba. 2. Bisbilhoteiro. Fofoqueiro. “Sentar num banco afundado. Com toda a casa em silêncio. E abraçar, de caçoada, o caldeirão da canjica. Assim feito um **zabumbeiro** acalentando um baião.” (PB – p. 44). LSDAE em FJ, FN e AH. LSND em HA, AB e EB. NE: De acordo com a abonação, o significado da lexia corresponde ao da primeira entrada.

**ZAMBETA** *adj.* Pessoa que tem as pernas tronchas, curvadas pra fora. A filha de Zoroastro (...) tinha o zói arregalado. Boca funda e orelhão. Viciadinha em cachaça, em carta, bingo e gamão. **Zambeta**, manca e corcunda e um mapa-múndi de bunda que nem bala de canhão... (...)” (PM – p. 86). LSDAE em FJ, HA e AH. LSND em FN, AB e EB. Cf.: *cangalha*. Var.: *cambeta*, *cambota*.

**ZERO-CABAÇO** *s.m.* Diz-se daquilo que é novo, que não foi usado e/ou aberto, violado ainda. “Mode se obter um milagre bem milagrado e verdadeiro, o puxador da reza deve ter FÉ num partido defunto, porém, **zero-cabaço** de pebice e ladroagem. (...)” (BAN – p. 125). LCPND em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. NE: O dicionário informal de Língua Portuguesa registra a variante *zero-bala* para esta lexia.

**ZINGUE-ZAGAR** *v.* Barulho emitido pela libélula zigue-zague. “E lá vem um zigue-zague (...) **zigue-zaga** por ali” (BN – p. 86). LCPND em FJ, FL, HA, AH, AB e EB. NE: Trata-se de um Neologismo oriundo da palavra “zigue-zague”.

**ZONA** *s.f.* O mesmo que prostíbulo; meretrício; cabaré. “Cá entre nós, eu sou um homem de vogal, de consoante e de palavra. Prometi poemas novos e novos aqui estão. Às vezes simples e românticos feito namoro de pedestre, namorico de portão, outras vezes são alegres – um papagaio na chuva – e às vezes marginal feito puta desertora: nem a sociedade aceita nem a **zona** quer de volta. (...)” (BAN – p. 11). LSDAE em FJ, FN, HA, AB, EB e AH. Var.: *putal*. NL: AB registra a lexia como um Brasileirismo e AH como regionalismo do Brasil.

#### 4. ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo tratamos da análise dos resultados dos dados levantados sobre o léxico regional-popular nas obras “*Prosa Morena*” (2005), “*Bandeira Nordestina*” (2006), “*Berro Novo*” (2009) e “*Papel de Bodega*” (20013) do escritor paraibano Jessier Quirino. É válido salientar, que todas as obras literárias mencionadas constituem o objeto desta pesquisa.

Durante a realização deste estudo, a relação indissociável existente entre língua, cultura e sociedade destacou-se, visto que ficou extensivamente notório o elo estreito que há entre elas. Com vista ao objetivo central desta pesquisa, elaboramos um glossário léxico-semântico, cuja construção foi guiada à luz dos pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, numa perspectiva geo-sócio-etnolinguística.

Nessa direção, é possível afirmar, com base nos estudos realizados, que o léxico é algo vivo, está em constante mutação e renovação. Assim sendo, as 400 lexias analisadas neste trabalho nos permitem conhecer e compreender melhor a riqueza vocabular da região do Nordeste brasileiro, bem como de sua cultura, de sua gente.

Neste prisma, construir um glossário do léxico regional-popular de obras literárias de um escritor paraibano nos permitiu identificar e (re)conhecer os aspectos de um universo linguístico próprio, ou seja, o da literatura regional-popular, que é também, neste caso em específico, a linguagem nordestina, sertaneja, matuta, interiorana.

Para a realização desta pesquisa e elaboração do glossário, o qual é o resultado deste estudo, realizamos, inicialmente, uma leitura aprofundada do *corpus*; posteriormente, analisamos de forma cuidadosa os fatores sociolinguísticos, culturais e regionais das lexias selecionadas, fizemos isso à luz dos constructos teóricos da Dialetoлогия, Sociolinguística e Etnolinguística. Quanto à consulta das acepções das lexias-entradas, consultamo-las em dicionário de linguagem regional, como também consultamos naqueles cujos registros estão na norma padrão, os chamados dicionários gerais da Língua Portuguesa.

É válido salientar que levamos em consideração algumas características para a classificação da lexia enquanto: neologismo, arcaísmo e aquelas que caracterizavam o universo regional/popular. Dentre os critérios adotados, utilizamos:

- Se determinada lexia não estivesse dicionarizada nos dicionários, os regionais e os gerais, e se esta lexia fosse derivada de uma palavra já existente na língua, esta lexia enquadra-se, portanto, àquilo que concebemos como neologismo.
- Se dada lexia-entrada estiver registrada nos dicionários, regionais e/ou gerais, mas se seu uso não for corrente, ou até mesmo estiver caído em desuso, isto é, as pessoas não a utilizam mais, concebemo-las, então, como um arcaísmo.
- Já às lexias de uso corrente e que constituem o universo regional/popular, levamos em consideração sua dicionarização nos dicionários regionais e/ou gerais.

É importante ressaltar, que as lexias-entradas que são classificadas como neologismos ou arcaísmos apresentam notas enciclopédicas e/ou linguísticas. Adotamos esse procedimento como uma forma de facilitar a identificação de tais lexias ao consulente. Já as lexias-entradas que constituem o universo regional/popular e são de uso corrente, algumas possuem notas linguísticas no glossário, trazemo-las quando as obras dicionarísticas apresentavam informações relevantes à entrada, tais como: Lexia de uso informal; Brasileirismo; Regionalismo do Brasil ou Regionalismo do Nordeste Brasileiro e Coloquialismo.

Na tabela abaixo, trazemos os dados quantificadores das lexias identificadas como neologismos, arcaísmos e aquelas de uso corrente que se enquadram no universo regional/popular:

Tabela 3: Tabela de análise das lexias

<b>Neologismos</b>	<b>Arcaísmos</b>	<b>Lexias do universo regional/popular de uso corrente na língua</b>
<b>22</b>	<b>16</b>	<b>362</b>

Fonte: Elaborada pela autora

É pertinente, ainda, apresentar o outro critério que adotamos para a construção do nosso glossário léxico-semântico: categorizar as lexias em polissêmicas ou sinonímicas. Para tal, aprofundamo-nos no arcabouço teórico da Semântica. E, por fim, organizamos as lexias no glossário da seguinte forma:

- As lexias que apresentavam mais de uma acepção, classificamo-las como polissêmicas.
- As lexias que traziam apenas uma acepção, definimo-las como sinonímicas.

Para facilitar a compreensão do consulente, organizamos tais informações desta maneira: enumeramos as lexias-entradas polissêmicas, resguardando a primeira entrada àquela que condizia com a abonação, além disso, trouxemos nas notas enciclopédicas a informação de que a primeira entrada faz correspondência ao sentido da abonação. Já as lexias-entradas sinonímicas não enumeramo-las, pois o fato de trazer apenas uma acepção já indica suficientemente que a lexia se trata de um sinônimo, não de uma polissemia.

Na tabela abaixo apresentamos a quantidade de lexias polissêmicas e sinonímicas encontradas nas obras literárias que compõem o *corpus* do nosso estudo:

Tabela 4: Análise das lexias em polissêmicas e sinonímicas

<b>Lexias polissêmicas</b>	<b>Lexias sinonímicas</b>
<b>85</b>	<b>315</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Outro dado muito importante a ser apresentado é a distribuição das lexias quanto a sua classificação em: simples, composta, complexa ou textual. No primeiro capítulo deste trabalho apresentamos a teoria de classificação das lexias de Pottier (1972) e aplicamo-la como um dos critérios para a construção do glossário, resultado de nossa pesquisa. E os números levantados foram estes:

Tabela 5: Análise das 400 lexias em: simples, composta, complexa e textual

<i>Prosa Morena</i>	<i>Bandeira Nordestina</i>	<i>Berro Novo</i>	<b>Papel de Bodega</b>	<b>Total</b>
<b>LS: 79</b>	<b>LS: 80</b>	<b>LS: 92</b>	<b>LS: 80</b>	<b>LS: 331</b>
<b>LCP: 2</b>	<b>LCP: 4</b>	<b>LCP: 3</b>	<b>LCP: 9</b>	<b>LCP: 18</b>
<b>LCX: 10</b>	<b>LCX: 15</b>	<b>LCX: 5</b>	<b>LCX: 11</b>	<b>LCX: 41</b>
<b>LT: 9</b>	<b>LT: 1</b>	<b>LT: 0</b>	<b>LT: 0</b>	<b>LT: 10</b>
<b>Total: 100</b>	<b>Total: 100</b>	<b>Total: 100</b>	<b>Total: 100</b>	<b>Total: 400</b>

Fonte: Elaborada pela autora

Como podemos observar, há uma ocorrência maior das lexias simples, em segundo lugar aparecem as lexias complexas, depois as lexias compostas e por fim, as lexias textuais. Por lexias simples entendemos aquelas que são formadas por um só radical, já as lexias compostas resultam da combinação de duas ou mais lexias simples, essa combinação pode se dá por aglutinação ou justaposição. Quanto às lexias complexas, estas constituem, juntamente com as lexias textuais, o grupo que Pottier (1972) classifica como polilexemática, ou seja, trata-se das lexias que são formadas por duas ou mais lexias (simples ou compostas), é importante destacar que é no nível semântico que a diferença entre lexias compostas e lexias complexas torna-se mais evidente, uma vez que a realização semântica está atrelada à estrutura do significante. Quanto às lexias textuais, compreendemo-las como aquelas que se apresentam como construções fixas, provérbios ou frases feitas.

Como forma de ilustração, vamos apresentar alguns exemplos:

- *Xeleléu* – trata-se de um adjetivo, referindo-se àquele que é bajulador, puxa-saco. É formado por um só radical, constituindo-se, assim, àquilo que entendemos por lexia simples;
- *Quebra-queixo* – refere-se a um doce típico do Nordeste. Trata-se de um substantivo masculino, formado por justaposição, configurando-se ao que compreendemos como lexia composta;
- *Pegar o beco* – É uma expressão, cujo significado é correr, fugir e/ou sair apressadamente. Caracterizando-se, dessa forma, como uma lexia complexa.

- *Missa e maré se esperam de pé* – trata-se de um ditado popular, uma frase feita. Significa aquilo que é óbvio, incontestável, irrefutável. Constituindo-se, portanto, enquanto uma lexia textual.

Por fim, inferimos que no *corpus* analisado foi possível identificarmos dentro daquilo que depreendemos como linguagem regional/popular: neologismos, arcaísmos e expressões nordestinas de uso corrente na língua. Com isso, constatamos que uma pesquisa deste teor contribui para a preservação dos falares regionais, como também atesta a riqueza cultural do Nordeste brasileiro, além de enaltecer a escrita literária de escritores regionalistas como Jessier Quirino. Tornando, dessa maneira, esse tipo de linguagem, ainda pouco estudada, reconhecida não somente no meio acadêmico, mas na sociedade em geral.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sabido que a língua compreende um conjunto de signos estreitamente vinculados ao processo das relações sociais, compreendendo, ainda, um conjunto de variedades que resultam de tais relações. Assim sendo, podemos afirmar que a língua é um dos atalhos que garante a constituição da cultura de uma comunidade de fala. Isso por que, como já mostramos neste estudo, língua, sociedade e cultura mantêm uma relação eminentemente estreita, sendo assim indissociáveis.

Nesse viés, podemos afirmar que o estudo que desenvolvemos tendo como *corpus* quatro obras do escritor regionalista Jessier Quirino, a saber: *Prosa Morena* (2005), *Bandeira Nordestina* (2006), *Berro Novo* (2009) e *Papel de Bodega* (2013), permitiu-nos conhecer melhor a funcionalidade da língua falada, as nuances da literatura regional-popular, bem como os falares típicos do sertão paraibano que o autor busca dá ênfase.

Desta forma, esta dissertação apresenta uma pesquisa do falar regional nordestino na literatura popular brasileira. A escolha das obras literárias de Jessier Quirino se deve à linguagem regional-popular que o autor faz questão de enfatizar. Sua escrita apresenta notoriamente a linguagem cotidiana do Nordeste, como também dos valores culturais e sociais da comunidade nordestina. Quirino apresenta em sua poética, com leveza e autenticidade, o linguajar sertanejo permeado de arcaísmos e neologismos, conferindo, assim, à sua obra um caráter não somente regional, mas, sobretudo, sociocultural.

Nessa direção, podemos então declarar que nosso estudo concretizou-se por meio de uma análise léxico-semântica, da qual resultou um glossário com 400 lexias extraídas das obras literárias que constituem o *corpus* desta pesquisa. É válido salientar, ainda, que durante a análise propusemos investigar as expressões tipicamente nordestinas, com ênfase no léxico e nas suas variações. Para tal, pautamos nosso estudo em abordagens linguísticas, mais especificamente nos estudos da Lexicologia, Lexicografia e Semântica. Buscamos, ainda, adequar os estudos linguísticos às abordagens regional, cultural e social, levando em consideração a relação existente entre a tríade: língua, cultura e sociedade. Para isso, detivemos nossa atenção nas áreas que buscam investigar tal relação, a saber: a Dialectologia, a Sociolinguística e a Etnolinguística.

De forma sumária podemos elencar o que se apresentou nos quatro capítulos desta pesquisa da seguinte forma:

- No primeiro capítulo – apresentamos a fundamentação teórica, tecemos algumas considerações acerca do léxico e das suas ciências, como também da Dialetoologia, Sociolinguística e Etnolinguística.
- No segundo capítulo – foram apresentados os procedimentos metodológicos da pesquisa; a descrição de como o trabalho foi elaborado; as considerações sobre o autor e as suas obras; além disso, apresentamos as estruturas utilizadas na construção do glossário: a microestrutura e a macroestrutura.
- No terceiro capítulo – temos o glossário léxico-semântico da linguagem regional/popular de Jessier Quirino.
- No quarto e último capítulo – apresentamos a análise dos resultados da pesquisa. Neste capítulo expusemos 400 lexias que compõem o objeto de nossa pesquisa; bem como, apresentamos os critérios utilizados para classificação: neologismos, arcaísmos e expressões tipicamente nordestinas.

Acreditamos que uma pesquisa construída nestes moldes é de grande relevância para os estudos de natureza linguística, especialmente daqueles que tratam da linguagem regional. Uma vez que consegue “fotografar” a língua em seu estado “hoje” e “agora”, oportunizando, dessa forma, às gerações futuras, à sociedade em geral, bem como aos pesquisadores e aos estudiosos da área o contato com um rico acervo linguístico e cultural.

Face ao exposto, almejamos que esta pesquisa seja propulsora de muitos outros estudos, abrindo, assim, margens às novas pesquisas. E por fim, intentamos que os resultados apresentados nesta dissertação cumpram o seu papel de divulgar a linguagem regional-popular de um escritor regionalista ainda pouco explorado na área linguística.

## REFERÊNCIAS

ABBADE, C.M.S. A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais. **Cadernos do CNLF**, vol. XV n.5. T.2. Rio de Janeiro: CEFIL, 2011. P. 1332-1343. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xv\\_cnlftomo\\_2/105.Rdf](http://www.filologia.org.br/xv_cnlftomo_2/105.Rdf)

Acesso em 29 de set.2018.

ALMEIDA, E. M. O. **Atlas Linguístico da Mata Sul de Pernambuco** (ALMASPE). João Pessoa, 2009. 151 p. Dissertação (Mestrado em letras) – Universidade Federal da Paraíba- UFPB.

Acesso em: 20/03/2019

Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/6307/1/arquivototal.pdf>

ANDRADE, M. M. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. IN: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (orgs.) **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, P.191—198.

ANTUNES, I. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. **Língua, texto e ensino** – outra escola possível. São Paulo: Parábola, 2009.

ARAGÃO, M.S.S. Anotações de aulas da Disciplina Léxico Literário, Regional e Popular, ministrada no Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. João Pessoa, 2017.

\_\_\_\_\_. O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos. In: Simpósio: TRADIÇÃO ORAL, LITERATURA POPULAR, DISCURSO ETNO. LITERÁRIO. 57. Reunião Anual da SBPC. Fortaleza: UECE, 2005.

\_\_\_\_\_. **A linguagem regional popular na obra de José Lins do Rego**. João Pessoa-PB: FUNESC, 1990.

\_\_\_\_\_. **Linguística aplicada aos falares regionais**, V.1 João Pessoa: A União, 1983.

\_\_\_\_\_. Variação semântico-lexical em Atlas Linguísticos Nordesteiros. In: **Anais da XX Jornada de Estudos Linguísticos - GELNE**. João Pessoa: UFPB, 2004.

\_\_\_\_\_. **Motivações significativas de itens lexicais da linguagem regional-popular nos atlas linguísticos regionais brasileiros**. 2006.

Disponível em: [www.profala.ufc.br/ProjetoMotivaçõesSignificativas.pdf](http://www.profala.ufc.br/ProjetoMotivaçõesSignificativas.pdf).

Acesso em: 30/04/2019

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso** - por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2004.

\_\_\_\_\_. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz? São Paulo: Loyola, 2008.

BARBOSA, M. A. Relações de significação nas unidades Lexicais. In: O léxico e a produção da cultura: elementos semânticos. I ENCONTRO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DE ASSIS. **Anais**. Assis; UNESP, 1993.

\_\_\_\_\_. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: **Anais do II Simpósio Latino Americano de Terminologia e I Encontro Brasileiro de Terminologia Técnico Científico**. Brasília: IBICT, 1990.

\_\_\_\_\_. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. IN: ALVES, I. M. A constituição da normalização terminológica no Brasil. 2 ed. São Paulo: FFCH/CITRAT, 2001. **Caderno de Terminologia**, 1, p. 23-46.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do Léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto. (orgs.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2001, p.13-22.

- \_\_\_\_\_. Léxico e o vocabulário fundamental. **Alfa**, São Paulo, 40: 27-46, 1996.
- \_\_\_\_\_. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.
- BLANCH, I.L. La sociolinguística y la dialetología hispánica. In: \_\_\_\_\_. **Em torno a la sociolinguística**. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1978.
- BORBA, F. S. **Dicionários de uso do português do Brasil**. São Paulo: Ática, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Organização de dicionários**: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Introdução aos estudos linguísticos**. 12ed. Campinas: Portes, 1998.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa, vol.2. Brasília, 1998.
- \_\_\_\_\_. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) **Guia de pesquisa e documentação para o inventário Nacional da diversidade Linguística (INDLL)**, vol.1. Brasília, 2016.
- CANÇADO, M. **Manual de semântica**. São Paulo: Contexto, 2013
- CÂMARA JR. J. M. Língua e Cultura. In: CÂMARA JR. J. M. **Dispersos**. 2.ed. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1975.
- \_\_\_\_\_. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Universidade do Brasil, Museu Nacional, 1965.
- \_\_\_\_\_. **Dicionário de linguística e gramática**. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1879.

CARDOSO, S. A. Dialetolegia. In: MOLLICA, M.C.; JUNIOR, C.F. **Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

\_\_\_\_\_. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CASCUDO, L. C. **Civilização e cultura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983.

CASTILHO, A. **O que é semântica?** Museu de Língua Portuguesa.

Disponível: [http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_40.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_40.pdf).

Acesso em 30 de out. 2018.

CHIERCHIA, G. **Semântica**. Campinas- SP & Londrina-PR: Ed. Da Unicamp & EDUEL, 2003.

CINTRA, L. F. L. **Estudos de dialetologia portuguesa**. Lisboa: Sá Costa Editora, 1983.

COELHO, B. J. **Linguagem: conceitos básicos**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

COELHO, I. L. [et al]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COELHO, I. L.; GORSKI, E. M. **Variação linguística e ensino da gramática. WorkingPapers em Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLg). Volume 10- número 1. Florianópolis:2009. P.73-91.

Versão eletrônica disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/artiele/view/1984-8420.2009v10n1p73/12022>

COSERIU, E. **Princípio de semântica estrutural**. Madrid: Editorial Gredos, Biblioteca RomânicaHispanica, 1977.

\_\_\_\_\_. Sentido y tareas de la dialetologia. **Cadernos de Linguística**, México, ALFAL, n.8, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos e tarefas da sócio e etnolinguística**. In: I Congresso Nacional de Sócio e Etnolinguística, João Pessoa: UFPB, 1987.

\_\_\_\_\_. **O homem e sua linguagem.** Madrid: Gredos, 1977.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DUBOIS, I. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

FARACO, C. A. **Linguística Histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FARIAS, E. M. P. Uma breve histórica do fazer Lexicográfico. Colegiado do curso de Letras – Campus de Mal.Cândido Rondon. **Revista Trama** –volume 3- número 5 - 1º semestre de 2007-P.89-98.

Versão eletrônica disponível na internet: [www.unioeste.br/saber](http://www.unioeste.br/saber).

HENRIQUES, C. C. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lídia Almeida. (orgs). **As ciências do léxico:** lexicologia, lexicografia e terminologia. Volume V. Campo Grande, Ms: Ed. UFMS, 2010. P.99-115.

\_\_\_\_\_. **Léxico e semântica:** estudos produtivos sobre a palavra e significação. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

ILARI, R. **Introdução ao estudo do léxico:** brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2002.

ILARI, R. & BASSO, R. **O Português da gente:** a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

ILARI, R.; GERALDI, J. W. **Semântica.** São Paulo: Ática, 1985.

KRIEGER, M. G. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. IN: ISQUERDO, Aparecida Negri; FINATTO, Maria José Bocorny. (orgs) **As ciências do**

**léxico:** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Volume IV. Campo Grande. Editora UFMS, 2010. P.161-174.

\_\_\_\_\_. Lexicologia e lexicografia diacrônica: qual o papel desse tipo de pesquisa. IN: ISQUERDO, A. N. BARROS, L. A. (orgs) **As ciências do léxico:** Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Volume V. Campo Grande: Editora UFMS, 2010. P.135-152.

\_\_\_\_\_. O dicionário de língua como potencial instrumento didático. IN: ISQUERDO, A.N.; ALVES, I.M. (orgs). **As ciências do léxico:** Lexicologia, lexicografia e terminologia. Vol3. Campo Grande: Ed. UFMS. São Paulo: Humanitas, 2007, P.295-309.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos.** Trad. De Marcos Bagno; M.M.P. Schere; C.P. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LARA, L.F. **Teoria del diccionario monolíngue.** México, El Colégio de México, Centro de Estudios lingüísticos y Literarios, 1996.

LARAIA, R.B. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LÉVI-STRAUSS, C. Linguística e Antropologia. In: \_\_\_\_\_. **Antropologia estrutural.** Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 2003.

LIMA BARRETO, E. R. **Etnolinguística:** pressuposto e tarefas. p@artes. (São Paulo). Junho de 2010. ISSN 1678-8419.

Disponível em: [www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-p-supostos-e-tarefas/](http://www.partes.com.br/2010/07/02/etnolinguistica-p-supostos-e-tarefas/)  
Acesso em: 30/04/2019.

LYONS, J. New Horizons in Linguistics. In: ARAGÃO, M.S.S. **Linguística aplicada aos falares regionais.** João Pessoa: A União, 1983. P.59.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MARCUSCHI, L. A. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. orgs. **Gêneros textuais e ensino**. 3ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARINHO, J. H. C. **Variação Linguística e ensino**: caderno do professor. Belo Horizonte: Ceale, 2006.

MOLLICA, M.C.; BRAGA, M.L. (orgs) **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação.3.ed. São Paulo: contexto, 2008.

MONTES, J. J. **Dialetologia general e hispano americana**. 3.ed., Bogotá: ICC, 1995.

MUSSALIN, F.; BENTES, A.C. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. Voll. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCENTES, A. Etudes dialectologiques du Brésil. **ORBIS** - Bulletin International de DocumentationLinguistique, Louvain, t.1, n.1, 1952.

OLIVEIRA, A. M. P.; ISQUERDO, A. N. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

POLGUÈRE, A. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução de Sabrina Pereira de Abreu. São Paulo: Contexto, 2018.

POTTIER, B. **Linguistique générale**: théorie et discription. Paris: Klincksieck, 1974.

\_\_\_\_\_. **Grammaire de l'espagnol**. Paris: PressesUniversitaires de France, 1972.

QUIRINO, J. **Prosa Morena**. Recife : Bagaço, 2005.

\_\_\_\_\_. **Bandeira Nordestina**. Recife : Bagaço, 2006.

\_\_\_\_\_. **Berro Novo**. Recife : Bagaço, 2009.

\_\_\_\_\_. **Papel de Bodega**. Recife : Bagaço, 2013.

RECTOR, M.; YUNES, E. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro: Ao bairro técnico, 1980.

ROSSI, N. **A dialetologia**. ALFA, Marília, n.11, 1967.

SAPIR, E. **Linguística como ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2010.

SILVA-CORVALAN, C. **Sociolinguística, teoria y análisis**. Madri: Alhambra, 1988.

SILVA, M. B. **A Terminologia do Sal no RN: Uma abordagem socioterminológica**. Fortaleza, 2007. 211 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará – UFC.

Acesso em: 20/03/2019

Disponível

em:

[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5903/1/2007\\_dis\\_mbsilva.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5903/1/2007_dis_mbsilva.pdf)

VILELA, M. **Estudo de lexicologia do português**. Coimbra: Almeida, 1994.

ULLMANN, S. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Trad. I. A. Osório Mateus. 2. Ed, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

#### **DICIONÁRIOS UTILIZADOS:**

ALMEIDA, H. **Dicionário popular paraibano**. João Pessoa: Grafset, 1985.

BECHARA, E. **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FONSECA JUNIOR, A. S. **Dicionário de português nordestino: (nordestinês)**. São Paulo: Factash Editora, 2014.

HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. (versão off-line). São Paulo: Objetiva, 2001.

NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste: 5000 palavras e expressões**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

**ANEXO****UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB**  
**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL**  
**LINHA DE PESQUISA: Estudos Semióticos**

**PESQUISA:** A Linguagem Regional-Popular em Jessier Quirino: um estudo léxico-semântico

**PESQUISADORA:** Ellem Kyara Pessoa dos Santos

**ORIENTADORA:** Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Socorro da Silva Aragão

**FICHA LEXICOGRÁFICA**

9. Entrada
10. Aspectos gramaticais
11. Indicação de dicionarização ou não dicionarização e suas acepções dicionarizadas
12. Variante léxica
13. Definição final
14. Abonação
15. Remissivas
16. Notas: linguísticas e/ou enciclopédicas